

Priscilla Zanforlim Zago

**PROCESSOS JUNTIVOS DE CAUSA: UM ESTUDO DOS
USOS VARIÁVEIS EM TEXTOS ESCRITOS**

São José do Rio Preto
2014

PRISCILLA ZANFORLIM ZAGO

**PROCESSOS JUNTIVOS DE CAUSA: UM ESTUDO DOS
USOS VARIÁVEIS EM TEXTOS ESCRITOS**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Área de Concentração - Análise Linguística, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, câmpus de São José do Rio Preto.

Orientadora: Profa. Dra. Sanderléia Roberta Longhin

São José do Rio Preto
2014

Zago, Priscilla Zanforlim.

Processos juntivos de causa : um estudo dos usos variáveis em textos escritos / Priscilla Zanforlim Zago. -- São José do Rio Preto, 2014
109 f. : il., gráfs., tabs.

Orientador: Sanderléia Roberta Longhin

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Linguística. 2. Análise linguística (Linguística) 3. Gramática discursivo funcional. 4. Causalidade. 5. Língua portuguesa – Português escrito - São José do Rio Preto (SP) 6. São José do Rio Preto (SP) - Ensino fundamental. I. Longhin, Sanderléia Roberta. II. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU – 41

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

COMISSÃO JULGADORA

Titulares

Profa. Dra. Sanderléia Roberta Longhin - Orientadora

Profa. Dra. Luciani Ester Tenani

Profa. Dra. Cristina dos Santos Carvalho

Suplentes

Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho

Profa. Dra. Ana Paula Rocha

*ao meu avô Henrique Zanforlim,
que, além da saudade, deixou lições de amor, honestidade e respeito.*

*aos meus pais Antônio e Sandra e a minha irmã Bianca, que me apoiaram
incondicionalmente.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Antônio e Sandra, e à minha irmã, Bianca, por todo amor, apoio, compreensão e paciência; por serem a *razão* da minha vida, *a escada da minha subida*, *o amor da minha vida*, *o meu abrir de olhos do amanhecer*, *a verdade que me leva a viver*. Sem vocês, eu não seria!

À Professora Sanderléia Longhin, por me ensinar, com muito carinho e paciência, os *porquês* da linguagem e, principalmente, a importância da honestidade e da seriedade para a vida acadêmica/profissional.

A minha avó Cida, sábia e formada pela escola da vida, pelo carinho e pela paciência incondicionais concretizados em almoços fartos de domingo.

A todos os meus familiares, tios, tias, primos e primas, por estarem sempre disponíveis para sermos uma FAMÍLIA.

Ao meu amigo de vida Guilherme Pascutti, mais conhecido como Cid, por ser um companheiro para todas as horas e, principalmente, por compreender e respeitar cada uma das minhas manias e cada um dos meus defeitos. Merci, Cid!

Ao meu casal-amigo, Ana Paula Bolgue e Adriano Gasparini, pela amizade de mais de 15 anos e, principalmente, por ainda estarem presentes na minha vida.

À minha amiga Geovana, minha irmã-amiga de alma, pelo amor, confiança e ensinamentos pessoais e acadêmicos preciosos carregados de tranquilidade e sabedoria; por ter me apresentado ao Jota, amigo querido e patrão-amigo, que, por sua vez, foi e é imprescindível para minha carreira profissional. Ge e Jota, obrigada pela confiança e pelo carinho de sempre.

Às minhas amigas queridas Ana Paula de Oliveira e Fernanda Sbrissa, que, mesmo distantes fisicamente, são muito especiais.

Às minhas amigas Juliana Junqueira e Laís Mendicino, por dividirem comigo as *dores* e as *delícias* do mundo escolar.

Aos meus amigos que, mesmo sem entender os *motivos* dos meus sumiços e da minha falta de atenção durante esses dois anos, me compreenderam e torceram por mim.

A todos os meus alunos, que me ensinam, me inspiram e me incentivam.

Aos mantenedores e diretores do Kelvin Pré-vestibular e Colégio, pelo apoio, pela confiança e pela paciência.

Às Professoras Luciani Tenani, Lúcia Lopes-Damásio, Maria da Conceição Paiva e Cristina Carvalho, pela leitura cuidadosa das versões preliminares deste trabalho e pelas dicas, sugestões e correções valiosas que espero ter atendido.

A todos os professores do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários do IBILCE, que muito contribuíram, desde a graduação, para a minha formação e, de forma direta ou indireta, me ajudaram neste trabalho.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

"She was born to discover the falsehood of her own opinion, and to counteract, by her conduct, her most favorite maxims." (Jane Austen - Sense and Sensibility)

SUMÁRIO

Lista de esquemas.....	10
Lista de quadros.....	11
Lista de gráficos.....	12
Lista de tabelas	13
Lista de figuras	14
Lista de juntogramas.....	15
Lista de anexos	16
Resumo	17
Abstract.....	18
Introdução	19

SEÇÃO 1

Junção.....	26
1.1 Perspectivas normativa e descritiva sobre a junção causal: afastamentos e aproximações	26
1.2 Modelos de junção de orações.....	34
1.3 Os modos de articulação das construções causais	42
1.4 Tradições discursivas e junção	46

SEÇÃO 2

Material e método	52
2.1 <i>Corpus</i>	52
2.2 Metodologia	56

SEÇÃO 3

Processos juntivos de causa em textos escritos por alunos do EF II	62
3.1 Frequência <i>token</i> e os padrões semânticos (<i>type</i>) causais	62
3.2 As dimensões das unidades combinadas na relação causal	68
3.3 Os modos sintáticos de composição e os tipos de juntores na relação causal	76
3.4 Os domínios pragmáticos na relação causal	86
3.5 Padrões semânticos causais, séries escolares e Tradições Discursivas	90
 Considerações finais	 102
Referências bibliográficas	105

Lista de esquemas

Esquema 01: O sistema funcional de junção (Adaptado de Halliday, 1985, p. 377).....	34
Esquema 02: Junção (Adaptado de Raible, <i>apud</i> Kabatek, 2006, p.13)	37
Esquema 03: Camadas de sentido – polissemia entre e dentro de cada camada (Kortmann, 1997).....	45
Esquema 04: Tradições Discursivas (<i>apud</i> KABATEK, 2006).....	47

Lista de quadros

Quadro 01: Esquema simplificado do eixo vertical de junção (grau de integração) (Adaptado de Raible, <i>apud</i> Kabatek, 2006, p.14)	38
Quadro 02: Padrões causais fundados na relação de sentido	58
Quadro 03: Dimensões das unidades envolvidas nas construções causais	69

Lista de gráficos

Gráfico 01: Textos produzidos e número de alunos (extraído de TENANI; LONGHIN-THOMAZI, 2014)	53
Gráfico 02: Frequência, em números absolutos, das construções causais por cada escrevente	85
Gráfico 03: Padrão semântico causal e série escolar	90

Lista de tabelas

Tabela 01: Distribuição das ocorrências de cada escrevente em perspectiva longitudinal	63
Tabela 02: Frequência dos padrões semânticos causais (<i>type</i>).....	65
Tabela 03: Padrões dimensionais e séries escolares.....	70
Tabela 04: Padrões causais e dimensão das unidades envolvidas na construção.....	71
Tabela 05: Frequência, tipos de juntores e padrões causais, em construções paratáticas	78
Tabela 06: Construções causais subordinadas distribuídas pelos padrões causais.....	85
Tabela 07: Frequência de construções causais: correlação entre série e domínio pragmático	87
Tabela 08: Correlação entre domínios pragmáticos e padrões semânticos causais	88
Tabela 09: Relação entre séries, domínios pragmáticos, padrões semânticos e TDs.....	92

Lista de figuras

Figura 01: Tirinha da Proposta 01 solicitado na 5. ^a série em 2008.....	94
Figura 02: Texto 01 - Escrevente 01, Proposta 1, 5. ^a série, ano 2008.....	95
Figura 03: Texto 02 - Escrevente 02, Proposta 1, 5. ^a série, ano 2008.....	97
Figura 04: Texto 03 - Escrevente 04, Proposta 7, 8. ^a série, ano 2011.....	98
Figura 05: Texto 04 - Escrevente 03, Proposta 7, 8. ^a série, ano 2011.....	100

Lista de juntogramas

Juntograma 01: Mapeamento das causais do Texto 01 101

Juntograma 02: Mapeamento das causais do Texto 03 101

Lista de anexos

Anexo 01: Propostas de produções textuais - 5. ^a série (2008)	107
Anexo 02: Propostas de produções textuais - 6. ^a série (2009)	108
Anexo 03: Propostas de produções textuais - 7. ^a série (2010)	109
Anexo 04: Propostas de produções textuais - 8. ^a série (2011)	110

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a realização variável dos processos juntivos de causa nos domínios sintático, semântico e pragmático (cf. PAIVA, 1992; NEVES *et al.* 2008; PAIVA e BRAGA, 2010) e as possíveis correlações com as Tradições Discursivas (cf. KABATEK, 2006; LONGHIN-THOMAZI, 2011a,b) em textos escritos por alunos do segundo ciclo do Ensino Fundamental de uma escola pública de São José do Rio Preto/SP. A partir de um modelo funcionalista de junção (HALLIDAY, 1985; KORTMANN, 1997; RAIBLE, 2001; HOPPER e TRAUGOTT, 2003), reconhecemos que o domínio causal se concretiza por meio de diferentes modos estruturais de combinação entre orações e/ou sintagmas e apresenta polissemias semântica e pragmática. Entendemos, ainda, que a causalidade envolve implicação lógica e, também, fatores de ordem discursivo-pragmática, relacionados a aspectos sociais e a intenções e expectativas que os indivíduos têm no e do mundo. Nessa perspectiva, o objetivo maior desta pesquisa é concretizado pela consolidação da análise das construções de causa, considerando o cruzamento entre as opções: i) do eixo tático (parataxe, hipotaxe e subordinação); ii) do eixo semântico (causa/efeito, efeito/causa, fato/explicação, asserção/explicação e asserção/conclusão); e iii) do eixo pragmático (conteúdo, epistêmico e ato de fala – cf. Sweetser 1990). Investigamos, em seguida, em que medida a(s) tradição(ões) discursiva(s) em que os textos se inserem ajudam a explicar a frequência e os tipos de esquemas de causalidade encontrados. O *corpus* deste trabalho é composto por 130 textos de cinco escritores coletados ao longo dos anos de 2008, 2009, 2010 e 2011, no âmbito do Projeto de Extensão Universitária “Desenvolvimento de oficinas de leitura, interpretação e produção textual” (PROEX) vinculado à UNESP, câmpus de São José do Rio Preto e coordenado pelas Profas. Luciani Tenani e Sanderléia Longhin. Quanto à metodologia, conjugamos as abordagens quantitativa por meio dos métodos relevantes – frequências *token* e *type* – aos moldes de Heine *et al.* (1991) e Bybee (2003). Os resultados confirmam que os processos juntivos de causa realizam-se, em textos escritos, de forma variável - nos domínios sintático, semântico e pragmático - em todas as séries do EF II com predomínio de padrões semânticos, sintáticos e estruturais em determinadas séries e em determinadas tradições discursivas e, ainda, que o tipo de padrão causal utilizado parece relacionado tanto ao tipo de tradição discursiva em que os textos estão inseridos, como a aspectos pragmáticos e cognitivos.

Palavras-chave: junção, processos juntivos de causa, tradições discursivas.

ABSTRACT

The goal here is to analyse the variable accomplishment of conjunctive processes of *causa* in the syntactic, semantic and pragmatic fields (as PAIVA, 1992; NEVES *et al.* 2008; PAIVA and BRAGA, 2010) and the possible correlation with the Discourse Traditions (as KABATEK, 2003; LONGHIN-THOMAZI, 2011a,b) in written texts by students in the Middle School of a public school in São José do Rio Preto, in the state of São Paulo. From a functional-based junction model (HALLIDAY, 1985; KORTMANN, 1997; RAIBLE, 2001; HOPPER e TRAUGOTT, 2003), we recognize that the casual mastery is realized through different structural combination modes between sentences and/or phrases and introduces semantic and pragmatic polysemy. We also understand that casualty involves logical implication as well as discursive-pragmatic factors, related to social aspects and individual intentions and expectations about the world. Therefore, the main goal of the research is achieved by an analyses of cause constructions consolidation that considers the intersection between the following options: i) tactical axis (parataxis, hypotaxis and subordination); ii) semantic axis (*causa* and effect, effect and *causa*, fact and explanation, assertion and explanation, and assertion and conclusion); and iii) pragmatic axis (content, epistemic and speech act – as SWEETSER, 1990). Then we investigate the extent to which discourse tradition, in which texts are used, helps to explain frequency and types os causally scheme found and, in the opposite direction, evaluate the extent to which causal junction schemes help to verge the discourse tradition. The *corpus* of this study consists of 130 texts of five writers, which were gathered from 2008 to 2011, under the University Extension Project “Development of workshops in reading, interpreting and writing” bound to UNESP, in São José do Rio Preto *campus*, and coordinated by teachers Luciani Tenani and Sanderléia Longhin. Regarding the methodology, we combine quantitative approaches through the relevant methods – *token* and *type* frequencies – to the works of Heine *et al* (1991) and Bybee (2003). Results confirm that the conjunctive processes of *causa* are held, in written texts, in variable manner – in the synthetic, semantic and pragmatic fields – in Middle School grades with a predominance of semantic, syntactical and structural standards in specific grades and discourse traditions as well as the type causal standard seems related to the discourse tradition type in which texts are inserted as well as pragmatic and cognitive aspects.

Keywords: junction, conjunctive process of *causa*, discourse traditions.

INTRODUÇÃO

O propósito maior desta pesquisa é estudar a realização variável dos processos juntivos de causa nos domínios sintático, semântico e pragmático (cf. PAIVA, 1992; NEVES *et al.* 2008; PAIVA e BRAGA, 2010) e as possíveis correlações com as Tradições Discursivas (TDs, daqui em diante), nos moldes de Kabatek (2006) e Longhin-Thomazi (2011a,b), em textos escritos por alunos do segundo ciclo do Ensino Fundamental (EF II, daqui em diante) de uma escola pública de São José do Rio Preto/SP. A correlação entre junção e tradição discursiva se justifica, uma vez que o conceito de TD, conforme proposto por Kabatek (2006), aponta para uma perspectiva teórico-metodológica que possibilita uma abordagem diferenciada da concretização variável da junção.

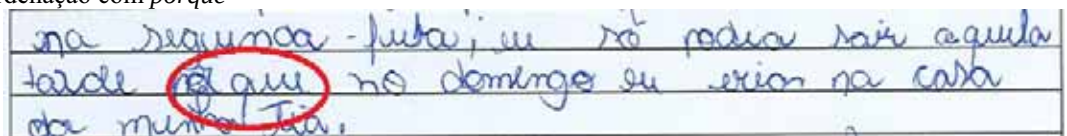
No âmbito da junção, elegemos as relações de *causa*, entendendo-as como parte de um domínio semântico mais geral, altamente polissêmico, que comporta sentidos mais específicos como *causa propriamente dita*, *explicação*, *razão*, *justificativa* e *motivo* (cf. PAIVA, 1992). Além da polissemia semântica, reconhecemos também uma polissemia de ordem pragmática, que decorre da diferenciação entre relações causais no mundo sócio-físico e relações causais entre etapas de um raciocínio (cf. SWEETSER, 1990). Acrescentam-se a isso as afinidades existentes entre causa e outros domínios de sentido, em que um processo juntivo interpretado como causal pode apresentar, concomitantemente, leituras temporais, condicionais e/ou concessivas, o que indicia fluidez na constituição desses sentidos (cf. KORTMANN, 1997).

Para nós, a relação de sentido causal envolve, ainda, implicação lógica e, também, fatores de ordem discursivo-pragmática, relacionados a aspectos sociais e a intenções e expectativas que os indivíduos têm no e do mundo. À maneira de Meyer (2000), defendemos que a relação causal resulta mais de aspectos sociais e cognitivos do que de aspectos lógicos. Em suma, o recorte em favor dos processos juntivos de causa deve-se, principalmente, ao fato

de que a causalidade é uma categoria fundamental para a representação do conhecimento humano, sobretudo para os processos de predição, explicação e compreensão (cf. NOORDMAN e BLIJZER, 2000).

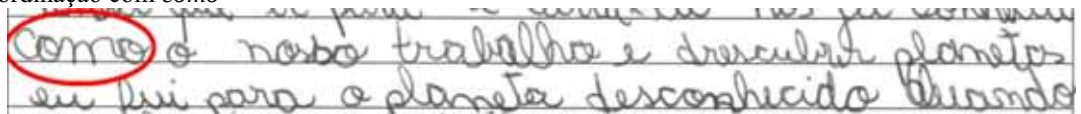
Tendo em conta essa complexidade de sentidos que envolve a relação causal, focalizaremos as realizações linguísticas da causalidade em textos escolares. As ocorrências abaixo, retiradas do *corpus* desta pesquisa, são representativas da realização variável da junção causal - com ou sem conectivos explícitos - nos domínios: i) *formal*, por meio de construções ora mais dependentes estruturalmente, conforme (02) e (03), ora menos dependentes, conforme (01), (04) e (05); ii) *semântico*, por meio do reconhecimento das relações de causa (motivo, razão) e efeito (consequência), conforme (02), (04) e (05), ou de relações entre um fato (ou uma afirmação) e sua possível explicação (justificativa), conforme (01) e (03); e iii) *pragmático*, por meio de relações referenciais, conforme de (02) a (05), e relações epistêmicas, conforme (01).

(01) coordenação com *porque*



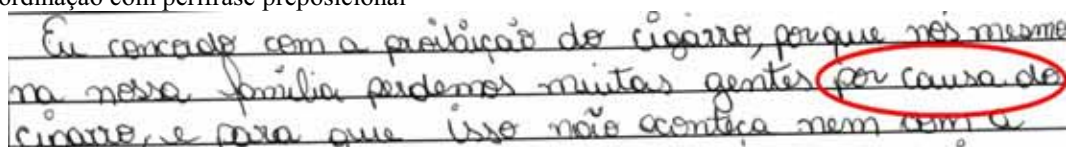
(E2/6S/P3:Oc18)¹

(02) subordinação com *como*



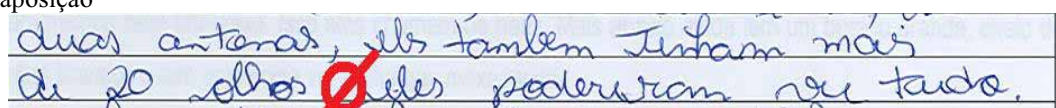
(E1/5S/P5:Oc05)

(03) subordinação com perífrase preposicional



(E4/8S/P6:Oc94)

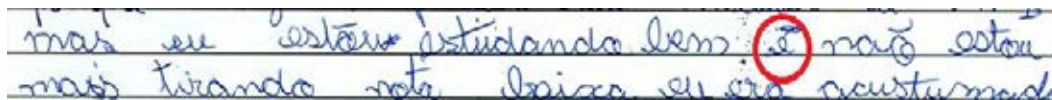
(04) justaposição



(E2/5S/P5:Oc04)

¹ Lê-se: Escrevente 02/6.ª série/Proposta 3: Ocorrência 18.

(05) coordenação com e



(E4/6S/P2:Oc20)

Como sugerem as ocorrências acima, a causalidade se concretiza por meio de diferentes modos de combinação entre orações e/ou sintagmas. As gramáticas tradicionais (cf. LIMA, 1992; CUNHA e CINTRA, 2001; BECHARA, 2005) que têm propósitos prescritivos e não descritivos, tratam a combinação de orações em termos dicotômicos no domínio estrutural, Coordenação e Subordinação, e, em geral, não estabelecem critérios satisfatórios para diferenciar sentidos mais específicos dentro do domínio semântico causal - causa e explicação - e entre causa e outros sentidos, como tempo, condição e concessão. Além disso, a abordagem normativa, por não ter objetivo descritivo, não trata da junção de unidades menores (termos) e maiores (conjunto de orações) e nem de aspectos pragmáticos e lógicos que envolvem os processos juntivos, em especial na causalidade.

De forma diferente, propostas funcionalistas adotadas nesta pesquisa, como Halliday (1985) e Raible (2001), partem da noção de não discretude dos processos de combinação de orações, pois objetivam depreender os diferentes processos de junção e, essencialmente, a fluidez desses mecanismos. Afastando-se da abordagem normativa, esses modelos, assim como este trabalho, têm como propósito reconhecer a flutuação dos processos juntivos nos domínios sintático, semântico e pragmático, entendendo que coordenação e subordinação são apenas dois dos possíveis processos de junção de orações e que, entre eles, há outros processos, que poderiam ser representados em um *cline*², em que num polo figuram construções mais dependentes e, no outro, menos dependentes. Para esses autores, a junção é realizada, principalmente, a partir do cruzamento entre os eixos sintático e semântico. Em relação ao domínio semântico, reconhecemos, à maneira de Kortmann (1997), polissemia e

²*Cline* é uma forma de representação que permite esboçar a flutuação e a não discretude das categorias de análise.

derivações nas e entre as relações de sentido. Consideramos, nesta pesquisa, também, a polissemia no domínio pragmático (cf. SWETSEER, 1990).

Nessa perspectiva da junção, Longhin-Thomazi (2011a, b), ao investigar as junções em uma amostra longitudinal de textos produzidos por duas crianças, durante as quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, constatou uma tendência: os textos de escrita mostram a expressão de uma diversidade de sentidos por meio de um mínimo de recursos morfossintáticos. A autora verificou que as construções causais, bem como as demais relações de sentido, são realizadas nos textos preferivelmente por meio de construções paratáticas justapostas e de construções com *e*, conforme as ocorrências de (06) a (08) extraídas do trabalho da autora. Além disso, nesses trabalhos, a autora contemplou a noção de TD e defendeu que a aquisição de TDs da escrita se faz de forma constitutiva com as TDs da oralidade e que tal constituição heterogênea fica particularmente clara ao considerarmos a realização variável da junção nos eixos sintagmático (como juntar) e paradigmático (tipos de juntores).

- (06)Primeiro pegue a panela Ø jogue a pipoca e adicione o óleo e tampe a panela e asenda o fogão e deixe porum 5 minutos e pode comer a pipoca. (E1/P11:A1)
 (07)e a mãe da pensou que o estra-terrestre era uma gelatina de limão e comeu o estra-terrestre (E1/P24:A2)
 (08)Denge. Ajude e você não pega. A denge é um mosquito nemor do que o mosquito normal (E1/P8:A1)

Em (06), a ordem icônica das orações contribui para a construção de uma relação de tempo sequencial. Em (07), a relação entre o que vem antes e depois no tempo, constatada no exemplo anterior, ajuda aqui a sustentar um vínculo do tipo causa e efeito. Em (08), a relação causa e efeito entre as orações *ajude e você não pega* e a morfologia tempo/modo são traços linguísticos que alimentam um valor hipotético e indiciam uma leitura condicional. Em todo *corpus*, a autora constatou uma polissemia inerente às construções, principalmente envolvendo as relações de *tempo*, *causa* e *condição*, comprovando, portanto, a variabilidade de sentido dos processos de junção, que é similar àquela verificada nos fenômenos de

mudança semântica (cf. KORTMANN, 1997). Assim, a polissemia reconhecida no *corpus* parece recapitular tendências diacrônicas no que diz respeito aos trânsitos entre os sentidos.

O presente trabalho segue preceitos similares ao de Longhin-Thomazi (2011a,b), pois descreve e analisa aspectos da junção à luz das propostas funcionalistas, que contemplam vários níveis de análise e admitem, essencialmente, a flutuação dos processos e das categorias (cf. HALLIDAY, 1985; KORTMANN, 1997; RAIBLE, 2001; HOPPER e TRAUGOTT, 2003). No entanto, este trabalho justifica-se à maneira que focaliza a variabilidade e a polissemia da junção especificamente dentro do domínio semântico causal, em textos escritos no EF II, bem como amplia a discussão sobre o cruzamento entre o domínio do sentido e os domínios sintático e pragmático e sobre a fluidez dos processos em cada domínio. A escolha do lugar de investigação - textos escritos em contexto escolar - em que lidamos com a instabilidade, já que os alunos não dominam, nesta fase, a morfossintaxe e as TDs da escrita, justifica-se pela possibilidade de flagrar aspectos relacionados à compreensão e à realização dos processos juntivos causais na elaboração dos textos.

Perseguimos, então, dois objetivos maiores:

- (i) Analisar a realização variável dos processos juntivos de causa a partir da consideração conjunta de informações dos níveis de análise. Para tanto, consideramos o domínio sintático (com as opções de parataxe, hipotaxe e subordinação), o domínio semântico-cognitivo (com as relações polissêmicas que englobam *causa propriamente dita*, *motivo*, *razão*, *justificativa* e *explicação*) e o domínio conceitual (os domínios do conteúdo, epistêmico e atos de fala, nos moldes de Sweetser, 1990).
- (ii) Avaliar a contribuição da TD em que o texto está inserido para o uso e a frequência de determinados processos juntivos.

O universo de investigação é composto por dados de escrita do Banco de Dados de Escrita que pertence ao IBILCE/UNESP e que foi constituído pelas Profas. Dras. Luciani Tenani e Sanderléia Longhin (cf. TENANI; LONGHIN-THOMAZI, 2014) como resultado das atividades do Projeto de Extensão Universitária “Desenvolvimento de oficinas e leitura, interpretação e produção de textos no ensino fundamental”, que foi realizado, no período de 2008 a 2011, com o apoio da PROEX/UNESP.

Para esta pesquisa, em especial para o cumprimento do primeiro objetivo - análise dos processos juntivos causais -, compomos o *corpus* a partir da seleção de textos de cinco escreventes, produzidos durante os quatro anos do EF II. Esse recorte em perspectiva longitudinal permitirá verificar aspectos da realização variável da causalidade ao longo dos quatro anos do EF II e, mais especificamente, captar a instabilidade presente em textos escolares desse período, em que os alunos estão em processo de aquisição de novas construções morfossintáticas, no exercício da escrita. Em outras palavras, será possível investigar como os alunos compreendem e codificam a junção causal nas diferentes séries e em textos que se inserem em diferentes TDs.

Essa instabilidade já foi focalizada em pesquisas sobre aquisição de causa em dados da oralidade de crianças pequenas e em dados de escrita infantil, mas desconhecemos trabalhos que privilegiem esse período escolar - EF II - que, de certo modo, ainda é de aquisição, aprendizagem e desenvolvimento.

Para cumprir o segundo objetivo - avaliar em que medida a TD ajuda a explicar a variabilidade dos processos juntivos causais - elegemos alguns textos da amostra longitudinal, que compreendem as formas textuais narrativa e argumentativa.

Quanto à metodologia, conjugaremos as abordagens quantitativa e qualitativa, adotando dois métodos relevantes, segundo Heine *et al.* (1991) e Bybee (2003): i) frequência *token*, que será obtida pela contagem geral de ocorrências das construções causais com ou

sem conectores; e ii) frequência *type* que será apurada quantitativa e qualitativamente por meio do reconhecimento de diferentes padrões de processos juntivos de causa, que será norteado pelas relações semânticas. À luz desse propósito, escolhemos partir dos padrões semânticos propostos para discutir, das perspectivas quantitativa e qualitativa, os domínios estrutural e pragmático e o cruzamento entre eles.

Dividimos este trabalho em quatro seções. A primeira aborda aspectos teóricos e problematizações envolvendo a junção: apresentamos uma revisão acerca da literatura gramatical normativa e de estudos descritivos dos processos juntivos de causa com o objetivo de promover um diálogo entre as distintas maneiras de vislumbrar o mesmo objeto e explicitar as contribuições para esta pesquisa; em seguida, avaliamos, do ponto de vista linguístico, as contribuições das propostas de Halliday (1985), Raible (2001) e Hopper e Traugott (2003) para o tratamento da junção e para as escolhas metodológicas desta pesquisa; discutimos, ainda, aspectos relevantes para a problemática do trabalho envolvendo a estrutura paratática; por fim, discutimos o conceito de TDs e sua relevância no âmbito da junção, bem como aspectos importantes para as escolhas metodológicas para o cumprimento do segundo objetivo deste trabalho.

A segunda seção é metodológica, em que detalhamos o *corpus* e os procedimentos utilizados para a análise dos processos juntivos causais e para avaliação da relação entre TD e junção causal. A terceira seção é de análise, com a discussão dos resultados. Por fim, apresentamos as considerações finais, seguidas da bibliografia.

SEÇÃO 1

Junção

Nesta seção, apresentamos uma revisão do tratamento dado aos processos de junção causal na abordagem normativa com o objetivo de levantar os critérios de categorização e, assim, compará-los ao tratamento dado em estudos descritivos (cf. PAIVA, 1992; NEVES, 2000; NEVES *et al*, 2008) pretendemos explicitar, assim, afastamentos e aproximações dessa pesquisa em relação a essas abordagens. Na sequência, discutimos os modelos de junção propostos por Halliday (1985), Raible (2001) e Hopper e Traugott (2003), que fundamentam as decisões metodológicas e a análise das causais. Nessa discussão, privilegiamos a noção de parataxe, a fim de explicitar as dificuldades relacionadas aos critérios de análise no que se refere ao domínio estrutural na relação semântica causal. Por fim, tratamos do conceito de TD e de sua relação com junção.

1.1 Perspectivas normativa e descritiva sobre a junção causal: afastamentos e aproximações

Os processos juntivos causais, que investigamos neste trabalho, são abordados, do ponto de vista normativo, no âmbito da Coordenação e da Subordinação. Na coordenação, as orações coordenadas conclusivas, iniciadas por conjunções, *logo*, *pois*, *portanto*, *por conseguinte*, *por isso*, *assim*, exprimem conclusão e/ou consequência e as orações coordenadas explicativas, encabeçadas por conjunções explicativas, como *que*, *porque*, *pois*, *porquanto*, justificam a ideia contida na oração principal.

Em relação à categorização das subordinadas na gramática tradicional (GT, daqui em diante), destacamos as *causais* que, segundo Lima (1992), indicam o fato determinante da realização, ou não realização, do que se declara na principal e, para Bechara (2005),

exprimem causa, motivo, razão do pensamento expresso na oração principal, e *consecutivas*, que expressam uma consequência do fato ou da afirmação dados na oração anterior.

Conforme mencionado, na GT (cf. BECHARA, 2005; CUNHA e CINTRA, 2001; LIMA, 1992), os períodos compostos de duas ou mais orações são agrupados, de acordo com critérios sintáticos, em Coordenação e Subordinação. Na coordenação, as orações são independentes, completas sintaticamente, e podem vir ligadas explicitamente por conjunções ou podem se apresentar justapostas. Na subordinação, uma oração depende sintaticamente da outra: a principal é incompleta sintaticamente e a subordinada tem a função do termo ausente.

A oração coordenada sem a presença de conjunção é denominada assindética, enquanto que a oração que se prende a anterior por meio de conjunção denomina-se sindética. As sindéticas são classificadas de acordo com o sentido estabelecido pela conjunção empregada: *aditivas*, *adversativas*, *alternativas*, *conclusivas* e *explicativas*.

Já as subordinadas são divididas, na GT, em *substantivas*, *adjetivas* e *adverbiais*, pois as funções que desempenham dentro do período são comparáveis às exercidas pelos substantivos, adjetivos e advérbios, respectivamente. As substantivas são introduzidas pela conjunção integrante *que* e classificadas de acordo com seu valor sintático. As adjetivas são encabeçadas por pronome relativo e subdividem-se em restritivas, quando restringem, limitam o sentido do substantivo antecedente, e explicativas, quando esclarecem melhor a significação do termo anterior e funcionam como um aposto. As subordinadas adverbiais funcionam como adjunto adverbial e são classificadas de acordo com o sentido estabelecido pela conjunção (*causal*, *comparativa*, *concessiva*, *condicional*, *conformativa*, *consecutiva*, *temporal*, *final*, *proporcional*).

Lima (1992) é o único, entre os três gramáticos estudados, que acrescenta algumas considerações a respeito da ordem das orações nos períodos compostos por subordinação, indicando, grosso modo, o teor discursivo dos processos juntivos, em especial os de causa. O

autor afirma que as orações com *porque* - a conjunção mais prototípica - aparecem comumente depois da principal, mas tal uso não é rígido. Outras conjunções de sentido causal, como *pois* e *porquanto*, explicitam que a causa é um acontecimento evidente e, por isso, as orações subordinadas vem sempre pospostas à principal. Diferentemente, as orações introduzidas por *como* ocupam sempre posição anterior à principal. Por fim, Lima (1992) reconhece que é facultativa a posição das orações iniciadas pelas perífrases conjuncionais *desde que*, *já que*, *uma vez que*, *visto como* e *visto que*. Contudo, segundo o autor, a anteposição comunica certa ênfase e, por isso, é a posição preferida.

O tratamento dado por Lima (1992), na GT, à junção causal contribui para o reconhecimento da complexidade que envolve a causalidade. No entanto, apesar de reconhecer aspectos que tangem ao domínio discursivo-textual, diferenciando-se das gramáticas de Bechara (2005) e de Cunha e Cintra (2001), Lima (1992), por não ter propósito descritivo, não aprofunda a discussão e, assim como os outros, prende-se no sentido das conjunções da língua portuguesa para classificar os períodos compostos.

Em suma, de modo geral, a GT trata da junção de orações em termos de coordenação, em que há a preservação da independência sintática das unidades, e de subordinação, em que uma das orações perde sua autonomia sintática e passa a ser integrante da outra oração. Portanto, o critério normativo de classificação em relação à estrutura repousa, de forma mais recorrente, na dependência/independência estrutural.

No entanto, essa classificação não parece suficiente, já que não há um esclarecimento no que diz respeito às noções de maior e menor independência estrutural. Além disso, quando observamos os exemplos oferecidos pelos normativos, concluímos que os rótulos coordenação e subordinação reúnem, de formas diferentes em cada gramática, processos muito variados no domínio sintático. Advertimos, assim, que as orações subordinadas adverbiais comportam-se, estruturalmente, de forma diferente das orações chamadas

substantivas, portanto, acreditamos que não podem ser englobadas em um mesmo domínio estrutural (cf. HALLIDAY, 1985; HOPPER e TRAUGOTT, 2003 e RAIBLE, 2001).

Outro ponto questionável é a classificação semântica das orações. Sobre as coordenadas, os gramáticos reconhecem que há períodos compostos coordenados sem a presença de jutores, mas não esclarecem a relação de sentido estabelecida e apenas classificam semanticamente as orações coordenadas encabeçadas por conjunções. Essas orações são distribuídas em categorias semânticas de acordo com a conjunção que as inicia, sem levar em conta outros critérios que possam também esclarecer o sentido veiculado na combinação.

Em relação às subordinadas, em especial às adverbiais, que também são classificadas semanticamente de acordo com a conjunção, a GT admite que algumas conjunções, como o *porque*, são usadas em diferentes relações semânticas (causal e consecutiva, por exemplo), mas não lança outros critérios, além do tipo de conjunção, para reconhecer os possíveis sentidos, já que, na abordagem normativa, não há, em geral, o propósito de levantar critérios de teor discursivo-textual, que poderiam ajudar a explicitar as diferenças de sentido.

Assim, entendemos que, na abordagem tradicional de Lima (1992), Cunha e Cintra (2001) e Bechara (2005), a classificação semântica das orações coordenadas e subordinadas é estanque e concentra-se na presença e no tipo de jutor e não há um esclarecimento, em geral, sobre as justapostas, e sobre o fato de que um mesmo jutor pode expressar diferentes relações semânticas. Bechara (2005), no entanto, reconhece, na GT, a possibilidade da codificação de relações de sentido mesmo sem a presença do jutor, o que contribui para, nesta pesquisa, investigarmos, também, os processos juntivos justapostos.

O uso de critérios sintáticos e semânticos e o apontamento, mesmo que inicial, na abordagem normativa, de alguns aspectos discursivo-textuais leva à reflexão sobre a

necessidade de eleger critérios de diferentes domínios para descrever os variados processos juntivos, em especial os de sentido causal.

No entanto, distanciamo-nos da abordagem normativa, à medida que, dentro de um quadro teórico funcionalista, partimos do pressuposto de que os processos juntivos de causa são fluidos em relação à estrutura, ao sentido semântico e pragmático e, por vezes, a aspectos discursivo-textuais. Por conta desse pressuposto, propomos reconhecer novas categorias, baseadas em modelos funcionalistas de junção (cf. HALLIDAY, 1985; RAIBLE, 2001; HOOPER E TRAUGOTT, 2003) e em estudos descritivos sobre o domínio semântico causal.

Dessa forma, esta pesquisa aproxima-se de trabalhos de teor descritivo-funcionalista, já que leva em consideração o cruzamento entre os diferentes domínios a fim de captar a fluidez da junção. Neves *et al* (2008), à maneira de Hopper e Traugott (2003), por exemplo, defendem que os processos juntivos devem ser considerados a partir do grau de interdependência e do tipo de relação lógico-semântica. As subordinadas propriamente ditas - substantivas/completivas e adjetivas restritivas da GT - caracterizam-se pelos traços [+encaixamento] e [+ dependência] enquanto as coordenadas têm os traços [-encaixamento] e [-dependência]. As adverbiais, incluindo as causais, são rotuladas de *hipotáticas* e são definidas pelos traços [-encaixamento] no domínio sintático e [+dependência] no que tange às relações de sentido (cf. HOOPER e TRAUGOTT, 2003).

Mais especificamente, as autoras mostram que, em sentido estrito, os processos juntivos de causa codificam as combinações *evento-causa*, *evento-consequência* e *evento-efeito* e, sob a perspectiva lógico-semântica, envolvem uma sequência temporal entre os eventos - o primeiro evento é *razão* para o acontecimento do segundo - e um componente de condicionalidade: uma condição *preenchida* ajuda a entender a relação causal, no entanto, não é suficiente para definir esse sentido. Portanto, neste trabalho, além dos componentes lógico,

temporal e condicional, reconhecemos a necessidade de lançar mãos de critérios discursivo-textuais e pragmáticos, conforme tomados, também, por Neves (2000) e Neves *et al* (2008).

As autoras afirmam que a perspectiva lógico-semântica pode restringir o entendimento das hipotáticas causais e destacam, à maneira de Sweetser (1990), o componente pragmático, que pode ser concretizado em três domínios: *do conteúdo*, *epistêmico* e *dos atos de fala*. Esse componente, segundo Neves *et al* (2008), mostra-se relevante até mesmo em estudos de linha semântica.

Em relação ao domínio pragmático, Sweetser (1990) afirma que quaisquer expressões linguísticas podem ser analisadas a partir dos domínios *do conteúdo*, *epistêmico* e *dos atos de fala*. O domínio do conteúdo se estabelece na relação de causalidade que se dá entre estados de coisas do mundo real; o domínio epistêmico se estabelece entre uma conclusão ou crença e as suas “causas”, “motivações”; já o domínio dos atos de fala se estabelece quando um ato de fala é associado a sua “causa”.

Os três domínios, aos moldes de Sweetser (1990), estão exemplificados abaixo, respectivamente, com dados do português falado retirados do trabalho de Neves *et al* (2008).

(09)Então eles pegavam os pássaros que não podiam voar... *porque estavam com penas grudadas de petróleo*. [D2 SSA 98, p.949]

(10)agora nesse mês, *como a UPC não aumentou e como diminuiu o número de UPCs...* o que vai acontecer é que eu vou pagar um pouquinho menos. [D2 RJ 355, p. 949]

(11)[agora dias que não tem aula ele pergunta e a resposta é negativa aí então ele diz para a irmã...] “*levanta que hoje não tem aula podemos brincar*” ai levanta::tam [D2 SP 360, p 949]

Em (09), *os pássaros não podiam voar e estavam com penas grudadas de petróleo* são estados de coisas que combinados estabelecem relação de causa-efeito. Já em (10), a causa real iniciada com *como* justifica uma expectativa do falante: *pagar menos*. Por fim, em (11), o ato de fala *levanta que hoje não tem aula* é explicado pelo fato de *poderem brincar*.

Ainda no domínio pragmático, as autoras destacam a importância da investigação da posição da sentença satélite (adverbial) em relação à nuclear na descrição e caracterização dos

processos de junção causal. Levando em consideração que a distribuição de informação (cf. CHAFE, 1984) explica, em grande parte, a ordem das orações (cf. PAIVA, 1992; NEVES, 2000), verificaram que, em combinações com conectores explícitos (*que, porque, já que, desde que*), as orações que exprimem a causa, em sentido amplo, são normalmente pospostas, obedecendo à ordem icônica, e a anteposição, em menor número, acontece, normalmente, com o intuito de focalização.

De acordo com Paiva (1992), Neves (2000) e Neves *et al* (2008), a posposição das orações com *porque*, além de corresponder à ordem icônica, é favorável informacionalmente, pois, geralmente, a oração principal, na primeira posição, é compartilhada (*eles pegavam os pássaros que não podiam voar*) e a informação da oração causal posposta à principal é nova (*porque estavam com as penas grudadas*), conforme (09). Para as autoras, as orações causais encabeçadas por *porque* constituem exatamente a resposta a uma pergunta, a um pedido de informação e, portanto, estão, preferencialmente, pospostas à principal. Diferentemente, a oração causal introduzida por *como* é entendida como veiculadora de informação partilhada e, portanto, é apoio para a progressão informativa que a oração principal realiza. Em outras palavras, o conector *como* inicia uma proposição causal preferencialmente dada que se assenta na proposição nuclear consecutiva nova, conforme (10)

Na maior parte dos casos analisados por Paiva (1992), Neves (2000) e Neves *et al* (2008), a distribuição de informação é parâmetro relevante para o entendimento da posição das orações envolvidas no processo juntivo causal.

Assim, as autoras entendem que a sequência das orações se subordina a aspectos pragmáticos da apresentação dos fatos: iconicidade e distribuição de informações. Sob essa perspectiva discursivo-funcional, a ordenação das orações em uma estrutura causal não é aleatória, mas é regida por princípios da organização textual.

Paiva (1992) explicita, de forma detalhada, as possíveis ordenações dessas construções em dados do português falado na capital do Rio de Janeiro. As cláusulas justapostas ligadas causalmente, bem como os enunciados com conectores, podem aparecer antepostas ou pospostas àquela que se relacionam - a cláusula efeito. Considerando que X é a causa e Y é o efeito, tem-se anteposição sob a forma *porque X*, Y e *X então Y*, conforme os exemplos oferecidos pela autora. E a posposição se dá apenas sob a forma *Y porque X* com a possibilidade das cláusulas, combinadas sem juntor, serem separadas por uma pausa.

Essa variação na ordem das cláusulas causais é explicada pela autora a partir de três critérios, similares ao de Neves (2000) e Neves *et al* (2008): i) a ordem natural: ordem causa-efeito é mais frequente e “natural”, uma vez que é nessa ordem que os eventos acontecem no mundo; ii) continuidade tópica: o *tema* - primeiro segmento - codifica o tema e o efeito ou explicação corresponde ao *rema* - segundo elemento; e iii) distribuição de informação: a informação dada é codificada no primeiro segmento e a informação nova, no segundo segmento.

Consideramos, nesta pesquisa, os conceitos de distribuição de informação e de continuidade tópica para analisar, em especial, as construções com *por causa de*, que, geralmente, no *corpus* utilizado, não obedecem à ordem icônica dos acontecimentos do mundo.

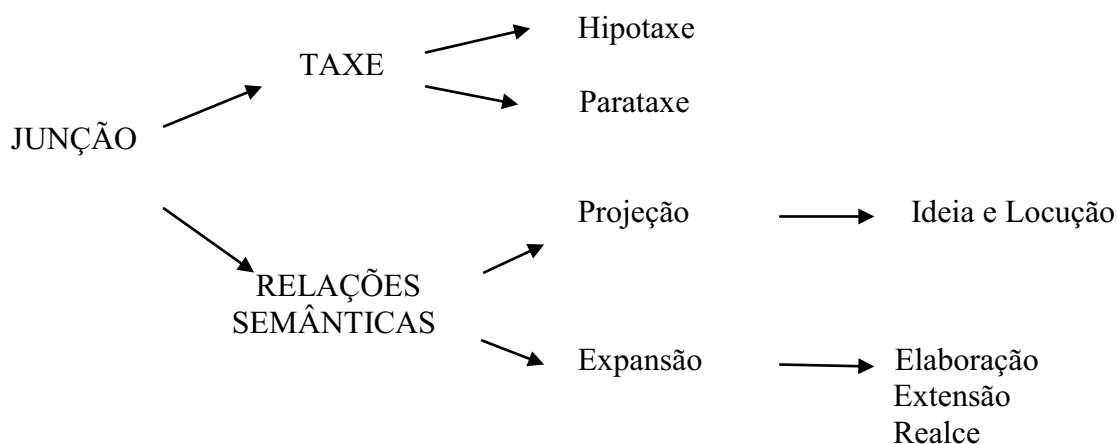
Os processos juntivos de causa foram codificados, preferencialmente, no *corpus* desta pesquisa, na ordem icônica: causa seguida de efeito e fato ou asserção seguida de explicação ou conclusão. No entanto, encontramos algumas ocorrências com *por causa de* em que o efeito precede a causa. Para compreender essas ocorrências, no que se refere à ordem das unidades, lançamos mão dos conceitos *dado* - já mencionado no texto - e *novo* - não mencionado no texto - no que se refere à distribuição de informação, propostos por Chafe (1984).

Em suma, a visão descritiva de Paiva (1992), Neves (2000) e Neves *et al* (2008), que considera, além de critérios lógico-semânticos, aspectos pragmáticos na tipologia dos processos juntivos causais em língua portuguesa, contribui para a análise das ocorrências deste trabalho, pois reconhece a fluidez sintática e semântica dos processos juntivos e lança mão dos domínios pragmáticos propostos por Sweetser (1990) para analisá-los.

1.2 Modelos de junção de orações

Neste trabalho, apoiamo-nos em um modelo de junção funcionalista (cf. HALLIDAY, 1985), cuja base conceitual está no cruzamento entre o eixo *lógico-semântico*, que diz respeito às relações de sentido, e o eixo *tático*, que pressupõe diferentes graus de interdependência entre as unidades. Nessa perspectiva, não assumimos a dicotomia coordenação e subordinação da GT e defendemos que a junção pressupõe graus intermediários de dependência sintática e de relações de sentido.

Halliday e colaboradores (cf. HALLIDAY, 1985; MARTIN et al., 1997) propõem um modelo de *modificação* de orações, que pressupõe a não-discretude dos processos de junção, o cruzamento entre informações sintáticas e semânticas, e que tem uma essência sistêmica, pois apresenta uma rede de opções para cada parâmetro, conforme o Esquema 01, adaptado de Halliday (1985):



Esquema 01: O sistema funcional de junção (Adaptado de Halliday, 1985, p. 377)

O eixo tático ou *taxe* diz respeito às relações de interdependência entre as unidades combinadas. Para o autor, as combinações realizam-se em *parataxe* e *hipotaxe*: se as orações têm mesmo estatuto, a construção é paratática; se os estatutos são desiguais, isto é, uma unidade é dependente e a outra dominante, a construção é hipotática. Segundo Halliday (1985), a partir de exemplos de combinações de termos, a parataxe é simétrica, ou seja, é possível mudar a ordem das unidades sem prejuízo no sentido pretendido, e transitiva, pois duas construções paratáticas, com um das unidades em comum, pode ser fonte para uma terceira construção constituída pelas unidades não comuns às duas orações. Em contrapartida, a construção hipotática seria não simétrica e não transitiva.

No entanto, ressaltamos que, no âmbito da junção de orações e de porções maiores do discurso, como períodos compostos por duas ou mais orações e até parágrafos, a questão parece ser mais complexa e, por isso, esses critérios não dão conta de todos os fatos. Como exemplo, podemos mencionar o fato de que algumas construções causais paratáticas têm ordem absolutamente rígida, em função de restrições lógicas ou temporais (cf. HALLIDAY, 1985 e NEVES, 2006).

Halliday (1985) afirma que não há uma fronteira clara entre parataxe e hipotaxe. O autor destaca que os modos de composição sintáticos podem ser modificados pela relação lógico-semântica pretendida. Nesse sentido, entendemos que as noções de parataxe e hipotaxe devem ser pensadas como pontos de um *cline*, em que encontramos diferentes graus de dependência entre as orações e esses graus estão estreitamente relacionados com o sentido codificado. Em outras palavras, a maior ou menor dependência pode ser avaliada em termos estruturais, em termos semânticos, mas não podemos perder de vista a correlação entre esses dois eixos.

Dentro dessa problemática, ressaltamos as construções com o juntor não prototípico *por isso*. O pronome fórico *isso* retoma o conteúdo do segmento anterior e torna-se primordial

para o entendimento semântico do segundo segmento e da construção como um todo. Assim, a foricidade de *isso* pode ser entendida como uma marca de dependência.

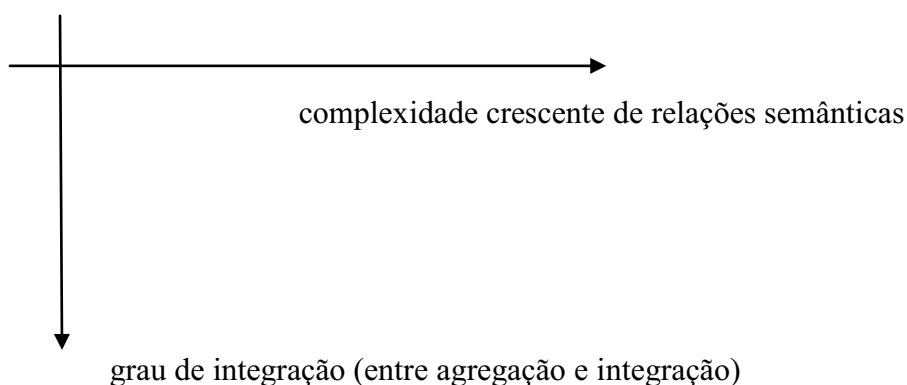
No que diz respeito às relações lógico-semânticas, Halliday (1985) classifica-as em dois grupos, como no Esquema 01: *projeção* e *expansão*. Nosso foco está nos conjuntos de opções de *expansão* que, segundo o autor, são três: *elaboração*, *extensão* e *realce*. Nessa proposta, as construções causais se realizam especificamente no subgrupo *realce*, no qual uma oração intensifica (realça) o significado de outra, qualificando-a quanto ao tempo, modo, lugar, causa ou condição. Não vamos adotar essa nomenclatura de Halliday (1985), preferimos o termo *causa*, que é mais consensual. Para nós, conforme enfatizado anteriormente, *causa* não é só um domínio lógico-semântico, mas também discursivo, pois a interpretação do vínculo causal requer a consideração do conhecimento e das expectativas do mundo.

Para Halliday (1985), a relação semântica de causa pode ser realizada tanto em construções tipicamente paratáticas quanto hipotáticas. É em virtude dessa possibilidade de diferentes cruzamentos entre os eixos tático e semântico que esse modelo se diferencia da abordagem tradicional³ e permite, de nosso ponto de vista, chegar a uma descrição mais fina acerca dos modos variáveis de codificação causal.

A proposta de Raible (2001) é compatível, em grande parte, com o modelo de junção de Halliday. A junção é, segundo Raible (2001), primordial para a atividade linguística. Para o autor, a junção se sustenta: (i) na *hierarquia sintática*, que remete aos diferentes graus de dependência ou integração entre as unidades articuladas; (ii) no *dinamismo comunicativo*, que remete à possibilidade de colocar certas porções textuais em relevo; (iii) nas *relações semânticas* (entre as partes ou entre as partes e um conjunto maior), que remetem a uma

³ Ressaltamos que a GT separa as coordenadas explicativas e as subordinadas causais, em geral, a partir do critério *ordem*: as causais admitem mudança na ordem dos segmentos e as explicativas não. No entanto, perspectiva normativa não dispõe de critérios suficientes para explicitar as diferenças, em relação aos outros domínios, entre as construções.

escala cognitiva de complexidade crescente; e, (iv) na *manutenção da referência*, que remete aos diversos procedimentos de referenciação anafórica e catafórica. Segundo o autor, conforme Esquema 02, é principalmente a partir dos parâmetros (i) e (iii) que caracterizamos as construções juntivas de uma língua e uma única relação semântica pode ser expressa em diferentes níveis de arquitetura sintática.



Esquema 02: Junção (Adaptado de Raible *apud* Kabatek, 2006, p.13)

Quanto à hierarquia sintática da junção, Raible (2001) opta pelos termos *aggregation* e *integration* (traduzidos aqui como “combinação” e “integração”). Para o autor, as estratégias de *combinação* e de *integração* devem ser entendidas como pontos extremos em uma escala que admite uma quantidade de estratégias intermediárias. Num possível *cline* das possibilidades de junção, poderíamos distinguir, à maneira de Raible, um conjunto de construções que apresentariam maior ou menor grau de combinação e/ou integração, sendo que, num polo, teríamos a combinação mais prototípica e, no outro, a integração máxima. Para o autor, no ponto mais esquerdo do *cline*, está a *combinação*, com a justaposição de orações sem juntor explícito e, no ponto mais à direita, está a *integração*, com o encaixamento de duas orações.

Um ponto discutível no modelo de Raible (2001) é a mescla entre processos de combinação e categorias gramaticais perifrásticas e não perifrásticas no eixo sintático, como

podemos verificar no Quadro 01. Em síntese, o autor dá o mesmo tratamento para a combinação de orações, unidades complexas, e para a subordinação de termos:

- | |
|---|
| <p>I. justaposição sem juntor (<i>João está doente. Não come nada.</i>)
 II. relação dêitica com a frase anterior (<i>[...] Por isso, não come nada.</i>)
 III. orações explicitamente unidas (<i>[...] pois não come nada.</i>)
 IV. subordinação (<i>João está doente porque não come nada.</i>)
 V. construções gerundiais ou participiais (<i>[...] não comendo nada.</i>)
 VI. grupos preposicionais (<i>Por causa de jejum, João está doente.</i>)
 VII. preposições (<i>Por fome, João está doente.</i>)</p> |
|---|

Quadro 01: Esquema simplificado do eixo vertical de junção (grau de integração) (Adaptado de Raible, *apud* Kabatek, 2006, p.14)

Nesse ponto, destacamos mais uma diferença entre os modelos de Raible e Halliday. Para Halliday (1985), diferentemente de Raible, as construções encaixadas, funcionam de forma diferente das construções paratática e hipotática, não sendo, portanto, estratégias de modificação de orações. Portanto, o autor não inclui o processo de encaixamento no modelo de *modificação* de junção de orações.

Quanto às relações semânticas, Raible (2001) afirma que podem estar implícitas ou podem ter representação na superfície do texto por meio de juntores de vários tipos (conjunções, perífrases conjuncionais, preposições, advérbios juntivos). Segundo o autor, aproximando-se de Halliday (1985), as relações semânticas e a hierarquia sintática se entrecruzam, na medida em que há possibilidades de expressar as relações em diferentes níveis da arquitetura sintática.

O modelo de Raible (2001) também se assemelha, em parte, ao proposto por Hopper e Traugott (2003), que entendem a combinação de orações por meio dos traços de *dependência* e *encaixamento* sob o quadro teórico-metodológico da gramaticalização, que dá conta de um processo especial de mudança linguística, em que construções lexicais ganham informação gramatical ou, se já gramaticais, se tornam ainda mais gramaticais. Para os autores, a combinação de orações pode ser investigada à luz dos processos de gramaticalização, uma vez

que haveria uma tendência unidirecional no sentido da integração crescente das construções, conforme sugere o seguinte *continuum*:

PARATAXE > HIPOTAXE > SUBORDINAÇÃO

No domínio da parataxe, segundo os autores, encontram-se as orações menos dependentes, menos integradas e, portanto, menos gramaticalizadas, enquanto que as mais dependentes, mais integradas e mais gramaticalizadas estão no nível da subordinação. As hipotáticas são mais dependentes e menos integradas. Ou seja, os autores lidam com os traços [+/- dependência] e [+/- encaixamento]. Acreditamos que o refinamento desses traços, com o estabelecimento de parâmetros claros que permitam avaliar a dependência e a integração, correlacionando forma e sentido, é um caminho frutífero para o tratamento das construções de junção.

Aproximando-nos dos modelos expostos acima, para nós, a junção deve ser analisada por meio do cruzamento entre os eixos estrutural e semântico, que são fluidos por natureza. Nossa opção está em considerar as construções paratáticas, hipotáticas e também as subordinadas, que atuam na codificação de *causa* enquanto domínio amplo, que agrupa os sentidos de *causa propriamente dita*, *motivo*, *razão*, *justificativa* e *explicação*. Mas nossa análise também contemplará o domínio pragmático. Para tanto, adotamos o modelo proposto por Sweetser (1990), fundado em uma teoria semântica de base cognitivista.

Como já explicitado, Sweetser (1990) defende que as construções juntivas, em especial as de causa, podem ser realizadas em três domínios pragmáticos. Para autora, o domínio do conteúdo é o mais básico, uma vez que expressa as experiências humanas elementares, sendo, dessa forma, mais acessível cognitivamente, como (12), exemplo adaptado do trabalho da autora:

(12) John voltou porque ele a amava.

Em (12), tem-se que o amor que John sentia por ela (causa real/concreta) o fez voltar (efeito). Já em (13) abaixo, a relação é construída no domínio epistêmico: não significa que o retorno foi por causa do amor. Na verdade, é o conhecimento (julgamento) que o falante tem sobre o retorno de John que origina a conclusão, a crença de que John a ama. Em (14), o segmento iniciado com o juntor *porque* esclarece a causa para o ato de fala *o que você vai fazer hoje à noite*.

(13) John a amava, porque voltou.

(14) O que você vai fazer hoje à noite, porque está passando um bom filme.

Sweetser (1990) reconhece que há construções ambíguas, que realizam causa no domínio epistêmico, baseadas em algum julgamento, mas que ainda guardam traços do mundo sócio-físico. Segundo ela, um mesmo juntor pode atuar nos três domínios pragmáticos. Defende, também, que pode haver uma passagem entre esses domínios e que essa passagem é unidirecional, o que sustenta uma hipótese filogenética (ou evolutiva) no domínio pragmático. Do ponto de vista filogenético, usos mais abstratos de termos ou construções decorrem dos usos mais concretos e, dessa forma, são historicamente mais tardios. Nesse sentido, os epistêmicos e conversacionais tendem a derivar daqueles de conteúdo.

A autora entende que a alteração de sentido, que acompanha os processos de mudança linguística, incluindo a gramaticalização, ocorre por meio de projeções metafóricas, em que itens de sentido concreto e mais referencial dão origem a itens de sentido mais abstrato e menos referencial. Nessa projeção, fundada na metáfora, traços de significado do item fonte podem ser preservados, ao mesmo tempo em que são ganhos traços do domínio alvo. Com isso, a autora desbanca o modelo conhecido como *semantic bleaching*, segundo o qual há

desbotamento ou apagamento do significado do item fonte, e sustenta que traços do domínio sócio-físico podem permanecer no novo uso do item. Em outras palavras, afirma que a capacidade de projeção da cognição humana enquadra o domínio epistêmico, metaforicamente, como um domínio sócio-físico. O *princípio da persistência* de Hopper (1991) confirma essa perspectiva, quando se explicita a tendência de que traços do significado lexical original de um item aliam-se à forma gramatical e aspectos do uso lexical podem refletir-se no novo uso gramatical.

Na literatura linguística, a filogênese é frequentemente correlacionada à ontogênese, e os fatos da história da língua são relacionados aos fatos de aquisição da língua (cf. GIVÓN, 1979; KORTMANN, 1997). O trânsito entre os domínios pragmáticos propostos por Sweetser (1990) constitui um campo importante para avaliar essas correlações. Por exemplo, Sanders e Evers-Vermeul (2010), analisando dados de fala infantil, investigam a aquisição de construções causais. Os autores colocam em questão a hipótese ontogenética, em que as causais de conteúdo seriam adquiridas anteriormente às epistêmicas e conversacionais. Para eles, outros fatores intervêm na explicação dos dados.

A partir de uma revisão da literatura sobre aquisição de construções juntivas, Sanders e Evers-Vermeul (2010) constataram que há uma relação entre o tipo de texto, o tipo de junção e a codificação das relações epistêmicas e de conteúdo. Por isso, os autores conduziram o estudo variando sistematicamente o contexto em que as crianças deveriam realizar as construções causais. Os autores utilizam como *corpus* dados produzidos em experimentos linguísticos aplicados a crianças em fase de aquisição de linguagem, entre 4 e 6 anos de idade, e, ressaltando o importante cuidado com o método utilizado, constatam que as crianças realizam as combinações causais nos três domínios pragmáticos e que a frequência maior ou menor de um tipo de construção parece estar mais relacionada ao contexto do que à idade. Entendem por *contexto* o tipo de texto produzido.

Dessa forma, o uso de determinado processo juntivo de causa não pode ser tratado apenas na perspectiva cognitivista, uma vez que a história do falante e o contexto em que as construções estão inseridas predispõem certas relações e não outras. Entendendo que o contexto e o tipo de texto⁴ influenciam a realização de certas relações em detrimento de outras, no processo de aquisição de linguagem de fala, tal como constatado por Sanders e Evers-Vermeul (2010), para este trabalho, é relevante avaliar em que medida essa hipótese pode ser usada para pensar nossos dados de escrita, produzidos no segundo ciclo do EF.

1.3 Os modos de articulação das construções causais

Conforme dito anteriormente, assumimos que as causais se realizam por parataxe, hipotaxe e subordinação, mas acreditamos que essas noções ainda necessitam de refinamento, tendo em vista que a junção requer consideração de vários níveis de análise. Para tanto, consideramos, entre outros, o trabalho de Béguelin (2010), na perspectiva textual, que reconhece a falta de consenso terminológico e conceitual nas noções de parataxe e hipotaxe. Segundo ela, a definição mais comum, extraída do Dicionário *Larousse*, é a de que a parataxe consiste em um modo de justapor frases, sem indicar explicitamente a relação semântica pretendida. Entende-se, portanto, que o juntor é o indicador de sentido. Nossa posição é diferente, entendemos que o juntor é apenas um dos possíveis indicadores de sentido e defendemos que o sentido pode ser reconhecido, mesmo na ausência de jutores, por meio da recuperação de pistas de outra natureza.

Dentre os pesquisadores, argumenta Béguelin (2010), é comum entender a parataxe como uma construção mais típica da oralidade, por ser uma forma de combinação originária na modalidade oral da língua (cf. MORIER, 1961 *apud* Béguelin, 2010). Leva-se em conta, também, nessa perspectiva, a hipótese de que as línguas, no início de suas histórias, realizam

⁴ Consideramos os termos *contexto* e *tipo de texto* sinônimos de TDs e/ou *modos de dizer* (KABATEK, 2006). O conceito de TD será discutido na subseção 1.4 desta seção.

as junções por meio de construções paratáticas que, ao longo da história, evoluem para a forma hipotática. Essa mesma evolução das construções deveria acontecer, por hipótese, na aquisição/aprendizagem da língua. Há, nesses pressupostos, a crença de que a parataxe é um mecanismo de menor complexidade frente à hipotaxe.

Refutamos, à maneira de Béguelin (2010), a afirmação de que a parataxe é um tipo de construção apenas de enunciados falados, em contextos informais, e entendemos que o uso de uma combinação paratática não decorre da complexidade e/ou simplicidade, já que, apesar da economia de material articulador (no caso das justapostas e daquelas com *juntor e*), não há menor esforço cognitivo para realizá-la.

Béguelin (2010) discute critérios de análise para as construções justapostas do francês e esses critérios são relevantes para análise descritiva das ocorrências selecionadas para esta pesquisa. Segundo a autora, as causais justapostas se caracterizam pela combinação de duas unidades que podem ser reconhecidas por meio dos contornos prosódicos.

Béguelin (2010), ao considerar a prosódia para a análise das junções paratáticas, discute o estatuto categorial e estrutural das unidades envolvidas nessas construções. Segundo ela, as unidades podem ser períodos inteiros e, então, para fins analíticos, foca em unidades que têm, no mínimo, um verbo e adota a noção de oração/frase verbal. Sobre as justapostas causais, entendidas como um tipo de parataxe, Béguelin (2010) afirma ainda que são construções clássicas do discurso e que são encontradas, em seu *corpus*, tanto na ordem *causa-consequência* quanto na ordem *efeito-causa*. Para autora, independentemente da ordem das unidades, essa relação semântica pressupõe recursividade. Em (15), reproduzimos um exemplo da autora. O segundo elemento *eu sou azarado* é a explicação para o fato precedente e também a causa da oração efeito, que vem a seguir. Béguelin (2010) defende, dessa forma, a recursividade como um aspecto importante para a caracterização de uma justaposição causal.

- (15) Je ne gage jamais, jê suis tropmalhereux, jê perdstoujours.
(Eu jamais ganho, eu sou azarado, eu perco sempre.)

Além disso, a autora afirma que na construção justaposta causal é possível reconhecer uma relação temporal entre os fatos antecedente e consequente. Em (16), ocorrência também extraída do trabalho da autora, a construção pode ser interpretada como causa em termos de sucessão ou de concomitância temporal. Este é um exemplo ambíguo em que reconhece os sentidos de tempo, condição e causa.

- (16) Vous m'appelles, jê viens.
(Você me chama, eu venho.)

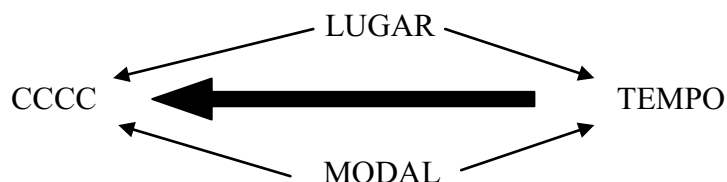
Também com o objetivo de caracterizar a relação paratática justaposta, Paiva e Braga (2010), de forma semelhante à Béguelin (2010), afirmam que a relação causal implica uma sequência temporal entre os eventos, em que o segundo evento só é possível com o acontecimento do primeiro, pois é este que carrega a razão da combinação. Nesse sentido, as construções causais incluem um componente de tempo, já que se realizam em razão de uma sequência temporal. Em outras palavras, à noção de causalidade subjaz a noção de tempo.

Assim, a interpretação da relação causal repousa, em grande parte, na sucessão temporal entre os eventos descritos: se um evento X precede um evento Y, X é a causa de Y (cf. Paiva, 1991; Anscrombre, 1984; Nazarenko, 2000 *apud* Paiva e Braga, 2010). No plano linguístico, a sucessão temporal, segundo as autoras, é realizada pela ordem das proposições: a proposição causal precede, na maioria dos casos, a proposição de efeito, respeitando, assim, a ordem dos acontecimentos no mundo. As autoras destacam que a existência de uma relação temporal auxilia na interpretação causal e a ausência de uma sucessão temporal permite refutar uma noção de causalidade entre as proposições envolvidas. No entanto, ressaltam que

se o tempo é uma condição necessária, não é uma condição suficiente para a interpretação causal, pois é necessário considerar, ainda, os esquemas interpretativos de mundo.

Paiva e Braga (2010) buscam critérios para diferenciação entre as causais justapostas e aquelas coordenadas com *e*. Elas constatarem que: i) há prevalência do pretérito perfeito do indicativo nas combinações causais justapostas e maior variedade de combinações temporais nas coordenadas; ii) não é necessário que o tempo verbal das proposições combinadas - justapostas ou coordenadas - sejam idênticos; iii) há predomínio de co-referência dos sujeitos, o que explica a tendência do apagamento do sujeito da segunda proposição; e iv) a proposição que expressa efeito/consequência, geralmente, exprime um fato pontual e a que expressa causa, um fato não completo, não pontual. Dessa forma, a relação justaposta entre duas predicções no aspecto habitual, com características de tempo ou condição, favorece a interpretação causal.

A emergência de diferentes interpretações em relação ao sentido em uma mesma construção remete a questões de natureza filo e ontogenética, segundo Kortmann (1997). Para o autor, cada relação de sentido corresponde a uma camada⁵ e a polissemia se dá entre camadas e dentro de cada camada. As camadas Tempo, Lugar e Modo são consideradas relações mais básicas e, portanto, alimentam as relações de CCCC (causa, condição, concessão e consequência), dadas como mais complexas, conforme Esquema 03:



Esquema 03: Camadas de sentido – polissemia entre e dentro de cada camada (Kortmann, 1997)

A partir do Esquema 03, de Kortmann (1997), é possível afirmar, ainda, que as relações de derivação entre Lugar e Tempo, Lugar e CCCC, Modo e Tempo e Modo CCCC,

⁵ Neste trabalho, optamos por usar o termo *domínio*.

pela espessura da seta, são menos frequentes enquanto que a derivação Tempo e CCCC é altamente produtiva. Essa forte afinidade entre Tempo e CCCC é percebida nos processos juntivos desta pesquisa; em muitos casos, a relação temporal, em especial a de posterioridade permite emergir a relação causal. Ressaltamos que essas afinidades semânticas foram imprescindíveis, neste trabalho, para a interpretação das relações de sentido em processos juntivos sem juntor explícito, isto é, as paratáticas justapostas.

Essa abordagem das justapostas é semelhante à proposta de Taboada (2009), pois os dois casos consideram o sentido na justaposição e o reconhecem a partir de marcas linguísticas. Para Taboada (2009), não há relações semânticas implícitas, com a ausência do juntor, pois a autora baseia-se sempre em marcas linguísticas efetivas. Considera, também, que, mesmo com a presença do juntor, o processo de junção envolve outras marcas linguísticas.

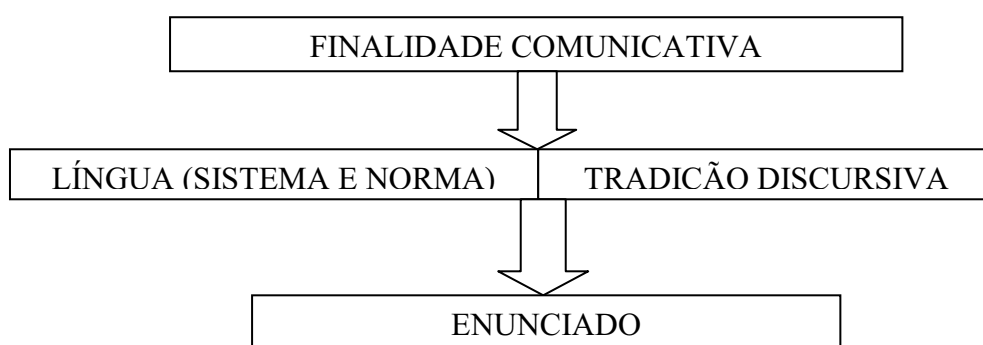
Apoiamo-nos, assim, na perspectiva de Béguelin (2010), Paiva e Braga (2010), Taboada (2009) e nas derivações entre e dentro de camadas analisadas por Kortmann (1997) e tentamos, ao longo da análise, elencar algumas marcas linguísticas e lógico-semânticas que podem legitimar o sentido de causa, sobretudo nas paratáticas justapostas e paratáticas com *e*.

1.4 Tradições discursivas e junção

O romanista Eugenio Coseriu (1979) sustenta, para os estudos da linguagem, a distinção entre três níveis do falar que, aparentemente autônomos, realizam-se conjuntamente nas enunciações concretas. O *nível universal*, ou do *falar em geral*, refere-se à capacidade que todos os homens, diferentemente dos outros animais, têm para comunicar-se por meio de signos linguísticos. O *nível histórico* refere-se à tradição histórica das línguas como sistemas de significação. E o *nível dos textos e discursos concretos* agrupa os dois primeiros – sistema e capacidade – e corresponde à atividade de falar.

A partir da concepção de linguagem de Coseriu (1979), fundada nos três níveis referidos acima, e associando questões da sociolinguística e da pragmática, Schlieben-Lange (1983 *apud* KOCH, 1997) ressalta que há práticas comunicativas típicas e recorrentes nas línguas e que, portanto, os textos e discursos concretos, situados no terceiro nível, não são produtos apenas do individual e do atual.

Nessa perspectiva, Kabatek (2006), Koch (1997) e Öesterreicher (1997) desenvolvem, a partir da *reduplicação* do nível histórico, o conceito de *tradições discursivas*. O nível histórico passa a compreender, portanto, o sistema gramatical e lexical da língua e, também, as tradições discursivas. Em outras palavras, para produção de um enunciado escrito ou falado em determinada língua, é necessário levar em conta não só a língua como sistema, mas também os *modos de dizer historicamente determinados* (cf. KABATEK, 2006), conforme Esquema 04:



Esquema 04: Tradições discursivas (cf. KABATEK, 2006)

Os autores defendem, assim, que a construção do enunciado é regida por regras da língua, do falar e do discurso. As regras da língua organizam fatos puramente linguísticos nos domínios fonético, fônico, morfológico e sintático e são utilizadas pelas comunidades linguísticas. As regras do falar regulam a escolha de determinados elementos linguísticos e, de forma mais enfática, de ações extralinguísticas, a depender do contexto em que a produção

falada ou escrita se insere. Enfim, as regras do discurso, especificamente das TDs, são linguísticas e culturais.

Kabatek (2006) exemplifica a “passagem” pelos filtros especificados no esquema acima a partir da finalidade comunicativa de expressar uma saudação quando se encontra alguém pela manhã. A produção do enunciado de saudação não passa apenas pelo acervo lexical e gramatical da língua particular em questão, pelo qual seria possível, em português, produzir a seguinte fala: “emito uma saudação a você”, mas leva em consideração uma tradição estabelecida historicamente, que pode, por vezes, desconsiderar regras gramaticais. Dessa forma, é tradicionalmente estabelecido que, ao encontrar uma pessoa pela manhã, é possível a emissão da expressão “bom dia!”, mesmo que tal enunciado não siga a regra não-marcada de colocação adjetiva na língua portuguesa: “dia bom”.

Constata-se, então, segundo o autor, que as TDs, assim como as línguas, têm uma *historicidade*. Assim, é preciso considerar não só a historicidade das línguas históricas particulares - *sistema, norma e variedades linguísticas* -, mas também a historicidade dos textos, que diz respeito aos textos já ditos e já escritos e que estão na memória da comunidade falante/escrevente. Esses *modelos* ou TDs são *evocados* pelas situações/contextos de enunciação e *repetidos* parcial ou totalmente. Em outras palavras, a *repetição* se relaciona ao enunciado atual com a *evocação* de textos já ditos e/ou já escritos na história da língua e da cultura na qual está inserida.

O autor destaca que, ao considerar que todo enunciado é um evento único, a repetição vem acompanhada de algo inédito. Assim, as noções de repetição e evocação, acompanhadas do ineditismo das combinações dos elementos linguísticos em um texto, caracterizam o *princípio da composicionalidade*, responsável pela definição de TD. Esse princípio refere-se ao fato de que uma TD pode apresentar-se de diferentes maneiras e, também, de que todo texto comporta uma *rede* de diferentes tradições, que se apresentam como *fórmulas*

conversacionais (ato de fala e citação, por exemplo) de uma *forma de texto em particular* (narrativa, descritiva e argumentativa) dentro de um *universo do discurso* (cotidiano, ficcional, religioso, científico) (cf. KABATEK, 2006; LONGHIN-THOMAZI, no prelo). Em outras palavras, Kabatek (2006) afirma que as TDs estão ligadas a atos de fala fundamentais, como a saudação, e, também, a intenções comunicativas mais complexas e exclusivas de determinadas culturas e/ou instituições.

Segundo o autor, as TDs são importantes ferramentas para as investigações em linguística histórica e, conseqüentemente, para a apreensão das mudanças linguísticas. O estudo histórico, baseado em diferentes tradições discursivas, deverá apontar para uma história da língua não linear e “menos monolítica que permitirá saber em quais TD uma inovação é criada, como se difunde ao longo das TD, e também onde há TD resistentes às inovações, TD que preservam elementos que em outras TD não se usam mais”. (cf. KABATEK, 2006). Justifica-se, dessa forma, a aplicação desse conceito nos estudos linguísticos.

Nesse sentido, Kabatek (2006), à maneira de Biber (1988), parte da hipótese de que os elementos linguísticos no texto ajudam a caracterizar a TD a qual pertence. Para viabilizar a análise, reduz os elementos linguísticos a serem investigados e, então, defende que os esquemas de junção, isto é, os tipos de juntores e a frequência relativa em que aparecem, são elementos importantes para delinear as TDs.

Como exemplo, ao estudar textos jurídicos da Idade Média, Kabatek (2006) pôde distinguir, a partir da investigação dos elementos da junção, três tradições de textos correspondentes a três mundos jurídicos diferentes. Em textos do *mundo do direito oral*, que descrevem casos jurídicos concretos, predomina a enumeração dos acontecimentos em frases curtas, conectando-os apenas pela adição. Logo, tais textos apresentam poucos juntores e menor integração entre as frases. Já em textos referentes ao *mundo do direito foral* da

Península Ibérica, encontram-se as primeiras leis expressas em construções subordinadas condicionais do tipo: “se *a* fizer *b*, será sancionado com a sanção *c*.” (cf. KABATEK, 2006). Por fim, os textos do *direito romano* foram escritos com a intenção de estabelecer um sistema jurídico único e apresentam grande elaboração, alto índice de subordinação e outras possibilidades de junção ainda mais gramaticalizadas, como o uso de preposições e nominalizações.

O autor confirma, com esse estudo, que, dentro do mesmo gênero, a depender da finalidade comunicativa, os textos apresentam diferenças entre os esquemas de junção. Assim sendo, é possível afirmar que a junção é elemento relevante na caracterização de uma TD.

Apesar da proximidade, a noção de TD não pode ser confundida com a de gênero, uma vez que dentro de um mesmo gênero pode haver diferentes *modos de dizer* e, portanto, diferentes TDs. Nesse sentido, Kabatek (2006) sustenta que todo gênero corresponde a uma TD, porém há TDs que não correspondem a um gênero.

Nessa perspectiva, Kabatek (2006) propõe que a análise dos textos deva ser feita com base na teoria sobre junção do linguista alemão Raible, que concebe como primordial, para a atividade linguística, o ato de juntar ou combinar unidades. Nesta pesquisa, como já dito na seção anterior, baseamo-nos em Halliday (1985), Hopper e Traugott (2003) e Raible (2001), que reconhecem que as diferentes relações de sentido de uma língua são expressas em diferentes níveis sintáticos, que vão desde a justaposição até formas extremas de integração. Para os funcionalistas, as junções realizadas em determinado texto devem ser classificadas de acordo com o cruzamento entre a arquitetura sintática e as possíveis relações semânticas.

Neste trabalho, entendemos TDs, em uma perspectiva textual e pragmática, como *modos dizer historicamente condicionados* (KABATEK, 2006) caracterizados por marcas linguísticas⁶, que se *repetem* ao longo da história da língua e dos textos, *evocadas* pelo

⁶ Para Longhin-Thomazi (no prelo), “o conteúdo temático, a finalidade do texto, o modo de enunciação oral ou escrito, o destinatário presumido, o possível vínculo institucional, a relação de proximidade com outros textos, o

contexto de enunciação; em outras palavras, os textos são convenções históricas e sociais e, portanto, fazem parte da “memória cultural de uma comunidade, sendo mobilizados na construção e na recepção do sentido” (cf. LONGHIN-THOMAZI, 2014).

léxico comum ou especializado e os arranjos sintáticos nas diferentes partes do texto são todos fatores - linguísticos e extralinguísticos - fundamentais para inserção de um texto em uma tradição ou em uma rede de tradições”. Neste trabalho, como já exposto, escolhemos relacionar as TDs à frequência e aos tipos de juntores produzidos.

SEÇÃO 2

Material e Método

Esta seção tem por objetivo tratar do material e dos procedimentos metodológicos utilizados neste trabalho de pesquisa. Na subseção 2.1, descrevemos e justificamos a escolha do *corpus*. Em seguida, na subseção 2.2, discutimos as escolhas metodológicas dentro das abordagens quantitativa e qualitativa, tendo em vista os dois objetivos maiores deste trabalho.

2.1 *Corpus*

Para constituição do *corpus* desta pesquisa, selecionamos textos que fazem parte do Banco de Dados de Escrita, armazenado no IBILCE/UNESP. O banco foi constituído pelas Profas. Dras. Luciani Tenani e Sanderléia Longhin, no âmbito do Projeto de Extensão Universitária “Desenvolvimento de oficinas e leitura, interpretação e produção de textos no ensino fundamental”, que foi realizado, durante os anos de 2008 a 2011, com o apoio da PROEX/UNESP.

O objetivo do projeto foi desenvolver oficinas pedagógicas de leitura, interpretação e produção de textos para alunos do Ensino Fundamental da escola estadual Zulmira da Silva Salles, de São José do Rio Preto/SP, com o intuito de aprimorar as práticas de leitura e escrita dos alunos participantes.

Os textos escritos de diversos gêneros, produzidos durante os quatro anos das oficinas, estão organizados em um Banco de Dados (que contou com financiamento da FAPESP) que fundamenta pesquisas do grupo de pesquisa GPEL⁷, voltadas para a descrição e compreensão de processos que envolvem relações entre enunciados falados e escritos, a partir de recortes transversais e/ou longitudinais. O banco reúne textos de 291 alunos que estiveram

⁷ O GPEL/CNPq conta com a coordenação geral do Prof. Dr. Lourenço Chacon (UNESP/Marília e PPGE/São José do Rio Preto).

matriculados na escola no período de execução do projeto. A participação nas oficinas não era uma atividade obrigatória e, do total de alunos matriculados, 124 foram assíduos, isto é, participaram das oficinas, produzindo textos, durante os quatro anos do Projeto.

No primeiro ano do Projeto, 2008, foram coletados textos de todos os alunos matriculados em todas as séries⁸. Nos anos seguintes, a coleta foi realizada apenas nas salas que correspondiam a 5.^a série do ano de 2008. Ou seja, em 2009, 2010 e 2011, os textos foram produzidos pelos alunos das 6.^a, 7.^a e 8.^a séries, aqueles que, no primeiro ano do projeto, cursavam a 5.^a série. Assim, os textos foram produzidos pelos mesmos alunos, mensalmente, ao longo dos quatro anos do EF II, do que resultou um material que possibilita investigações em perspectiva longitudinal.

Foram aplicadas 6 propostas de produção de texto em 2008, 7 propostas em 2009, 6 em 2010 e 7 em 2011, totalizando 26 oficinas de produção textual. Como mostra o Gráfico 01, dentre os alunos assíduos, apenas 10 produziram todas as propostas, totalizando 26 textos cada, enquanto a maioria dos alunos produziu entre 21 e 23 textos na vigência do Projeto.

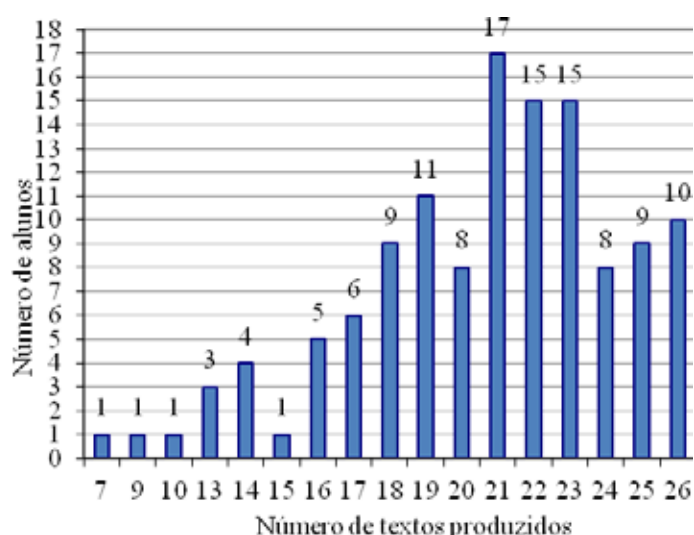


Gráfico 01: Textos produzidos e número de alunos (extraído de TENANI; LONGHIN-THOMAZI, 2014)

⁸ Optamos por utilizar a nomenclatura antiga - séries do EF -, pois era a vigente na época da execução do projeto.

Essa amostra de textos escritos do EF II apresenta uma diversidade de TDs, que reflete a variedade das propostas de produção, que sempre se pautaram na consideração da realidade dos alunos e nas recomendações explicitadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)⁹ do EF II e nos Cadernos do Programa “São Paulo faz escola” do estado de São Paulo¹⁰. Nossa expectativa é a de que, a depender da finalidade comunicativa veiculada nas propostas e da produção concreta do escrevente, tenhamos configurações diferentes para os processos juntivos de causa, que poderão, por sua vez, ajudar a delinear as próprias TDs. Nesses termos, esse material escrito parece relevante para o alcance dos objetivos desta pesquisa.

Para cumprir o primeiro objetivo, que é aquele de descrever e analisar a realização variável dos processos juntivos causais, procedemos a um estudo longitudinal, que deverá permitir a observação de possíveis ampliações nas formas de realização linguística da causalidade e, além disso, deverá permitir também o exame da correlação entre série escolar e uso de padrões causais, ao longo do EF II, no sentido de reconhecer indícios acerca de um possível paralelo entre o avanço na série escolar e o aumento de complexidade das construções.

Dado esse propósito da pesquisa, para constituição do *corpus*, selecionamos textos dos mesmos escreventes¹¹, produzidos durante os quatro anos do EF II. A frequência e a regularidade da produção foram critérios que nortearam o recorte longitudinal: dentre os 10 alunos que participaram ativamente de todas as propostas, elegemos, aleatoriamente por critério quantitativo, 5 sujeitos escreventes, o que totalizou 130 textos.

⁹Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são referenciais de qualidade elaborados pelo Governo Federal para nortear as instituições escolares na execução de suas tarefas. Esse documento foi criado em 1996 e as diretrizes estão voltadas, sobretudo, para a estruturação e reestruturação dos currículos escolares de todo o Brasil - obrigatórias para a rede pública e opcionais para as instituições privadas.

¹⁰ Com este Projeto, todos os alunos da rede estadual paulista recebem o mesmo material didático. As escolas devem seguir o mesmo plano de aula. Assim, durante o Projeto de Extensão Universitária “Desenvolvimento de oficinas e leitura, interpretação e produção de textos no ensino fundamental”, foi obrigatório seguir para as instruções e o conteúdo do material fornecido pelo governo.

¹¹ Para preservar o anonimato dos escreventes, identificamos com números: Escrevente 01, Escrevente 02, Escrevente 03, Escrevente 04 e Escrevente 05.

O recorte longitudinal se sustenta ainda no fato de que as coletas dos textos foram mensais e de que os produtos textuais, ao longo dos quatro anos, apresentam traços de narratividade e argumentatividade, embora os textos com teor argumentativo sejam mais comuns nas séries finais. A elaboração das propostas, como já explicitado, estava comprometida com as instruções dos PCNs e dos Cadernos fornecidos pelo governo do estado de São Paulo, de modo que as propostas das séries iniciais privilegiassem narração e das séries finais, argumentação, conforme Anexos 01, 02, 03 e 04.

Com relação aos textos produzidos, verificamos que, na 5.^a série, predominaram as *narrativas de ficção*. Na 6.^a série, predominaram as *narrativas de realidade*. Na 7.^a série, as *narrativas e descrições com aspectos opinativos* e, na 8.^a série, textos predominantemente *narrativos e argumentativos*.

Para cumprir o segundo objetivo desta pesquisa, que é o de avaliar a relação entre TDs e o uso variável das junções de causa, as formas textuais narração e argumentação produzidas pelos escreventes do EF II foram tomadas como TDs, uma vez que são caracterizadas *historicamente*. Em outras palavras, os textos narrativos e argumentativos selecionados para esta pesquisa têm relação de repetição com inúmeros outros textos já ditos ou escritos.

A proposição desse segundo objetivo foi inspirada, em grande parte, em Kabatek (2005), que elege a junção como o fenômeno linguístico por excelência para apreensão de características das TDs, numa abordagem em que conjuga tipo de juntor, frequência relativa e distribuição no texto. A análise que propomos aqui acerca da correlação entre TDs e junção causal tem um teor fortemente qualitativo. Nessa perspectiva, utilizamos como *corpus* apenas alguns dos textos que compõem a amostra longitudinal, tendo em vista, principalmente, o caráter predominantemente narrativo ou argumentativo das tradições textuais. A análise consistirá no mapeamento, para os textos escolhidos, dos tipos de construções causais,

verificáveis em termos sintáticos, semânticos e pragmáticos, e da frequência e distribuição desses tipos no corpo do texto.

Na análise de cada texto, consideramos como índice da TD narrativa a presença de título e de diálogo, de relações temporais entre os eventos, e da construção de clímax ou de problema para ser resolvido até o final do texto. Esses elementos estão presentes em grande parte da literatura sobre a caracterização de formas textuais que compõem as TDs.

Nos textos argumentativos, observamos a presença de um posicionamento em relação ao tema tratado e a consequente construção da TD argumentativa. Todos os escreventes expuseram sua opinião, imprescindível para essa TD, no início do texto e, no restante da produção, tentaram sustentá-la por meio de exemplos e outras opiniões. Nesse conjunto de texto, os processos juntivos de causa, da mesma forma que nos textos narrativos, foram codificados de acordo com a finalidade comunicativa pretendida.

Destacamos, ainda, que uma TD, além dos aspectos historicamente repetidos, apresenta lacunas que são preenchidas variavelmente a depender do contexto extralinguístico. Neste trabalho, em virtude dos textos serem produzidos em contexto escolar a partir de uma determinada proposta, a variação se dá, também, por conta da interpretação realizada e das expectativas do aluno em relação à escola.

2.2 Metodologia

Para a análise dos processos juntivos causais, consideramos todas as combinações presentes nos textos - com ou sem conectores - que codificam relação causal. Assumimos que os processos juntivos de causa podem ser realizados por meio de esquemas paratáticos (justapostos ou não), hipotáticos e subordinados.

A consideração de combinações justapostas encontra respaldo no quadro teórico funcionalista que adotamos, que permite compreender a *junção* como um mecanismo de

combinação que mobiliza informações de vários níveis de análise linguística: morfossintática, semântica, pragmática e prosódica (cf. HALLIDAY, 1985; RAIBLE, 2001). Nesse quadro, o juntor gramatical participa da junção como um elemento constituinte, mas não como o único responsável pelo estabelecimento das relações de sentido. Além disso, admitimos que um mesmo juntor pode expressar diferentes sentidos. Assim, para reconhecer as construções causais justapostas e, também, para lidar com a polissemia inerente a certos jutores, levamos em conta outros parâmetros ou traços presentes na materialidade linguística.

Um parâmetro que, por exemplo, habilita uma interpretação causal é a sucessão temporal icônica entre os eventos codificados nas orações, em que o evento anterior é interpretado como a causa do evento posterior. Mas, conforme argumentamos anteriormente, embora a relação de tempo habilite a leitura causal, ela não é suficiente, pois, como defendemos, as relações de causa estão fundadas nos modelos de mundo. À maneira de Meyer (2000) e Paiva e Braga (2010), entendemos que a causalidade está profundamente associada a aspectos sociais e cognitivos, de modo que, a interpretação causal depende das relações possíveis no mundo entre estados de coisa e entre conclusões ou crenças e seus motivos. Esse posicionamento justifica a correlação que será feita, na seção de análise, entre os domínios semântico e pragmático-textual.

Quanto às construções com juntor, consideramos todos os tipos mostrados nos textos, desde os jutores mais prototípicos da relação causal, reconhecidos pela tradição gramatical, como *porque*, *pois*, *portanto*, *por isso* e *como*, como também aqueles jutores que estão em vias de gramaticalização, como é o caso de *aí* e *então*.

Outro procedimento metodológico que adotamos diz respeito à dimensão das unidades combinadas na relação causal. Admitimos que a junção causal é estruturalmente binária e que pode envolver termos em um dos segmentos, conforme (17), orações, conforme (18), períodos ou conjunto de orações, conforme (19).

- (17) Eu concordo com a proibição do cigarro, por que nós mesmos na nossa família perdemos muitas gentes **por causa do** cigarro. (E4/8S/P6:Oc01)
- (18) eu lamento muitíssimo, **porque** eu não tenho mais a pedra. (E3/6S/P6:Oc38)
- (19) E assim foi feito ela conseguiu matar a mulher e ainda por cima conseguiu tirar todo o dinheiro do primo da mulher também. Ela **por tanto** conseguiu ser a pessoa mais rica da cidade. (E4/8S/P4:Oc02)

Em (17), há uma relação de efeito-causa, na qual o efeito é codificado na oração *perdemos muita gente* e a causa no termo *cigarro*. Em (18), temos a combinação: oração, juntor prototípico de causa (*porque*) e outra oração. Já em (19) o juntor *portanto* explicita a conclusão sobre fatos que aparecem codificados em uma unidade maior, imediatamente anterior. Interessa-nos, com esse olhar, descrever o tipo e a dimensão das unidades envolvidas nas construções causais.

A análise da realização variável das construções causais se fundamentou na conjugação das abordagens quantitativa e qualitativa. A princípio, levantamos no *corpus* todas as relações causais, contabilizando a frequência geral (*token*). Na segunda etapa, diante da diversidade de processos juntivos causais - que se mostra na arquitetura sintática, no tipo de juntor e na especificação do sentido - investimos no reconhecimento de padrões ou *type*, por meio de uma análise essencialmente qualitativa. Para definição dos padrões, elegemos como critério norteador o sentido da construção, do que resultaram cinco padrões de causa, conforme Quadro 02, que serão descritos na seção de análise, juntamente com a apuração da frequência de cada padrão, em viés quantitativo.

Type 1: causa/efeito Type 2: efeito/causa Type 3: fato/explicação Type 4: asserção/explicação Type 5: asserção/conclusão
--

Quadro 02: Padrões causais fundados na relação de sentido

O padrão ou *type* 1, que denominamos causa/efeito, e o *type* 2, que denominamos efeito/causa, abrigam processos juntivos que codificam causa mais concreta, seja em posição anterior, conforme (20), ou posterior, conforme (21).

(20)mas eu estou estudando bem **e** não estou mais tirando nota baixa (E4/6S/P2:Oc20)

(21)todo mundo me suava (zuava) **por que** eu cai (E2/6S/P2:Oc16)

Em (20), a causa, o motivo *estudar bem* provoca, no mundo concreto, o efeito *não tirar nota baixa*. Percebemos, aqui, uma sucessão temporal que colabora para a expressão da relação de causa-efeito, interpretada a partir de esquemas do mundo (*estuda e por isso vai bem*). Além disso, o contexto ajuda a entender essa relação causal: o escrevente afirma, nos parágrafos anteriores à ocorrência, que, no começo do ano letivo, *não estudava muito* e, por isso, *tirava nota baixa*. Em (21), a relação efeito/causa justifica o *type* 2: o efeito *todo mundo me zuava* precede a causa *cai*. Nesse caso, desconsidera-se a iconicidade dos fatos no mundo (*primeiro cai e depois todos zoam*). A ordem das unidades causa e efeito foi decisiva para diferenciar os *type* 1 e 2.

Os *type* 3, *type* 4 e *type* 5, que denominamos, respectivamente, fato/explicação, asserção/explicação e asserção/conclusão, reúnem as ocorrências em que relações de sentido específicas - *explicação* e *conclusão* - dependem, além da sequencialidade temporal e dos esquemas interpretativos de mundo, da intenção comunicativa e/ou do julgamento do escrevente, envolvendo aspectos pragmáticos, conforme (22), (23) e (24).

(22)Ele jogou a namorada, **porque** ela estava falando demais. (E1/5S/P1:Oc04)

(23)já no segundo dia eu foi bem mas legal **Ø** fui em brinque(do) de altura foi munto legal (E2/5S/P6:Oc05)

(24) eu prometo que vou tentar melhorar por causa que a minha prima gosta muito de mim porque ninguém dá atenção para ela e eu dou. **Por isso** eu prometo ser fiel este ano inteiro que tem pela frente para eu viver muito feliz e sem brigar (E4/6S/P1:Oc17)

Em (22), *type 3*, o primeiro elemento é um *fato* concreto contado por uma pessoa que não participou da ação - *ele jogou a namorada* - seguida de uma *explicação*, segundo o narrador onisciente da história em questão. A subjetividade, neste padrão, encontra-se apenas no segundo elemento da construção, diferentemente do que acontece no *type 4*. Em (23), *type 4*, temos o par asserção/explicação: a afirmação opinativa *já no segundo dia eu foi bem mais legal* é explicada na segunda *fui em brincue(do) de altura* sem um elo explícito de relação causal. Essa interpretação é sustentada, essencialmente, em virtude da ordem temporal dos eventos codificados nas orações e também em virtude de informações contextuais, que tornam possível inferir o gosto da escrevente por brinquedos *com muita adrenalina*. Destacamos a presença do adjetivo *legal* e dos advérbios *bem* e *muito*, que expressam a avaliação, o julgamento do escrevente na primeira e na segunda unidade. Por fim, na relação asserção/conclusão, *type 5*, estão as ocorrências em que o escrevente faz uma ou mais asserções a fim de emitir uma *conclusão*, conforme (24).

A tarefa de reconhecimento dos padrões causais foi dificultosa em razão das várias nuances causais e ambiguidades. De início, a classificação dos padrões foi feita com base apenas nos pares 1, 3 e 5: 1 para combinações de causa/efeito no domínio referencial, 3 e 5 para combinações no domínio epistêmico, com a diferença de que, em 3, o sentido era de explicação e, em 5, de conclusão. No entanto, na análise dos dados, foi necessário ampliar os padrões de causa para abrigar o *type 2*, pois, além da ordem inversa, esses enunciados apresentaram características pragmáticas diferentes em relação a 1 e a 4, já que, em certos casos, a explicação é precedida de uma asserção/afirmação carregada de opinião do escrevente ou do personagem da narração e não de um fato concreto, como em 3.

Esclarecidos os critérios que fundamentam o estabelecimento dos cinco padrões causais, na seção de análise, a seguir, detalharemos o funcionamento de cada padrão, tendo em conta a realização variável das construções causais. Para tanto, consideraremos aspectos

linguísticos de forma e de sentido, aspectos linguístico-textuais relacionadas às TDs e aspectos extralinguísticos, como a série escolar.

SEÇÃO 3

Processos juntivos de causa em textos escritos por alunos do EF II

Nesta seção, apresentamos a análise dos processos juntivos de causa, em conformidade com o quadro teórico-metodológico adotado e com os objetivos estabelecidos. Descrevemos o uso variável das construções causais, lançando mão de critérios de cunho sintático, semântico e pragmático. Na subseção 3.1, explicitamos a frequência *token* e a frequência dos padrões semânticos causais (*type*). Na subseção 3.2, tratamos das dimensões das unidades envolvidas nas construções causais, correlacionando-as com os cinco padrões causais. Na subseção 3.3, relacionamos os padrões causais aos modos sintáticos de composição e aos tipos de juntores. Na subseção 3.4, examinamos os domínios pragmáticos em que as causais se inserem, estabelecendo correlações com os padrões semânticos e com o fator extralinguístico série escolar. Na subseção 3.5, avaliamos a correlação entre uso das causais, série escolar e a(s) TD(s) em que os textos se inserem.

3.1 Frequência *token* e os padrões semânticos (*type*) causais

Feito o levantamento das ocorrências no *corpus*, a frequência *token* de processos juntivos de causa é de 344 ocorrências. A Tabela 01, que apresenta a distribuição das ocorrências em função das quatro séries do EF II, mostra números e percentuais da produção de cada escrevente.

Escreventes	Número de ocorrências			
Escrevente 01	5. ^a série (2008)	8	16%	50
	6. ^a série (2009)	20	40%	
	7. ^a série (2010)	8	16%	
	8. ^a série (2011)	14	28%	
Escrevente 02	5. ^a série (2008)	6	10,71%	56
	6. ^a série (2009)	24	42,85%	
	7. ^a série (2010)	11	19,64%	
	8. ^a série (2011)	15	26,78%	
Escrevente 03	5. ^a série (2008)	18	19,14%	94
	6. ^a série (2009)	23	24,46%	
	7. ^a série (2010)	22	23,40%	
	8. ^a série (2011)	31	32,97%	
Escrevente 04	5. ^a série (2008)	12	11,53%	104
	6. ^a série (2009)	25	24,03%	
	7. ^a série (2010)	27	28,72%	
	8. ^a série (2011)	40	42,55%	
Escrevente 05	5. ^a série (2008)	4	10%	40
	6. ^a série (2009)	11	27,5%	
	7. ^a série (2010)	8	20%	
	8. ^a série (2011)	17	42,5%	

Tabela 01: Distribuição das ocorrências de cada escrevente em perspectiva longitudinal

Os escreventes 03 e 04 são responsáveis pela realização de mais da metade das construções causais. Os escreventes 04 e 05 são os que apresentam, respectivamente, a maior e a menor frequência de realização (104 e 40 ocorrências) de construções causais nos textos. Chama a atenção, pela regularidade das frequências para todos os escreventes, a maior produtividade de causais nas 6.^a e 8.^a séries, conforme apontam as hachuras. Adiante, apontaremos hipóteses explicativas para a diferença de frequência dos processos juntivos causais nas séries escolares.

A Tabela 02, abaixo, apresenta a frequência de cada padrão causal. É possível constatar que os escreventes realizam a causalidade de forma variável, em diferentes padrões, e que os padrões asserção/explicação (44,7%) e causa/efeito (30,5%) são os mais frequentes, o que equivale a dizer que as construções de causa, nos dados analisados, funcionam, essencialmente, para introduzir uma explicação ou para estabelecer implicação entre causa e efeito.

Padrões causais	Frequência	
1. causa/efeito	105	30,52%
2. efeito/causa	08	2,32%
3. fato/explicação	41	11,91%
4. asserção/explicação	154	44,76%
5. asserção/conclusão	36	10,46%
Total	344	100%

Tabela 02: Frequência dos padrões semânticos causais (*type*)

O *type* 1 (causa/efeito) foi concretizado no *corpus* em construções paratáticas justapostas, conforme (25), e em construções com juntores do tipo *e*, *então*, *aí* e *por isso*, conforme (26).

(25) Bom um dos meus problemas é que eu tenho que lavar a louça, **Ø** não posso sair com as minhas amigas (E4/6S/P5:Oc32)

(26) Ela por tanto conseguiu ser a pessoa mais rica da cidade, e era tudo o que ela queria, **por isso** todo mundo falava bem dela (E4/8S/P4:Oc86)

Em (25), o compromisso da escrevente de *lavar a louça* é a causa-problema para o efeito *não poder sair com as amigas*. A relação causal, como já dito, não é codificada com a presença de um juntor, no entanto, o esquema de mundo - *todo dever deve ser seguido e, portanto, não se pode fazer tudo que quer* - é suficiente para a leitura de causa/efeito. Em (26), *ser rica* é a causa para *todo mundo falar bem* (efeito). A relação de sentido causal entre essas informações se dá, em grande parte, em virtude do contexto em que estão inseridas (no texto, os personagens são interesseiros) e é marcada pelo juntor *por isso*.

Em estrutura hipotática, as construções de causa/efeito são realizadas com o juntor *como*, conforme (27), e em estrutura subordinada, a causa é introduzida pela preposição *por* seguida de SN ou de oração, conforme (28).

(27) **como** eu sou a rainha eu tenho que dançar direito se não eu perco (E4/5S/P2:Oc05)

(28) Tem os adolescentes que **por** muita influência ou por onde vive, acaba largando o seu futuro de lado (E3/8S/P7:Oc94)

A ocorrência (27) é representativa das construções hipotáticas iniciadas por *como*. Nesse tipo de estrutura, a causa (*ser rainha*) sempre precede o efeito *ter que dançar direito*. Em (28), a preposição *por* introduz a causa, que ora é codificada em um termo, ora em uma oração, e é seguida do efeito *largar o futuro*.

O type 2 (efeito/causa) ocorre mais frequentemente na estrutura paratática com juntor explícito *porque* e na subordinação, com a perífrase prepositiva *por causa de* e com a perífrase conjuncional *por causa que*, conforme (29). Nessa ocorrência, o efeito *ter vários problemas de saúde* é seguido da perífrase conjuncional que introduz a causa por meio de uma oração desenvolvida.

(29) Existem várias pessoas que pensam que tudo o que falam que o cigarro causa é mentira, por isso essas pessoas podem vir a ter vários problemas sérios de saúde, **por causa que** uma coisa que ela pensa que é mentira. (E4/8S/P6:Oc97)

Os padrões fato/explicação, asserção/explicação e asserção/conclusão (type 3, 4 e 5) caracterizam-se pela ordenação fixa das orações: a explicação e a conclusão sempre são posteriores ao fato e constituem-se, frequentemente, com a presença de palavras e expressões opinativas, como adjetivos (*legal, bom, divertido, triste, complicado, importante, contente, feliz*) e verbos volitivos e de opinião (*gostar, amar, achar, querer, adorar, esperar, acreditar*). Essas marcas linguísticas foram essenciais para reconhecimento desses type nos domínios pragmáticos referencial e epistêmico, conforme mostraremos adiante.

Conforme já explicitado, em (30), a seguir, o primeiro elemento da construção é um *fato* concreto contado por uma pessoa que não participou da ação - *ele jogou a namorada* - seguida de uma *explicação*, segundo o narrador onisciente da história em questão. Esse padrão, no *corpus*, é codificado preferencialmente na estrutura paratática justaposta ou na estrutura paratática com juntor (*porque* e *pois*) explícito.

(30) Ele jogou a namorada, **porque** ela estava falando demais. (E1/5S/P1:Oc04)

Também conforme explicitado, em (31), temos o par asserção/explicação: a afirmação opinativa *já no segundo dia eu foi bem mais legal* é explicada no segundo membro *fui em brinque(do) de altura* sem um elo explícito de relação causal. Essa interpretação é sustentada, essencialmente, em virtude da ordem temporal dos eventos codificados nas orações e também em virtude de informações contextuais, que tornam possível inferir o gosto da escrevente por brinquedos *com muita adrenalina*. Destacamos a presença do adjetivo *legal* e dos advérbios *bem* e *muito*, que expressam a avaliação da escrevente.

(31) já no segundo dia eu foi bem mas legal Ø fui em brinque(do) de altura foi muito legal (E2/5S/P6:Oc05)

Outra possibilidade de realização do padrão asserção/explicação está no uso de juntores prototípicos de causa (*porque*, *pois* e *que*), que iniciam a explicação de algum dizer, conforme (32). Nessa ocorrência, o escrevente expressa sua vontade (*gostaria de ganhar um computador*), pois entende/julga que o outro [notebook] *está velho*.

(32) eu gostaria de ganhar meu computador **por que** sabe mãe, aquele notebook já tá muito velhinho, eu preciso de um novo (E2/7S/P6:Oc38)

As ocorrências (31) e (32) acima são representativas do padrão asserção/explicação na estrutura paratática. Porém, encontramos, ainda, esse tipo de relação semântica na estrutura hipotática, conforme (33), e na subordinação, conforme (34).

(33) Quando muntei dentro do foguete me senti muito bem, **sabendo** que iria para Marte (E3/5S/P5:Oc13)

(34) Cada jovem tem um pensamento diferente, **por** influencia, **por** ser seu gênero ou **pela** educação que teve passou a pensar de tal maneira. (E3/8S/P7/Oc:91e92)

Em (33), a explicação para o primeiro elemento (*sentir-se bem*) é dada por uma oração reduzida de gerúndio, sem, portanto, a presença de juntor. Em (34), temos três explicações que se combinam à primeira mantendo o binarismo: a segunda é iniciada com preposição *por* seguida de oração no infinitivo e a primeira e a terceira, com preposição *por* mais SN.

Nesse *type*, também, conforme (35) abaixo, agrupam-se as construções em que um ato de fala é seguido por explicação ou justificativa. O ato de fala, por vezes, é do próprio escrevente, e é reproduzido no texto, ou é a fala de personagens das histórias reais ou fictícias contadas por ele. No *corpus*, os atos de fala expressam ordem, sugestão ou pedido e, por isso, os verbos estão, geralmente, no modo imperativo.

(35) assim minha mãe ele falou não liga para isto Ø isto é so chatice (E1/6S/P4:Oc19)

O escrevente, nesse tipo de construção, reproduz na escrita um ato de fala e, em seguida, introduz a explicação para o que foi enunciado e não apenas para o conteúdo explicitado, como nos exemplos anteriores. A explicação pode ser codificada em estrutura justaposta, conforme (35) acima, ou introduzida por *e* ou *porque*, conforme (36) abaixo, codificando-se também em estrutura paratática.

(36) Mais você fica tranquila, e tudo o que você precisa eu estou aqui pra te ajudar. (E2/6SP7:OC30)

Por fim, verificamos que o padrão asserção/conclusão é realizado preferencialmente sob a forma paratática justaposta ou com juntor explícito (*por isso*, *então* ou *ai*). Em (37), o escrevente *promete ser fiel* em virtude de pelo menos três fatos: *tentar melhorar a relação*, *o carinho da prima por ela* e *atenção que dá à prima*.

(37) Bom e eu prometo que vou tentar melhorar por causa que a minha prima gosta muito de mim porque ninguém dá atenção para ela e eu dou. **Por isso** eu prometo ser fiel este ano inteiro que tem pela frente para eu viver muito feliz e sem brigar (E4/6S/P1:Oc17)

Dado esse estado de coisas, constatamos que a quantidade e a tipologia das construções causais variam de escrevente para escrevente, de ano para ano, e é maior em determinados anos do que em outros. Isso se deve possivelmente à finalidade comunicativa dos textos e às próprias TDs em que os textos se inserem. A depender da proposta de produção textual, os escreventes mobilizam os *modos de dizer tradicionalmente estabelecidos* (cf. KABATEK, 2006), de acordo com suas bagagens comunicativas e cognitivas e, assim, fazem escolhas no âmbito das relações sintáticas e semânticas para a construção dos sentidos dos seus textos. Essa hipótese explicativa será verificada no decorrer desta seção.

3.2 As dimensões das unidades combinadas na relação causal

Os processos juntivos de causa encontrados nos textos dos escreventes do EF II são binários, isto é, são realizados por meio da combinação de duas unidades, conforme explicitamos em seção anterior. A análise das ocorrências do *corpus* mostrou que as unidades envolvidas podem ser termos (Sintagma Nominal; SN, daqui em diante), orações (enunciados com um verbo e seus argumentos) ou conjunto de orações/períodos complexos (dois ou mais verbos nas formas desenvolvida ou reduzida e seus argumentos)¹². Assim, em relação à dimensão das unidades oracionais combinadas, propomos 6 tipos de construção:

- (i) Relação causal entre orações¹³;
- (ii) Relação causal entre um período complexo (no primeiro segmento) - com, no mínimo, duas orações - e uma oração (no segundo segmento). Neste caso, a maioria das ocorrências é realizada com 2 ou 3 orações na primeira parte.

¹²Béguelin (2010) descreve apenas as construções paratáticas causais que combinam duas orações simples. No entanto, por entendermos que a relação causal é, essencialmente, textual/discursiva, consideramos, como processo juntivo de causa, combinações de unidades de diferentes dimensões.

¹³Cada oração é composta de um verbo (ou locução verbal) e seus argumentos.

Todavia, há casos de porções de texto bem maiores no primeiro elemento, podendo corresponder ao texto todo.

- (iii) Relação causal entre uma oração (primeiro elemento) e um período complexo (segundo elemento), constituído de uma oração desenvolvida e outra reduzida de infinitivo.
- (iv) Relação causal entre conjuntos de oração. Neste caso, é preciso retomar partes maiores que uma oração simples para ter informação contextual suficiente para compreender a relação de causa. O segundo segmento também é realizado por períodos complexos - 2 efeitos ou 2 explicações, por exemplo, para a informação explicitada na primeira parte.
- (v) Relação causal entre oração e termo.
- (vi) Relação causal entre termo e oração.

O Quadro 03 mostra a nomenclatura utilizada na classificação das construções no que tange à dimensão das unidades envolvidas e traz ocorrências exemplares.

1. oração/oração Exemplo: Ele jogou a namorada Por que ela estava falando de mais. (E1/5S/P1:Oc01) 2. conjunto/conjunto Exemplo: eu só podia sair aquela tarde por que domingo eu iria na casa da minha tia. Pois então eu pedi para a minha mãe deixar eu sai mais ela deixou não eu fiquei insistindo mas ela não dexava (E2/6S/P3:Oc19) 3. oração/conjunto Exemplo: Enfim achei um meio porque ela só tinha vontade de chorar, e chorar (E3/6S/P4:Oc29) 4. conjunto/oração Exemplo: Bom e eu prometo que vou tentar melhorar por causa que a minha prima gosta muito de mim (E4/6S/P1:Oc15) 5. oração/termo Exemplo: Ah! Como nois era tonta né! brigar por causa de moleque!KKK... (E5/6S/P7:Oc15) 6. termo/oração Exemplo: cheia de animais rarissimos, animas em extinção. Pois à pessoas que não tem noção da emportância da floresta Amazônica então poluem ela, caça de animais, queimada (E2/8S/P5:Oc51)
--

Quadro 03: Dimensões das unidades envolvidas nas construções causais

Na Tabela 03, abaixo, combinamos a frequência de cada um dos seis padrões dimensionais com a distribuição por série, com o propósito de averiguar se há algum tipo de correlação.

Padrões	Frequência			
1. oração/oração	5. ^a série (2008)	19	25,67%	74
	6. ^a série (2009)	24	32,43%	
	7. ^a série (2010)	15	20,27%	
	8. ^a série (2011)	16	21,62%	
2. conjunto/conjunto	5. ^a série (2008)	08	7,20%	111
	6. ^a série (2009)	30	27,02%	
	7. ^a série (2010)	34	30,63%	
	8. ^a série (2011)	39	35,13%	
3. oração/conjunto	5. ^a série (2008)	08	12,50%	64
	6. ^a série (2009)	22	34,37%	
	7. ^a série (2010)	09	14,06%	
	8. ^a série (2011)	25	39,06%	
4. conjunto/oração	5. ^a série (2008)	13	16,25%	80
	6. ^a série (2009)	19	23,75%	
	7. ^a série (2010)	18	22,50%	
	8. ^a série (2011)	30	37,50%	
5. conjunto/termo	5. ^a série (2008)	0	0	13
	6. ^a série (2009)	8	61,53%	
	7. ^a série (2010)	0	0	
	8. ^a série (2011)	5	38,43%	
6. termo/oração	5. ^a série (2008)	0	0	2
	6. ^a série (2009)	0	0	
	7. ^a série (2010)	0	0	
	8. ^a série (2011)	2	100%	

Tabela 03: Padrões dimensionais e séries escolares

De maneira geral, a Tabela 03 mostra que a combinação entre conjunto de orações é a mais produtiva do *corpus* e as combinações menos recorrentes são as que envolvem termos¹⁴. As construções que envolvem a junção de conjuntos na primeira, na segunda ou nas duas unidades aparecem em maior número nos textos da 8.^a série. Na 6.^a série, a combinação mais recorrente se faz entre orações. Essa distribuição reflete a codificação, em frequência maior

¹⁴ O maior número de ocorrências envolvendo conjunto de orações sinaliza que a relação causal não é codificada apenas lançando mão de aspectos dos domínios sintático, semântico, mas envolve, essencialmente, aspectos discursivo-textuais. Na grande maioria das ocorrências de causa do *corpus*, foi preciso, para a leitura causal, considerar o contexto maior de ocorrência, bem como o conhecimento e as implicações de mundo. Desse modo, insistimos que a codificação de causa vai além dos esquemas sintáticos.

ou menor, dos diferentes padrões causais. Em outras palavras, há uma relação entre os padrões causais e a dimensão das unidades envolvidas na junção, conforme sugere a Tabela 04 abaixo¹⁵.

Padrões da dimensão	Padrões causais	Frequência		
1. oração/oração	causa-efeito	30	9,11%	74
	efeito-causa	01	0,30%	
	fato-explicação	12	3,64%	
	asserção-explicação	28	7,59%	
	asserção-conclusão	03	0,90%	
2. conjunto/conjunto	causa-efeito	25	7,59%	111
	efeito-causa	01	0,30%	
	fato-explicação	10	3,03%	
	asserção-explicação	55	16,71%	
	asserção-conclusão	20	6,07%	
3. oração/conjunto	causa-efeito	19	5,77%	64
	efeito-causa	0	0%	
	fato-explicação	09	2,73%	
	asserção-explicação	31	9,42%	
	asserção-conclusão	05	1,51%	
4. conjunto/oração	causa-efeito	28	8,51%	80
	efeito-causa	0	0%	
	fato-explicação	06	1,82%	
	asserção-explicação	38	11,55%	
	asserção-conclusão	08	2,43%	

Tabela 04: Padrões causais e dimensão das unidades envolvidas na construção

Em relação ao padrão de dimensão mais frequente na amostra, conjunto/conjunto, a Tabela 04 mostra uma correlação maior com asserção/explicação, conforme mostram os exemplares em (38) e (39):

(38)eu acho que averia um pouco de medo de ir a escola **por que** eu saberia que ali não é seguro então teria sim. (E1/8S/P3:Oc38)

(39)eu não podia sair para brincar **porque** eu tinha estudar (E2/6S/P3:Oc21)

Em (38), o primeiro segmento tem três orações - a principal *eu acho* seguida de duas orações integrantes, uma desenvolvida (*que averia um pouco de medo de*) e outra reduzida de

¹⁵ Optamos por apresentar, na Tabela 04, apenas os padrões mais recorrentes.

infinitivo (*ir a escola*) - e é combinado por meio do juntor explícito *porque*, ao segundo segmento, constituído, também, por três orações - a principal (*eu saberia*) seguida de uma oração integrante desenvolvida (*que ali não é seguro*) e outra oração adverbial causal (*então teria sim*). Em (39), os conjuntos de orações, no primeiro e no segundo segmento, são constituídos de orações principais (*eu não podia* e *eu tinha*) seguidas de integrantes reduzidas de infinitivo (*sair* e *estudar*). Nessa ocorrência, o primeiro segmento também apresenta uma oração adverbial de finalidade (*para brincar*). Tudo isso é índice da complexidade na arquitetura sintática das causais.

A partir dessas e de outras ocorrências, é possível depreender algumas tendências desse padrão: i) os conjuntos de orações têm, no máximo, 4 orações; ii) a maioria das ocorrências é codificada com juntor *porque* ou *pois*; iii) pelo menos uma oração integrante do bloco é reduzida de infinitivo ou gerúndio; iii) os conjuntos de orações são formados, na maioria das vezes, pela oração principal seguida da(s) integrante(s) e, em poucos casos, há orações adverbiais.

Quanto ao padrão causa/efeito, há, essencialmente, dois tipos de construção em relação à extensão das unidades combinadas, conforme mostram (40) e (41):

(40) A minha mãe não queria deixar de jeito nenhum eu jogar **ai** eu peguei e fiquei atazinando. (E4/6S/P3:Oc24)

(41) Até que ela foi, fez o suco, e colocou óleo na salada e foi assisti televisão e largo la. Quando voltou para terminar. Só que quando foi por os outros temperos na salada ela viu algo estranho, parecia terra, ou sujeira. A mãe dela persebeu que o óleo de fritura tinha bastante e não tinha mais nada quase. E falo, “isso é óleo de fritura”, **Ø** comessei a rir, rir e não conseguia parar. (E3/7S/P5:Oc64)

Em (40), a causa é codificada por meio de um enunciado com três orações: a principal desenvolvida (*a minha mãe não queria*) e as integrantes reduzidas (*deixar de jeito nenhum* e *eu jogar*). O efeito, iniciado pelo juntor *ai*, é expresso pela coordenação de duas orações (*eu peguei* e *fiquei atazinando*). Nesse caso, por conta do uso de orações reduzidas e/ou de orações desenvolvidas curtas, a construção não é extensa e se realizada com a ajuda dos

juntores *aí*, *e*, *por isso* e *então*. Em (41), o primeiro segmento é bastante extenso, constituído por mais de um período complexo e o segundo segmento, mais curto, apresenta quatro orações, duas desenvolvidas (*comessei* e *não conseguia*) e duas reduzidas (*rir*, *rir* e *parar*), em um único período. Aqui, a causa e o contexto em que ela se insere são explicados, em detalhes, pelo escrevente.

Os mesmos tipos dimensionais acima descritos estruturam o padrão asserção/conclusão, conforme mostram (42) e (43).

(42) Mais eu não quero porque tudo essa fama toda não paga o amor e o carinho que a minha família tem por mim; **então é por isso** que eu não quero virar celebridade. (E4/7S/P5:Oc24)

(43) Pra mim a palavra “ficar” serve só para a pessoa que fala se achar, por que não é só ficar tem pessoas que só ficam por ficar mais tem pessoas que ama de verdade, mais tem pessoas que só bricam com o coração de Seu parceiro.

Eu já pesei por isso, gostava de um menino e ele dizia que gostava de mim, mais eu percebi que ele não tinha carinho comigo, era chato, ao ele foi se afastando de mim e nem olhava mais no meu rosto, aí eu decide seguir a minha vida pra frente. Parece uma brincadeira mais tem um menino que eu amo de paixão e ele também me ama, por que nele eu percebo que ele me ama aí depois que eu larguei do outro, daí 2 semanas o menino que me ama veio pedir pra namorar comigo e não “ficar”, e agora a gente tá muito feliz mesmo com tudo que está acontecendo e a gente está muito feliz, fora as minhas amigas que ajudaram a gente a poder ficar junto. **Então** eu falo quando alguém fala pra você “fica comigo” não aceita, por que você vai sofrer demais. (E4/7S/P5:Oc56)

Em (42), a asserção composta por três orações - principal (*eu não quero*), causal do tipo explicativa (*porque tudo essa fama toda não paga o amor e o carinho*) e integrante (*que a minha família tem por mim*) - é seguida dos jutores conclusivos *então* e *por isso*, que iniciam a conclusão. Em (43), a conclusão sucede a opinião do escrevente sobre *ficar* com alguém. Para explicar a asserção feita no início (*pra mim a palavra “ficar” serve só para a pessoa que fala se achar*), o escrevente exemplifica e argumenta a favor de sua opinião, fazendo com que o primeiro elemento seja bastante extenso. Neste caso, a conclusão pode ser justaposta ou iniciada pelos jutores *então*, *por isso* e *portanto*.

Em menor número, no padrão fato/explicação, as combinações entre conjuntos de orações realizam-se conforme (44):

(44)Essa amiga que gostava dele ficou muito magoada **pos** o menino que ela gostava estava ficando com sua amiga (E2/6S/P4:Oc24)

Os conjuntos de orações, nesse caso, são constituídos, tanto no primeiro quanto no segundo segmento, de uma oração principal *essa amiga ficou muito magoada* e de uma completiva *que gostava dele*.

Os processos juntivos de causa podem, também, ser realizados pela combinação de um conjunto de orações a uma oração. A Tabela 04 apresenta a frequência desse tipo de combinação em cada padrão causal: há mais ocorrências envolvendo os padrões asserção/explicação e causa/efeito. As ocorrências em (45) e (46) são representativas da combinação entre conjunto de orações e oração nos padrões asserção/explicação e causa/efeito, respectivamente:

(45)E eu não sabia oque fazer naquela epoca, **Ø** eu era muito criança (E5/8S/P1:Oc24)

(46)Rodrigo levantou não vio ela, **e** foi para sala. (E5/8S/P4:Oc33)

Em (45), a asserção é constituída pela oração principal (*e eu não sabia*) e pela integrante *o que fazer naquela época* e a explicação por uma única oração: *eu era muito criança*. Em (46), a causa é codificada pelas orações *Rodrigo levantou e não vio ela* e o efeito, pela oração *foi para sala*.

Nos padrões fato/explicação e asserção/conclusão, menos frequentes, as ocorrências apresentam os seguintes aspectos, conforme (47) e (48), respectivamente:

(47)Na hora que foi comer acho estranho, **porque** tinha um gosto esquisito (E3/7S/P3:Oc62)

(48)agora sai daqui porque eu não quero mais saber de você porque você foi muito chato comigo me jogando no meio da rua **por isso** sai da minha frente (E4/5S/P1:Oc03)

Em (47), e nas outras ocorrências similares do *corpus*, o fato é realizado por duas orações, a principal desenvolvida (*achou estranho*) e a adverbial *na hora que foi comer*. Em

(48), o primeiro segmento é um conjunto de orações constituído por um ato de fala (*agora sai daqui*) seguido de orações que explicam esse ato; o segundo segmento é a conclusão codificada em uma única oração (*sai da minha frente*) do contexto anteriormente citado.

A combinação entre duas orações, em maior número nos textos da 6.^a série, é bastante produtiva nos padrões causa/efeito e asserção/explicação, conforme exemplificam (49) a (51). Nesses casos, as primeiras e as segundas unidades da construção são codificadas por uma única oração, isto é, por um verbo e seus argumentos.

(49)ele era muito rápido **e** a tropa inteira foi atrás dele (E3/5S/P1:Oc01)

(50)os maiores prejudicados são os brasileiros **por que** esses protudo são levado da qui pra lá. (E1/8S/P5:Oc44)

(51)Ele jogou a namorada **por que** ela estava falando demais (E1/5S/P1:Oc01)

As combinações entre oração e conjunto de orações, conforme a Tabela 04, correlaciona-se, em maior número, ao padrão asserção/explicação, conforme (52), seguido do padrão causa/efeito, conforme (53).

(52)Até hoje, eu considero ele o meu melhor, **Ø** ele sabe meus segredos e eu sei os deles, eu ajudo ele com os “rolos” que ele tem (risos), e ele com os meus! (E5/8S/P1:Oc27)

(53)La só tinha R\$3,00 **Ø** eu fui procurar nos cantos das causadas para ver-se eu encontrava moedas. (E1/6S/P1:Oc10)

Em frequência menor, a construção causal pode ter um termo como uma das unidades combinadas. Encontramos duas ocorrências de termo combinado a oração, conforme (54), e 13 ocorrências de oração combinada a termo, conforme (55). Em (54), a expressão *animais em extinção* é o fato explicado na oração posterior. Em (55), o primeiro elemento é a causa do efeito expresso pelo termo *garotos*.

(54)cheia de animais rarissimos, animas em extinção. **Poisà** pessoas que não tem noção da emportância da floresta Amazônica então poluem ela, caça de animais, queimada (E2/8S/P5:Oc51)

(55)Tem coração partido **por causa de** garotos (E5/6S/P5:Oc09)

Na literatura linguística sobre junção causal, no que se refere ao domínio estrutural, discute-se a forma de combinação das unidades envolvidas; no entanto, não há notícias de estudos que analisam a dimensão das unidades envolvidas. Neste trabalho, propomos esse olhar, pois verificamos uma relação qualitativa expressiva com os padrões semânticos. Além disso, avaliar a dimensão das unidades permitiu verificar que a junção causal precisa, por vezes, ser interpretada em um contexto bem maior do que aquela da oração complexa.

Em termos gerais, verificamos, portanto, que os padrões asserção/explicação, causa/efeito, fato/explicação e asserção/conclusão, no que diz respeito às dimensões das unidades envolvidas, podem ser codificados a partir de combinações do tipo conjunto/conjunto, conjunto/oração, oração/oração, oração/conjunto, enquanto que o padrão efeito/causa é realizado apenas entre orações ou entre conjunto de orações.

Constatamos, de forma mais específica, que os padrões asserção/explicação e asserção/conclusão tendem fortemente a envolver conjuntos, o que explicita uma tendência: a conclusão e a explicação são realizadas em um contexto maior e, muitas vezes, envolvem o texto todo. Já os padrões causa/efeito e fato/explicação envolvem dimensões diversas: conjuntos e orações.

3.3 Os modos sintáticos de composição e os tipos de juntores na relação causal

Em relação ao eixo tático, como explicitado na seção teórica, classificamos os processos juntivos de causa em parataxe, hipotaxe e subordinação, cientes de que não se trata de categorias discretas. Entendemos, à maneira de Halliday (1985) e de Raible (2001), que a parataxe é a relação entre unidades de mesmo estatuto e a hipotaxe é a relação entre unidades de estatutos diferentes. Esses tipos de *taxe* não são concebidos, nessa perspectiva, como pontos dicotômicos, mas como pontos focais em um *cline* da combinação de orações.

Consideramos, também, nesta pesquisa, a subordinação (ou encaixamento, nos modos de Halliday (1985)), como um terceiro tipo de composição sintática possível para as causais.

No cômputo geral dos dados, verificamos que, no domínio da arquitetura sintática, a grande maioria das ocorrências (313/90,98%) realiza-se por meio da *arquitetura paratática*, ou seja, correspondem à combinação de unidades de mesmo estatuto, que frequentemente mostram restrições de ordem. Defendemos, juntamente com Paiva e Braga (2010), que a estrutura paratática não admite mudanças de ordem entre as unidades combinadas, pois a ordem é fundada em um sequenciamento temporal icônico.

Entre as ocorrências de construções causais paratáticas, há 67 ocorrências de justaposição, destas, 31 (46,26%) exprimem relação de causa/efeito, conforme (56), 22 (32,83%) de asserção/explicação, conforme (57), 10 (14,92%) de asserção/conclusão, conforme (58) e 4 (5,97%) de fato/explicação, conforme (59).

(56)naquela época eu misturei amizade com amor, Ø acabei sofrendo. (E5/8S/P1:Oc26)

(57)Bom eu fiquei muito triste, Ø eu gostava dele (E2/7S/P5:Oc37)

(58)ela só tinha vontade de chorar, e chorar Ø eu resolvi mostrar outro [menino] pra ela. (E3/6S/P4:Oc30)

(59)a tropa inteira foi atrás dele Ø ele era o maior vilão da cidade de Monte Branco. (E3/5S/P1:Oc02)

Nas ocorrências acima, as unidades combinadas têm mesmo estatuto e relacionam-se sem a presença de juntores. Contudo, a sequencialidade temporal, a ordem icônica dos acontecimentos e os esquemas interpretativos do mundo garantem a leitura de causa. Verificamos, portanto, que a justaposição de orações é realizada, preferencialmente, para estabelecer relações de causa/efeito. Acreditamos que esse resultado se deve ao fato de esse padrão codificar relações de causa mais concretas ou referenciais, a partir de sequências temporais e, portanto, o sentido, nesse caso, é depreendido mais facilmente a partir esquemas de interpretação e do conhecimento de mundo do leitor, compensando a ausência do juntor.

As 246 ocorrências de causais paratáticas realizadas com a presença de juntores foram distribuídas conforme a Tabela 05, que correlaciona os juntores e os padrões semânticos:

Juntores	Frequência		Padrões causais
(e) aí	09	3,65%	causa/efeito
	02	0,81%	asserção/conclusão
assim	01	0,40%	asserção/conclusão
e	37	15,04%	causa/efeito
	03	1,21%	asserção/explicação
	01	0,40%	fato/explicação
(porque) então	19	7,72%	causa/efeito
	07	2,84%	asserção/conclusão
que	04	1,62%	asserção/explicação
	01	0,40%	fato/explicação
pois	30	12,19%	asserção/explicação
	05	2,03%	fato/explicação
(e/então) por isso	14	5,69%	asserção/conclusão
	04	1,62%	causa/efeito
portanto	01	0,40%	asserção/conclusão
porque	82	33,33%	asserção/explicação
	24	9,75%	fato/explicação
	01	0,40%	asserção/conclusão
	01	0,40%	efeito/causa

Tabela 05: Frequência, tipos de juntores e padrões causais, em construções paratáticas

A Tabela 05 mostra que os juntores das construções paratáticas, apesar de não serem os únicos responsáveis pela junção, mobilizam diferentes relações de sentido dentro do domínio causal, e sugere, em particular, uma especialização dos juntores na codificação de certo(s) tipo(s) de causa. Assim, os juntores menos prototípicos, em vias de gramaticalização, tais como *e*, *aí*, *então*, são usados essencialmente para expressar a relação causa/efeito entre as unidades combinadas, conforme (60), (61) e (62), respectivamente:

(60)um Prinsipe que prometeu a trazer sua filha depois de 3 meses ele voutou casado com a filha homem e o delegado e o Pai foram pegar as armas para matar o Prinsipe **e** eles saíram corendo e o delegado epoi atrais. (E1/5S/P1:Oc04)

(61)paesar de eu como fui tona conte pra eles o que tinha acontecido **ai** eu fui suada mais ainda (E2/6S/P2:Oc17)

(62)à pessoas que não tem noção da emportância da floresta Amazônica **então** poluem ela, caça de animais, queimada (E2/8S/P5:Oc52)

A ordem dos acontecimentos em (60) é icônica: o delegado da cidade e o pai, enfurecidos com o príncipe que não cumpriu a promessa de trazer a filha no prazo de três meses, *pegam as armas para matá-lo* e, depois, o alvo e a princesa *correm* para fugir das

ameaças. Nessa ocorrência, além do sequenciamento temporal icônico que se reflete na ordem das orações, para legitimar a relação causa-efeito, é possível lançar mãos dos esquemas de mundo, nos quais quem é ameaçado de morte corre para não ser atingido.

Em (61), o juntor *aí* estabelece sequencialidade temporal e relação causa/efeito entre *contar o que tinha acontecido* e *depois ser zuada*. O efeito *ser zuada pelos amigos* é algo possível no mundo real, considerando o relato de um acontecimento engraçado. Em (62), o juntor *então* inicia o efeito - *poluir, caçar e provocar queimada* - a partir do fato de algumas pessoas não se importarem com a Floresta Amazônica.

Acreditamos, portanto, à maneira de Paiva (1992), que, frequentemente, na relação causa/efeito, se expressa, também, uma relação de sentido temporal, uma vez que a ordem das unidades da construção obedece, preferencialmente, à ordem icônica dos fatos no mundo real. Dessa forma, o escrevente pode lançar mão da justaposição, como explicitado acima, ou de jutores menos prototípicos de causa, pois se vale de outros fatores para que a relação causal seja entendida por seu interlocutor.

Em outra via de especialização estão os jutores *porque*, *pois* e *que*, prototípicos do domínio causal, que são utilizados, preferencialmente, para expressar a relação asserção/explicação (*type 4*), na qual uma afirmação, muitas vezes, avaliativa e/ou opinativa precede a explicação, que é, também, frequentemente, subjetiva, pois depende do julgamento do escrevente.

Em relação ao juntor *porque*, mais frequente nesta pesquisa, encontramos três modos de realizar combinações causais dentro do padrão asserção/explicação, conforme (63), (64) e (65).

(63) Eu fiquei muito bravo **porque** ele não deixou eu passar com o carro na bonte (E1/6S/P3:Oc16)

(64) Agora sai daqui **porque** eu não quero mais saber de você (E4/5S/P1:Oc01)

(65) Eu sou amiga dela até hoje **por que** ela é muito legal comigo (E4/6S/P4:Oc31)

Em (63), a asserção explicita um estado, um sentimento (*ficar muito bravo*) do escrevente que é explicada por um fato concreto (*o pai não deixar passar com o carro na ponte*) no segundo segmento da construção. Em (64), o primeiro elemento é um ato de fala (*sai daqui*) cuja realização é justificada por um sentimento (*não quero mais saber de você*) e, por vezes, uma opinião. Em (65), afirma-se um fato em primeira pessoa (*sou amiga até hoje*) para depois explicá-lo a partir de uma opinião e/ou avaliação (*a amiga é muito legal*).

O juntor *pois*, essencialmente explicativo nas ocorrências desse *corpus*, tem a função de combinar uma oração que traz a opinião do escrevente à oração que explica tal opinião, na maioria das vezes, avaliativa do escrevente, conforme (66).

(66) Ter guadas nos portões e andando dentro da escola para promover a segurança dessas crianças. Acho que sim, **pois** os pais tem que orientar os seus filhos contra os perigos (E4/8S/P3:Oc80)

Em (66), a asserção opinativa em primeira pessoa *acho que sim* se relaciona com o período anterior e é explicada pelo segundo segmento iniciado pelo juntor *pois*. Em suma, para o escrevente, é preciso preocupar-se com a segurança das crianças dentro das escolas, pois é dever dos pais orientar e cuidar dos filhos.

Por fim, o juntor *que* no padrão asserção/explicação combina uma afirmação em primeira pessoa (*eu não posso esquecer o kit de maquiagem e de esmaltes*) a uma explicação que se baseia na opinião e/ou nos gostos do escrevente (*são minha paixão*), conforme (67). Ressaltamos que, no padrão asserção/explicação, o primeiro segmento é sempre uma afirmação em primeira pessoa do singular.

(67) Ah e eu não posso esquecer o kit de maquiagem e de esmaltes, **que** são minha paixão. (E5/7S/P6:Oc21)

Em frequência menor, os jutores *porque*, *pois* e *que* codificam a relação fato/explicação (*type 3*): o primeiro segmento traz um fato concreto ou uma opinião comum

ao restante da sociedade e enunciada em terceira pessoa, que são explicados, por meio da avaliação do escrevente, no segundo elemento, conforme (68), (69) e (70).

(68) a gente brigou **por que** eu sem querer eu quebrei o seu pula corda da coca-cola e você ficou muito mais muito chateada comigo (E4/6S/P7:Oc34)

(69) Os adolescente não se preocupam muito com o futuro, **pois** só pensam em festas e mais festas. (E5/8S/P7:Oc29)

(70) todos nós precisamos desta riqueza para viver, **pois** são as árvores que coloca o oxigênio para nós respirarmos. (E4/8S/P5:Oc90)

Em (68), o primeiro segmento da construção traz um fato concreto no pretérito: *a gente brigou* e a explicação do fato, nesse caso, é outro acontecimento. No entanto, como pontuamos em seção anterior, a explicação não necessariamente é um fato concreto e pode estar carregada de opinião, avaliação e julgamento. Em (70), o período *todos nós precisamos desta riqueza para viver* codifica uma opinião em terceira pessoa bastante divulgada pelo senso comum e, portanto, por vezes, é entendida como um fato, principalmente quando relacionada aos riscos sofridos pelo meio ambiente. A ocorrência (69) mostra que a opinião comum explicitada no primeiro elemento não necessariamente deve estar relacionada ao assunto “meio ambiente”. Nessa ocorrência, o escrevente introduz a explicação para a opinião, isto é, *os adolescente não se preocupam muito com o futuro* com *pois*, tipicamente explicativo.

Dessa forma, agrupamos esse tipo de ocorrência no padrão fato/explicação. A explicação, presente no segundo elemento da combinação, é sempre um fato concreto e comprovado (*são as árvores que fornecem oxigênio para nós*).

Numa terceira via de especialização, os juntores *por isso*, sozinho ou combinado com *e*, *então*, *portanto* e *assim* são mobilizados para introduzir uma conclusão do escrevente em relação a uma asserção lançada anteriormente. Assim, esses juntores estão estreitamente relacionados ao *type 5*, conforme (71) e (72).

(71) mais tem mais uma coisa que eu quero ganhar que é passar uma semana em Nova York por que minha prima já foi pra lá e ela disse que é lindo **por isso** eu quero poder ir também (E4/7S/P6:Oc63)

(72) E assim foi feito ela conseguiu matar a mulher e ainda por cima conseguiu tirar todo o dinheiro do primo da mulher também.

Ela **por tanto** conseguiu ser a pessoa mais rica da cidade (E4/8S/P4:Oc85)

Em (71), a opinião da prima sobre a cidade de Nova Iorque é motivo para que o escrevente conclua que é um bom lugar para ir. Em (72), alguns acontecimentos da narrativa (*matar a mulher e tirar seu dinheiro*) são suficientes para concluir que a ladra assassina tornou-se a pessoa mais rica da cidade. Em alguns casos, as construções com o juntor *por isso* (e, em menor número, com *então* e *ai*) trazem uma conclusão acerca do texto todo, conforme (73), em que a explicitação do desejo por alguns presentes e da felicidade em obtê-los leva ao pedido conclusivo para que tudo se torne realidade.

(73) Querida mamãe, o que eu quero de presente de natal é uma camera digital e um notebook, por que eu quero muito esses presentes, então estou te pedindo parar comprar isso pra mim, porque eu quero muito mais muito mesmo esses presentes, quase todas as minhas amigas tem e eu também quero ter, mesmo que seja os unicos presentes que eu ganhar mais vai ser esses que eu quero ganhar, a camera eu quero vermelha e o notebook preto ou cinza.

Se a senhora puder me dar esses presentes eu vou ficar muito mais muito feliz mesmo por que isso é tudo que eu mais quero ganhar esse ano de presente de Natal mais tem mais uma coisa que eu quero ganhar que é passar uma semana em Nova York por que minha prima já foi pra lá e ela disse que é linda por isso eu quero poder ir também.

Por isso te peço me da esses presentes (E4/7S/P6:Oc64)

Em menor frequência, apenas 7 ocorrências (2,03%), as construções hipotáticas são realizadas conforme os *type* 1 e 4, e também se especializam com certos jutores: i) por meio do juntor *como* em relações de causa/efeito, conforme (74); e ii) *já que* e *até que* em relações de asserção/explicação, conforme (75). Há, ainda, um caso de relação causal, mais precisamente na relação asserção/explicação, expressa por uma oração reduzida de gerúndio, como exposto em (76).

(74) **Como** eu não achei eu achei melhor ir embora para casa. (E1/6S/P1:Oc12)

(75) Gostaria de trabalhar pelo menos em dois empregos, de atriz e pediatra, **já que** teria muita disposição suficiente se nos formsos imortal no futuro. (E2/7S/P1:Oc28)

(76) Quando muntei dentro do foguete me senti muito bem, **sabendo** que iria para Marte. (E3/5S/P5:Oc13)

Em (74) e (75), o juntor *como* e a perífrase conjuncional *já que* introduzem, respectivamente, a causa e a explicação das construções. O outro segmento de cada uma das construções é expresso por um conjunto de orações em que uma é principal e a outra é reduzida de infinitivo. Em (78), o efeito é explicitado por uma oração reduzida de gerúndio e a causa por conjunto de orações em que a primeira é temporal e a segunda a principal.

Encontram-se, também, entre as ocorrências, 24 (6,97%) combinações que se aproximam da subordinação. Essas combinações são regidas pela preposição *por* e codificam-se nos *type* 1, 2, 3 e 4, distribuídas da seguinte forma:

Padrões causais	Tipo de juntor	Frequência	
asserção/explicação	por causa de + SN	01	4,16%
	por causa que + oração	01	4,16%
	por + infinitivo	05	20,83%
	por + oração	02	8,33%
efeito/causa	por causa de + SN	06	25%
	por causa que + oração	01	4,16%
fato/explicação	por + infinitivo	04	16,66%
	por + SN	02	8,33%
causa/efeito	por + infinitivo	01	4,16%
	por + oração	01	4,16%

Tabela 06: Construções causais subordinadas distribuídas pelos padrões causais

As construções subordinadas se dão, geralmente, entre orações e/ou conjunto de orações, conforme (77), e entre oração e termo, conforme (78):

(77) Bom e eu prometo que vou tentar melhorar **por causa que** a minha prima gosta muito de mim porque ninguém da atenção para ela e eu dou (E4/6S/P1:Oc15)

(78) Cada jovem tem um pensamento diferente, **por** influencia, **por ser** seu gênero ou **pela** educação que teve passou a pensar de tal maneira. (E3/8S/P7:Oc:56)

Em (77), a asserção codificada no ato de fala *eu prometo que vou tentar melhorar* tem a explicação (*a prima gostar muito dela*) introduzida pela perífrase conjuncional *por causa*

que. No padrão asserção/explicação, o segundo segmento pode também ser constituído pela preposição *por* seguida de oração reduzida de infinitivo, conforme (79), ou pela perífrase preposicional *por causa de* e SN, conforme (80).

(79) Sou totalmente contra **por** ele [o cigarro] **fazer** mal à saúde. (E3/8S/P6:Oc:85)

(80) Lembra quando a gente brigava **por causa da Bruna** (E3/6S/P7:Oc:40)

O padrão fato/explicação é realizado preferencialmente com *por* mais oração no infinitivo e, em menor número, com a preposição *por* seguida SN. Em (78) acima, o fato, baseado em uma opinião do senso comum, *cada jovem tem um pensamento diferente*, tem três explicações iniciadas pela preposição *por* acompanhada do SN *influência*, da oração reduzida de infinitivo *ser seu gênero* e por duas orações: *que teve* *passou a pensar de tal maneira*.

Por fim, destacamos as construções do padrão efeito/causa, em que a perífrase preposicional *por causa de* seguida de SN, conforme (81), ou a perífrase conjuncional *por causa que* seguida de oração encabeçam a causa, conforme (82):

(81) Eu concordo com a proibição do cigarro, por que nós mesmos na nossa família perdemos muitas gentes **por causa do** cigarro (E4/8S/P6:Oc94)

(82) Existem várias pessoas que pensam que tudo o que falam que o cigarro causa é mentira, por isso essas pessoas podem vir a ter vários problemas sérios de saúde, **por causa que** uma coisa que ela pensa que é mentira. (E4/8S/P6:Oc97)

Nesse padrão, a ordem icônica causa/efeito não é respeitada. Como já dito, são aspectos pragmáticos, como o estatuto informacional dado e novo (cf. CHAFE, 1994; PAIVA, 1992; PRINCE, 1981), que ajudam a explicar as construções não icônicas.

Notamos que as ocorrências desse padrão são antecedidas por outro processo juntivo causal que segue o sequenciamento icônico e prototípico do estatuto informacional: primeiro codifica-se a causa, informação dada, uma vez que já foi citada mais de uma vez, nos parágrafos anteriores, e, em seguida, o efeito, que é informação nova. Já nas ocorrências em

(81) e (82) acima se inverte a ordem icônica em relação ao sequenciamento temporal e ao estatuto informacional e a causa, mesmo sendo informação dada, é colocada na segunda unidade.

Acreditamos que a presença de um processo anterior configurado na ordem icônica possibilitou a realização de um processo juntivo que não obedece ao sequenciamento icônico e informacional. Em (81), o processo juntivo anterior explicita a opinião do falante sobre o cigarro, que é reiterada pelo efeito enunciado em seguida. Em (82), da mesma forma, a causa *pensar que o que o cigarro causa é uma mentira* já foi dito no período anterior ao efeito.

Antes de concluir esta subseção, julgamos relevante apresentar o Gráfico 02, abaixo, que traz a frequência das construções causais, especificamente pelo tipo de juntor em correlação com os escreventes.

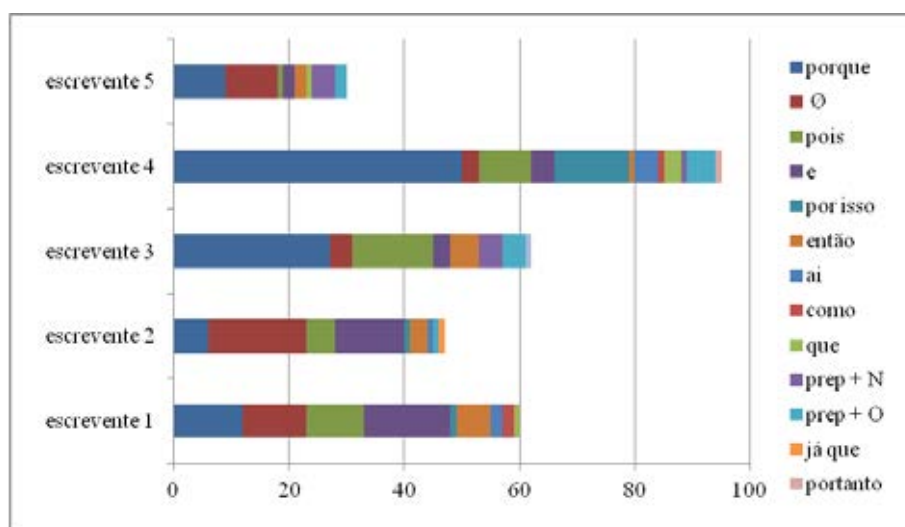


Gráfico 02: Frequência, em números absolutos, das construções causais por cada escrevente

O Gráfico 02 revela, pelo menos, três perfis de escreventes: i) aqueles que usam prioritariamente *porque*, juntor causal prototípico, como é o caso dos escreventes 03 e 04; ii) aqueles que realizam mais frequentemente a justaposição, como é o caso do escrevente 02; iii) aqueles que usam, de modo bem distinto, a justaposição e as construções com *porque*, além de outros jutores, como é o caso dos escreventes 01 e 05.

3.4 Os domínios pragmáticos na relação causal

Como argumentamos anteriormente, entendemos que, para explicar aspectos da variação dos processos juntivos de causa, devemos considerar também o domínio pragmático em que as construções se inserem, conforme a proposta de Sweetser (1990). Dessa forma, apresentamos um panorama das construções causais nos domínios do conteúdo, epistêmico e dos atos de fala, como em (83), (84) e (85), respectivamente:

(83) Eles também tinham mais de 20 olhos Ø eles poderiam ver tudo (E2/5S/P5:Oc04)

(84) Na minha opinião, a Amazônia tem sim que fazer parte de todo o mundo, **por que** o Brasil precisa melhorar o jeito de cuidar desta coisa tão linda. (E4/8S/P5:Oc87)

(85) Eu prometo que vou tentar melhorar **por que** [no fundo] eu sou muito carinhosa, amiga para todas as horas (E4/5S/P6:Oc15)

Em (83), há uma causa real, *ter mais de 20 olhos*, para o efeito *ver tudo*; é uma relação causal do mundo concreto, portanto, realiza-se no domínio do conteúdo. Em (84), o escrevente apresenta uma opinião introduzida pela expressão *na minha opinião* para, em seguida, apresentar a sua justificativa, o que configura uma construção no domínio epistêmico, resulta de um julgamento, de uma crença do falante. Por fim, em (85), a oração *eu sou muito carinhosa, amiga para todas as horas* justifica o ato de fala que é uma promessa *tentar melhorar*.

A partir das frequências explicitadas na Tabela 07, abaixo, temos um panorama mais detalhado, em relação ao domínio pragmático, em função da distribuição por série. Como mostram os números, os escreventes realizam causais nos três domínios cognitivos, em todas as séries do EF II. Contudo, mais de 70% das ocorrências realiza-se no domínio do conteúdo, seguido do domínio epistêmico com 24% das ocorrências. Em menor frequência, têm-se as construções causais realizadas no domínio dos atos de fala.

	Domínio do conteúdo		Domínio epistêmico		Domínio dos atos de fala	
5. ^a série	35	14,28%	09	10,84%	04	25%
6. ^a série	88	35,91%	06	7,22%	09	56,25%
7. ^a série	56	22,85%	18	21,68%	02	12,50%
8. ^a série	66	26,93%	50	60,24%	01	0,40%
TOTAL	245 (71%)		83 (24%)		16 (5%)	

Tabela 07: Frequência de construções causais: correlação entre série e domínio pragmático

Com base nos estudos de Sweetser (1990), de cunho semântico-cognitivo, o domínio de conteúdo ou referencial é aquele de menor complexidade, já que se realiza a partir dos esquemas concretos de mundo, das experiências sócio-físicas dos usuários da língua. Assim, sendo cognitivamente mais acessíveis, as construções do domínio do conteúdo seriam as primeiras adquiridas (hipótese ontogenética), ao passo que as construções nos domínios mentais, epistêmico e dos atos de fala, envolveriam um custo cognitivo maior e seriam, portanto, adquiridas mais tardiamente.

Essa perspectiva é reforçada pelos resultados mostrados na Tabela 07, que apontam para a alta frequência de causais de conteúdo - aquelas de menor complexidade cognitiva - em todas as séries. Por outro lado, a coluna referente ao domínio epistêmico revela percentuais altamente significativos para as causais epistêmicas, justamente nas duas séries finais do EF II, conforme sinalizado pelas hachuras. O domínio dos atos de fala teve frequência menos na séries inicial e nas duas finais e um aumento significativo na 6.^a série.

Se, por um lado, a cognição ajuda a explicar aspectos do uso das causais, nos diferentes domínios pragmáticos, por outro, julgamos que o tipo de texto é mais um fator a ser considerado. À maneira de Sanders e Evers-Vermeul (2010), acreditamos que o contexto de produção pode ser determinante para a realização de um ou outro padrão pragmático causal. Privilegiaremos esse aspecto na subseção final. Destacamos, agora, a partir da Tabela 08, a correlação entre os domínios pragmáticos e os padrões semânticos causais.

Domínios pragmáticos	Padrões causais	Frequência		
Conteúdo	causa-efeito	101	29,36%	245
	efeito-causa	08	2,32%	
	fato-explicação	0	0%	
	asserção-explicação	89	25,87%	
	asserção-conclusão	18	5,23%	
Epistêmico	causa-efeito	0	0%	83
	efeito-causa	0	0%	
	fato-explicação	12	3,48%	
	asserção-explicação	57	16,56%	
	asserção-conclusão	14	4,06%	
Atos de fala	causa-efeito	16	4,65%	16
	efeito-causa	0	0%	
	fato-explicação	0	0%	
	asserção-explicação	10	2,90%	
	asserção-conclusão	04	1,16%	

Tabela 08: Correlação entre domínios pragmáticos e padrões semânticos causais

As frequências permitem reconhecer paralelos significativos. Por exemplo, as construções causais no domínio do conteúdo estão estreitamente relacionadas com os padrões causa/efeito (29,3%), conforme (86), e asserção/explicação (25,8%), conforme (87). Em (86), a relação causa/efeito se dá no domínio do conteúdo: *ter aula amanhã* é causa real/concreta para o efeito *tem que acordar cedo*. Em (87), a asserção tem teor avaliativo, mas esse tipo de ocorrência foi considerado, nesta pesquisa, dentro do domínio do conteúdo, pois a explicação (o segundo elemento da combinação) é baseada em fato real/concreto e não em suposições. Dessa forma, optamos por inserir esses casos no domínio do conteúdo.

(86) é que a Bianca tem aula amanhã, e tem que acordar cedo (E5/6S/P3:Oc06)

(87) E TAM ruim **por que** agora eu vou ter que muda de cidade então eu vou ter que terminar (E1/6S/P5:Oc20)

As causais no domínio epistêmico se relacionam fortemente com explicações e conclusões, operações mentais mais abstratas, daí as frequências nos padrões 3, 4 e 5. Conforme a Tabela 08, não há ocorrências relacionadas aos padrões causa/efeito e efeito/causa, uma vez que um dos fatores para caracterizar esses padrões é a presença de fatos concretos nas duas unidades da construção.

Em (88), a asserção e a explicação estão carregadas de crença e suposição: o escrevente acredita que o *na adolescência namoro não vira*, pois julga que *sempre há traição*. Diferentemente desse mesmo padrão no domínio do conteúdo, aqui, não há um fato concreto no segundo segmento; pelo contrário, há um julgamento, uma suposição.

(88)Na adolescência o namoro não vira, **porque** acaba traindo (E5/8S/P2:Oc31)

Em (89) abaixo, o escrevente tem uma crença *na escola a gente aprende a ser alguém na vida* que leva à conclusão, baseada em uma suposição, de que *quem não estuda não arruma emprego*. Em (90), há um fato no primeiro elemento e a explicação se dá por conta da suposição do escrevente de que os pais *querem que seu filho seja alguma coisa no futuro*.

(89)A escola é tudo na minha vida por sem o estudo a gente não consegue ser nada na vida, por que na escola a gente aprende a ser alguém na vida **por isso** que quem não estuda nunca consegue arrumar um emprego (E4/8S/P2:Oc74)

(90)Muitos adolescentes só estudam por que o pai e a mãe obriga ele a vir para a escola, **por que** eles querem que seu filho seja alguma coisa no futuro (E4/8S/P7:Oc104)

Ressaltamos ainda que, nessas ocorrências, é possível recuperar a causa referencial na causa epistêmica: *no mundo real, indivíduos que não estudam têm maior dificuldade em arrumar um bom emprego*. Isso sinaliza que, em alguns processos juntivos de causa, há uma ambiguidade no que se refere aos domínios epistêmicos. Em outras palavras, há ocorrências que podem ser categorizadas como referenciais e, ao mesmo tempo, epistêmicas, pois a explicação, julgamento e/ou crença apresentados, inicialmente subjetivos, são de domínio público e, portanto, podem ser entendidos como uma combinação entre estados de coisa.

Por fim, no domínio dos atos de fala, as ocorrências codificam essencialmente o padrão asserção/explicação, conforme (91). O ato de fala/asserção *não liga para isto* é justaposto à explicação *isto é só chatice*.

(91) assim minha mãe ele falou não liga para isto Ø isto é so chatice (E1/6S/P3:Oc14)

3.5 Padrões semânticos causais, séries escolares e Tradições Discursivas

Nesta seção, correlacionamos os padrões semânticos causais, as séries escolares e as TDs em que os textos se inserem. O Gráfico 03, a seguir, apresenta a frequência dos padrões causais em cada uma das séries, sugerindo tendências.

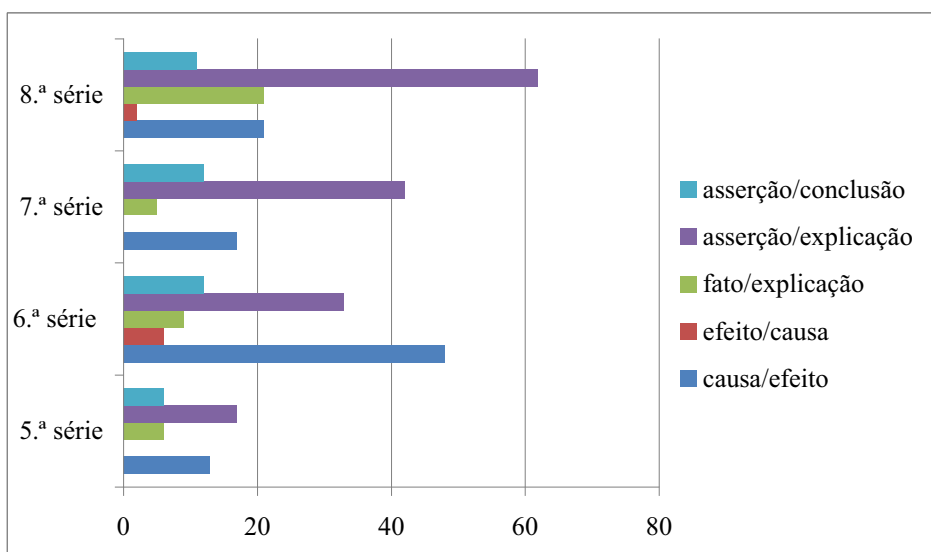


Gráfico 03: Padrão semântico causal e série escolar

A partir do Gráfico 03, é possível observar que todos os padrões semânticos, exceto efeito/causa, que ocorre apenas nas 6.ª e 8.ª séries, são realizados em todas as séries. Outro aspecto importante visualizado no gráfico é que, em cada etapa escolar, um padrão semântico destaca-se em relação aos demais.

Como já explicitado, à luz dos preceitos ontogenéticos propostos por Sweetser (1990) para os domínios pragmáticos, as relações causais concretas seriam realizadas, de forma mais frequente, nas séries iniciais, enquanto as causais que envolvem julgamentos, crenças e suposições seriam mais frequentes nas últimas séries.

Observando os resultados do Gráfico 03, essas tendências ontogenéticas ganham evidência no que toca ao padrão assereção/explicação, que mostra um aumento crescente de

frequência proporcionalmente à progressão das séries escolares, e, também, no que toca ao padrão fato/explicação, cujo número de ocorrências, nas três primeiras séries, é regular e menor do que a frequência do padrão causa/efeito e, apenas na última série, há aumento da frequência.

Todavia o Gráfico 03 sinaliza, por outro lado, que os padrões causa/efeito e asserção/conclusão comportam-se de maneira um pouco diferente do esperado. O padrão causa/efeito é mais frequente na 6.^a série e não na série inicial, como hipotetizado na perspectiva cognitivista. Na 5.^a série, a frequência do padrão causa/efeito é semelhante à frequência do padrão asserção/explicação. O padrão asserção/conclusão mostra-se regular, ao longo das séries, com frequência um pouco menor na 5.^a série. A expectativa era a de que, por ser realizado a partir de suposições, crenças e julgamentos, esse padrão não apresentasse essa regularidade e fosse mais frequente nas séries finais.

Assim, acreditamos que, além da cognição, outros fatores interagem para a configuração dos resultados. Por isso, investigamos possíveis correlações com a(s) TDs em que os textos se inserem. Para iniciar essa discussão, relacionamos, na Tabela 09, dados de série escolar, do padrão semântico, do padrão pragmático e da TD solicitada na proposta de produção textual.

Série e TD solicitada	Domínio pragmático		Padrão semântico	
5. ^a série TD narrativa de ficção	conteúdo	35	asserção/conclusão	03
			asserção/explicação	09
			causa/efeito	15
			fato/explicação	08
	epistêmico	09	asserção/explicação	07
			asserção/conclusão	02
	atos de fala	04	asserção/explicação	02
			asserção/conclusão	02
6. ^a série TD narrativa de realidade	conteúdo	88	asserção/conclusão	03
			asserção/explicação	25
			causa/efeito	46
			efeito/causa	06
			fato/explicação	08
	epistêmico	06	asserção/conclusão	06
			asserção/explicação	02
			fato/explicação	01
	atos de fala	09	asserção/conclusão	01
			asserção/explicação	06
7. ^a série TD narrativa e descrição com aspectos opinativos	conteúdo	56	causa/efeito	02
			asserção/conclusão	08
			asserção/explicação	29
			fato/explicação	02
	epistêmico	18	asserção/conclusão	03
			asserção/explicação	12
			fato/explicação	03
	atos de fala	02	asserção/conclusão	01
			asserção/explicação	01
	8. ^a série TD narrativa e TD argumentativa	66	asserção/conclusão	05
			asserção/explicação	27
			causa/efeito	19
			efeito/causa	02
			fato/explicação	13
	epistêmico	50	asserção/conclusão	06
			asserção/explicação	34
			causa/efeito	02
			fato/explicação	08
	atos de fala	01	asserção/explicação	01

Tabela 09: Relação entre séries, domínios pragmáticos, padrões semânticos e TDs

A Tabela 09 sinaliza que nas 5.^a e 6.^a séries, em que se produzem narrativas de ficção e de realidade, há preferência por causais no domínio do conteúdo, as quais se concretizam predominantemente no padrão causa/efeito, que envolve esquemas de interpretação de mundo mais concretos, referenciais. Nas últimas séries, em que são mais frequentes propostas de produção textual que envolvem aspectos opinativos, os processos juntivos de causa também

são realizados no domínio do conteúdo, a diferença é que se concretizam mais frequentemente por meio do padrão asserção/explicação e não do padrão causa-efeito, como nas séries iniciais. Outro aspecto relevante é que, na 6.^a série, as causais do domínio de conteúdo são mais recorrentes do que na série anterior. Assim, de modo geral, na 6.^a série, os relatos pessoais de situações próximas à realidade do aluno permitiram um maior número de ocorrência de causa no domínio do conteúdo do que na 5.^a série, etapa inicial.

Além disso, a Tabela 09 traz indícios de que o contexto, ou mais especificamente, a TD em que o texto está inserido, deve ser levado em consideração para explicar as diferentes frequências dos diferentes domínios e padrões semânticos nas séries do EF II. Dessa forma, assim como Sanders e Evers-Vermeul (2010), defendemos que a decisão pelos processos juntivos de causa é regida não apenas por fatores cognitivos, mas essencialmente por aspectos discursivo-textuais, que, neste trabalho, são contemplados em termos da TD em que o texto realizado está inserido.

Para conseguir mais evidências sobre o papel das TDs na realização variável das construções de causa, procedemos à análise qualitativa de textos que se mostram tipicamente narrativos e argumentativos.

A princípio, tomamos os narrativos. Conforme consta na seção metodológica, para a caracterização da(s) TD(s) em que o texto se insere, levamos em consideração aspectos da composicionalidade da forma textual de acordo com a literatura sobre o assunto. Nesse sentido, consideramos textos tipicamente pertencentes à TD narrativa aqueles que, seguindo as instruções da proposta, apresentaram claramente *sequenciamento temporal* e *clímax*. Consideramos, também, a presença de partes ou do todo de outras TDs, como diálogos e atos de fala, que, de forma característica, podem constituir a TD narrativa.

O texto que elegemos para análise foi produzido na 5.^a série, a partir de uma tirinha de humor, reproduzida abaixo. Inicialmente, os dois personagens fogem em um cavalo e, na

sequência, a personagem feminina pede para que Juvêncio, o personagem masculino, corra mais, pois há muitas pessoas - *papai, jagunços, delegado, batalhão da guarda, regimento da cavalaria* - atrás deles. No final, Juvêncio, com medo, chuta a mulher para que ela caia do cavalo e continua fugindo sozinho. O humor está no fato de que a vontade de Juvêncio de fugir com sua amada acaba quando ele percebe a encrenca em que se meteu: o pai dela, provavelmente muito ciumento, fará de tudo para buscar a filha de volta e Juvêncio corre risco de sofrer retaliações por causa de sua atitude. Pela proposta, o escrevente deveria continuar a história assumindo a visão de uma das personagens.



Figura 01: Tirinha da Proposta 01 solicitada na 5.^a série em 2008

No Texto 01 apresentado abaixo (Figura 02), o escrevente marca o início do texto com o título, que foi solicitado na proposta, e o fim do texto com a palavra *FIM*, muito comum nas narrativas - contos de fada, textos de livros didáticos - que o aluno teve contato durante a vida pessoal e/ou escolar. Há também a presença de outros elementos bastante comuns em contos de fada, como castelo; além disso, os personagens da tirinha são transformados em príncipe e princesa.

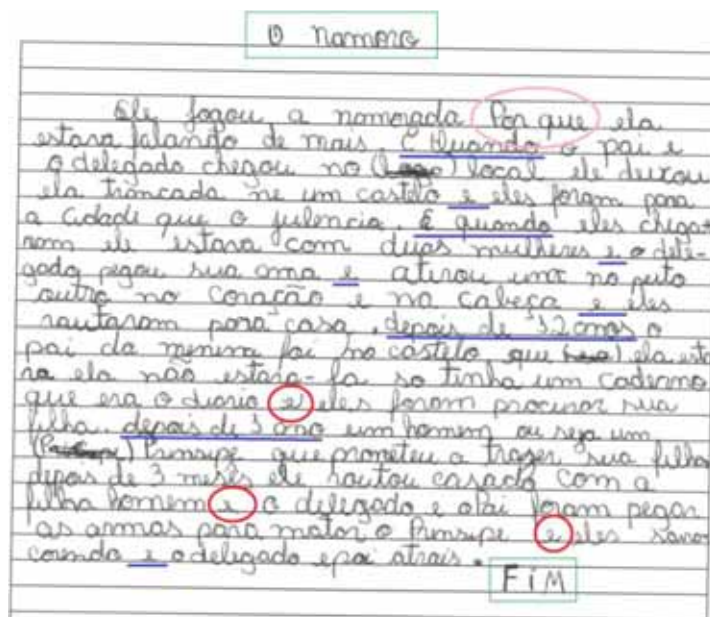


Figura 02: Texto 01 - Escrevente 01, Proposta 1, 5.ª série, ano 2008¹⁶

Nesse texto, há elementos essenciais da TD narração, como a sequencialidade temporal, sinalizada pelos juntores *e* e *quando* e pelas expressões temporais *depois de 12 anos* e *depois de 1 ano*; e o clímax (*o pai foi procurar a filha no castelo e não a encontrou*) acompanhado de um desfecho (*o príncipe trouxe a filha de volta e o pai, junto com o delegado, foram atrás do príncipe*).

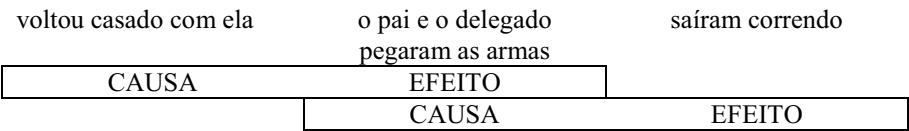
Quanto às construções causais, há quatro ocorrências distribuídas de maneira particular no corpo do texto: na parte inicial, uma junção causal do tipo fato/explicação, em estrutura paratática com *porque* e, na parte final do texto, uma sequência de três causais do tipo causa/efeito, que traduzem uma sucessão de eventos que culminam no clímax e no desfecho da narrativa. As causais dessa sequência final são todas de conteúdo, realizadas por esquemas paratáticos com *e*.

Destacamos que a imagem da tirinha, enquanto parte das condições de produção do texto, ilustra uma relação de implicação no mundo, em que a fala desenfreada da mulher

¹⁶Como explicitado no capítulo metodológico, os retângulos e a flecha na cor verde marcam a presença de título, diálogo e expressão de término; os traços azuis explicitam sequenciamento temporal; os círculos vermelhos destacam as junções causais de causa/efeito; e o círculo rosa, as junções causais que envolvem explicação ou conclusão.

provoca uma reação violenta e pode ser interpretada como motivadora do primeiro enunciado do texto, que é justamente um enunciado causal de explicação: *ele jogou a namorada **porque** ela estava falando demais.*

Destacamos ainda que a sucessão de causais, no final do texto, é construída, fundamentalmente, sobre um sequenciamento temporal, em que um evento anterior no tempo pode ser interpretado como a causa do evento posterior. Além disso, em recursividade, o que antes era efeito passa a atuar como causa do evento seguinte, conforme representamos abaixo:



Nessa perspectiva, entendemos que a utilização das construções causais nesse espaço do texto tem o propósito de narrar eventos realizados causalmente no mundo. Tal procedimento é compatível com a finalidade comunicativa da forma textual narrativa. Em outras palavras, no texto em questão, o uso das causais de conteúdo, especificamente no padrão causa/efeito, é motivado, pelo menos em parte, pela TD.

O Texto 02 (Figura 03) é mais uma instância da tradição tipicamente narrativa. Seguindo a proposta, o escrevente dá continuidade à história da tirinha, com a fala do personagem masculino que justifica o empurrão que culminou a queda do cavalo. Nesse texto, o escrevente não coloca título e termina o texto com a frase muito comum dos contos de fada *viveram felizes para sempre.*

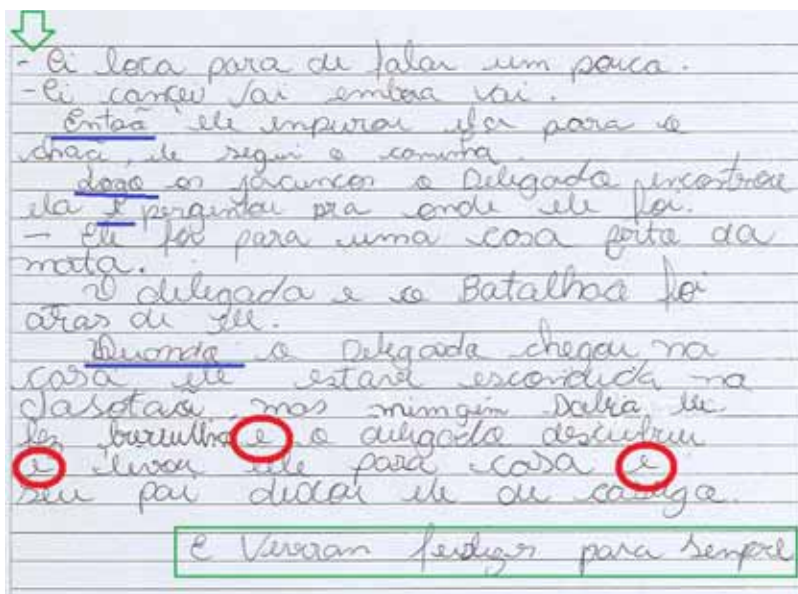


Figura 03: Texto 02 - Escrevente 02, Proposta 1, 5.^a série, ano 2008

Nesse caso, assim como no primeiro texto, há três processos junctivos de causa do tipo causa/efeito, realizados por meio da parataxe com *e*, no domínio do conteúdo. Ressaltamos que, novamente, há um sequenciamento de causais na parte final do texto, que coincide com o conflito e o desfecho, partes comunicativamente mais salientes, já que são imprescindíveis para a caracterização da TDs narrativa e para a construção do sentido do texto. Da mesma forma, duas das causais estão recursividade: *ele fez barulho* é causa de *o delegado descobriu* que é, por sua vez, causa de *levou ele para casa*. Em outras palavras, o efeito da primeira construção torna-se causa para a segunda construção.

Por outro lado, quando consideramos textos essencialmente argumentativos, como o Texto 03 na Figura 04 abaixo, observamos que os esquemas causais são diferentes. No texto 03, o escrevente manifesta sua opinião sobre a preocupação dos adolescentes com o futuro. Há sete construções causais, todas do tipo asserção/explicação, realizadas com os jutores *pois* e *porque*. É importante destacar que as causais se concentram nas partes do texto em que o escrevente justifica e, portanto, legitima seu ponto de vista.

Eu não acredito que o adolescente se preocupa com o futuro, pois não são todos os adolescentes que pensam em ser alguém no futuro, muitos deles pensam apenas em parar de estudar, por que nunca ele vai conseguir nada na vida. Eu penso diferente, penso em conseguir o ensino médio e fazer minha faculdade, pois é dela que eu vou precisar para conseguir ser alguém um dia no meu futuro, sem a faculdade muita gente não consegue conseguir nenhum bom trabalho.

Muitos adolescentes não estudam por que o pai e a mãe obriga ele a ir para a escola, por que eles querem que seu filho seja alguma coisa no futuro, só que muitos filhos não se preocupam com isso e ainda jogam seus pais quando eles perguntam que ele vai fazer de faculdade.

Eu me preocupo com o que eu vou ser no futuro, pois não quero ser licheia e para isso vou estudar e me esforçar na escola para a cada ano eu ir para frente e não ficar aí de bobo na bancada dentro da sala de aula.

Quero fazer minha faculdade e poder trabalhar na área da minha faculdade, pois eu gosto de estudar e aprender novas coisas e matérias novas a cada ano que passar.

Figura 04: Texto 03 - Escrevente 04, Proposta 7, 8.ª série, ano 2011

No texto da Figura 04, e demais textos de teor fortemente argumentativo, são raras as ocorrências de causais do tipo causa/efeito. Os padrões mais típicos são fato/explicação e asserção/conclusão, o que confirma expectativas, tendo em vista a finalidade comunicativa da TD argumentativa, que é a de expressar opinião seguida de explicações, justificativas e conclusões. Diferentemente dos textos narrativos, aqui as construções causais são mais comuns no domínio epistêmico.

Os fatos geralmente correspondem a opiniões comuns na sociedade, uma vez que a proposta desse último texto trouxe para a discussão um tema bastante abordado na sociedade e de interesse dos escreventes que, muitas vezes, sofrem retaliações por agir da maneira não esperada pelos adultos. Esse contexto social leva os escreventes, em todos os textos, a

justificar e amenizar as atitudes “erradas” do seu grupo social e, por vezes, dar dicas e instruções para a sociedade, para os pais e até mesmo para os próprios adolescentes.

O Texto 04, na Figura 05, traz mais uma amostra de TD tipicamente argumentativa. O escrevente explicita sua opinião *cada jovem tem um pensamento diferente* acompanhada de possíveis explicações *influência, gênero* ou *educação* codificadas pelo padrão fato/explicação a partir da preposição *por* mais SN (+ oração) ou oração infinitiva. Reconhecemos uma ambiguidade nessas ocorrências, particularmente no que se refere ao domínio pragmático. Em outras palavras, há pistas de causa referencial/concreta e pistas de causa epistêmica. Nossa decisão foi classificar essas ocorrências no domínio epistêmico, uma vez que as explicações são realizadas para sustentar a opinião do escrevente em relação ao tema solicitado: *cada jovem tem um pensamento diferente*. Apesar de a opinião ser comum na sociedade e, por isso, pensarmos em causa referencial, é a crença que o escrevente tem sobre os adolescentes que possibilitam as possíveis explicações: *o escrevente acredita que pode ser por influência de outras pessoas, pode depender do gênero* ou até mesmo *da educação que teve*.

Em síntese, nesse texto, há uma prevalência de relações causais no padrão fato/explicação, o que pode ser justificado pelo tipo textual argumentativo. No entanto, o domínio pragmático desses processos é diferente a depender da finalidade comunicativa das partes da TD argumentativa: no início do texto, o escrevente explicita sua opinião, o que faz reconhecer traços epistêmicos; no restante do texto, o escrevente apenas apresenta fatos e informações concretas, que são causas referenciais, para sustentar sua opinião.

O futuro do jovem.

Cada jovem tem um pensamento diferente, por influência, por ser seu gênero ou pela educação que tem, passa a pensar de tal maneira. Cada um com seu estilo de vida, vai tentando viver da melhor maneira possível.

Existem adolescentes que pensa no seu futuro, assim estuda para tentar garantir, passando para escolas melhores e buscando ganhar bolsas escolares em escolas particulares, mas, ainda assim tem alguns que não me estudando muito, não faz planos para seu futuro, e nem tem uma profissão a seguir.

Tem os adolescentes que por muita influência, em pouco vive, acaba largando o seu futuro de lado, achando que o caminho certo é os drogas, o tráfico e isso só agrava a situação. Outros dizem nem isso, outros não têm, mas ainda fazem desistir dos estudos.

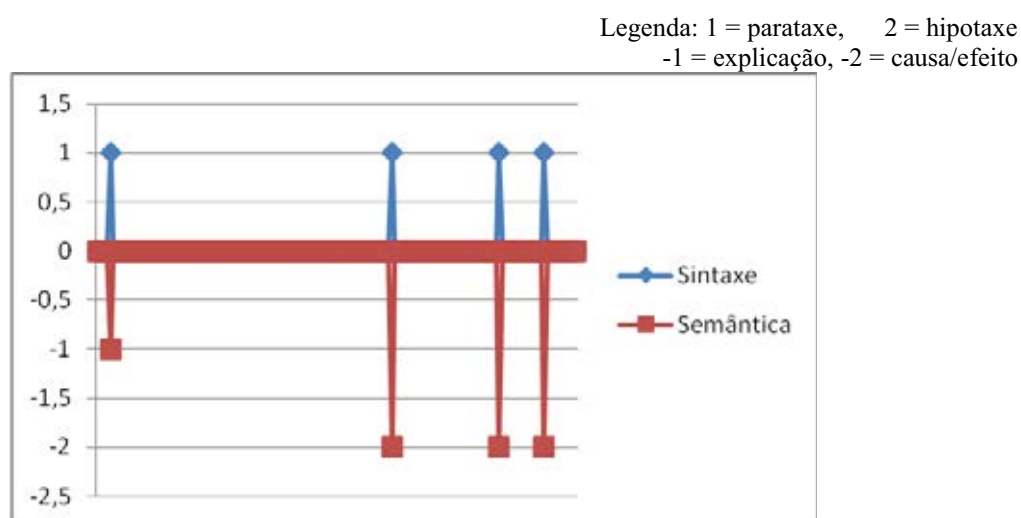
Como cada jovem tem o seu jeito de pensar, cada um vai ter um futuro, ou um futuro brilhante, ou então um futuro perdido, ou um médio, isso só depende de cada um.

Eu particularmente, penso muito, mais ainda não sei o que fazer pois o meu pensamento muda muito, e cada jovem vai ter um futuro, não sabemos, não podemos afirmar como será, porque podem nos surpreender.

Figura 05: Texto 04 - Escrevente 03, Proposta 7, 8.ª série, ano 2011

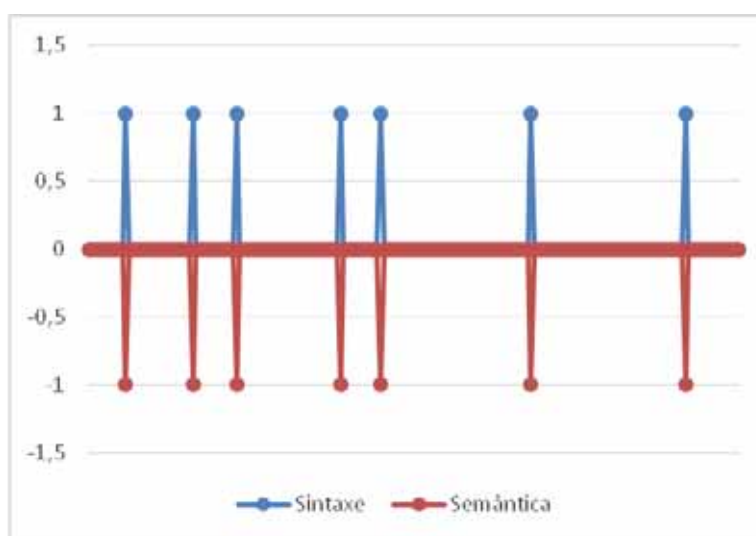
Para corroborar a diferença nos esquemas causais de ambos os tipos de texto e tornar a comparação mais evidente, elaboramos gráficos do tipo Juntogramas para o Texto 01 (narrativo) e para o Texto 03 (argumentativo). Os juntogramas, conforme Kabatek (2006), consistem em gráficos bidimensionais, que apresentam um mapeamento de todas as construções de junção de um texto, em termos dos tipos de construção, frequência e distribuição de juntores no texto. Para este trabalho, restringimos os juntogramas aos tipos de construções causais, tendo em conta o propósito de explicitar as diferenças, nos diferentes tipos de texto.

Comparemos o Juntograma 01, refere ao Texto 01, e o Juntograma 02, referente ao Texto 03:



Juntograma 01: Mapeamento das causais do Texto 01

O Juntograma 01 mostra na dimensão superior as opções acerca dos modos sintáticos de composição e, na inferior, as opções acerca das relações semânticas de causa. Conforme argumentamos, predominam as causais do tipo causa/efeito (código -2, da legenda), na porção final do texto. O modo sintático é o paratático em todas as ocorrências (código 1, da legenda). Já no Juntograma 02 as causais estão distribuídas por todo o texto e são de outra natureza: somente causais do tipo asserção/explicação, no âmbito da parataxe.



Juntograma 02: Mapeamento das causais do Texto 03

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho descreveu e analisou os processos juntivos de causa em textos escritos por alunos do EF II, a partir de uma abordagem funcionalista (cf. HALLIDAY, 1985; RAIBLE, 2001), considerando prioritariamente o cruzamento entre as opções: i) do eixo tático (parataxe, hipotaxe e subordinação); ii) do eixo das relações de sentido (causa/efeito, efeito/causa, asserção/explicação, fato/explicação e asserção/conclusão); e iii) do eixo dos domínios pragmáticos (conteúdo, epistêmico e ato de fala), além (iv) das TDs em que o texto se insere. Foi possível, assim, apreender aspectos da realização variável da causalidade nos diferentes níveis: na composição estrutural, na veiculação dos sentidos e nos tipos de juntores. Os resultados mostraram ainda que essa variabilidade é sensível ao tipo de texto.

Inicialmente, para desenvolvimento da pesquisa, propusemos uma investigação da maneira como diferentes perspectivas teóricas explicam o funcionamento dos processos juntivos causais. Explicitamos que a GT (BECHARA, 2005; CUNHA e CINTRA, 2001; LIMA, 1992) agrupa essas construções em dois grandes domínios sintáticos - coordenação e subordinação - e propõem critérios (sintáticos e semânticos) de classificação que não dão conta de explicá-las. Logo, os gramáticos não lidam com o caráter fluido dessas construções.

Em seguida, abordamos alguns trabalhos de perspectiva descritiva (NEVES, 2000; NEVES *et al*, 2008; PAIVA, 1992) que enfocam os aspectos semântico-pragmáticos das construções ao fazerem a descrição de seus usos variáveis. A partir desses trabalhos e de modelos de junção de orações (HALLIDAY, 1985; RAIBLE, 2001; HOPPER e TRAUGOTT, 2003), que consideram os eixos tático, semântico e pragmático e comportam aspectos discursivos da junção causal, foi possível delinear uma base teórica mais sólida para explicarmos o funcionamento dos processos juntivos causais em textos escritos.

Fundamentadas nas relações semânticas veiculadas, reconhecemos 5 padrões causais, que nomeamos *causa/efeito*, *efeito/causa*, *asserção/explicação*, *fato/explicação* e *asserção/conclusão*, os quais foram analisados, qualitativa e quantitativamente, a partir da consideração de parâmetros formais e de sentido. Os resultados mostraram que os padrões *asserção/explicação* e *causa/efeito* são mais frequentes em todas as séries escolares. Em relação ao domínio sintático, foi possível verificar a prevalência da estrutura paratática em todos os padrões semânticos. Em relação ao domínio pragmático, os escreventes codificaram as relações causais nos três domínios em todas as séries. Foi possível, ainda, correlacionar a descrição dos processos juntivos às TDs em que os textos se inserem e a aspectos extralinguísticos, como a série.

A partir dessas correlações, verificamos que codificação variável dos processos juntivos causais é indício, para nós, de que a realização desse tipo de junção parece relacionada não só a aspectos cognitivos, mas também a aspectos textuais, ou seja, às TDs. Conforme argumentamos, nos textos de caráter essencialmente narrativo, verificamos a prevalência de relações temporais e de junções causais do padrão *causa/efeito*, concretizado por meio de justaposição e de combinações com jutores que codificam, também, sequência temporal, como *e* e *então*. Os outros padrões causais são realizados na narrativa, em menor número, para explicar um fato estranho, inesperado ou uma asserção opinativa. Nos textos argumentativos, aparecem, com maior frequência, os jutores mais típicos da relação causal, como *pois* e *porque*, nos padrões *asserção/explicação* e *fato/explicação*.

Destacamos, por fim, os seguintes resultados que poderão ser considerados para estudos futuros sobre a correlação entre as hipóteses filogenética e ontogenética (cf. GIVÓN, 1979; KORTMANN, 1997) dos processos juntivos de causa e sobre possíveis evidências da constituição heterogênea da escrita.

- (i) Os processos juntivos de causa realizam-se, em textos escritos, de forma variável - nos domínios sintático, semântico e pragmático - em todas as séries do EF II. Há predomínio ou frequência relevante de padrões semânticos, sintáticos e estruturais em determinadas séries e em determinadas TDs.
- (ii) A decisão por determinado tipo de padrão causal parece relacionada tanto ao tipo de TD em que os textos estão inseridos, como a aspectos pragmáticos e cognitivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BÉGUELIN, M.J. Noyaux prédicatifs juxtaposés. In: Béguelin, M.J. *et al* (ed). *La parataxe. Tome 1: Entre dependence et integration*. Berne: Peter Lang, Collection Sciences pour la communication, 2010.

BIBER, D. *Variation across speech and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (eds.) *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

CHAFE, W. How people use adverbial clauses. *Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society*, v.10, 1984.

COSERIU, E. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: USP, 1979.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 3 ed, 2001

HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HEINE *et al*. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

KABATEK, J. Tradições discursivas e mudança linguística. In: Lobo, T; Ribeiro, I.; Carneiro, Z.; Almeida, N. (orgs.) *Para a história do português brasileiro*. Salvador, EDUFBA, tomo II, 2006.

KOCH, P; OESTERREICHER, W. *Schriftlichkeit und Sprache*. In: Günther; Ludwig (Ed), Vol. I: 587-604, 1994.

KORTMANN, B. *Adverbial subordination: a typology and history of adverbial subordinators based on European languages*. (Empirical approaches to Language Typology, 18) Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1997.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992

LONGHIN-THOMAZI, S. Aquisição de tradições discursivas: marcas de uma escrita heterogeneamente constituída. *Alfa*, vol. 55, n1, p. 225-248, 2011a.

_____. Junção e(m) aquisição: aspectos morfossintáticos e cognitivos, *Gragoatá*, vol. 1, n. 30, 2011b

_____. *Tradições discursivas: conceito, história e aquisição*. São Paulo: Cortez, 2014.

MARTIN, J.R. *et al.* *Working with functional grammar*. London/NY: Auckland Arnold, 1997.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

NOORDMAN, L. BLIJZER, F. On the processing of causal relations. In: Couper-Kuhlen, E.; Kortmann, B. (eds). *Cause, condition, concession, contrast: cognitive and discourse perspectives*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2000

OESTERREICHER, W. Zur Fundierung von Diskurstraditionen. In: HAYE, T.; TOPHINKE, D. (eds) *Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*, 1997.

PAIVA, M. C. A. de. *Ordenação das cláusulas causais: forma e função*. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

PAIVA, M. C. A. de.; BRAGA, M.L. *Justaposition et coordination: deux formes de parataxe?* In: BÉGUELIN, M.J. Noyaux prédicatifs juxtaposés. In: Béguelin, M.J. *et al* (ed). *La parataxe. Tome 1: Entre dépendence et integration*. Berne: Peter Lang, Collection Sciences pour la communication, 2010.

RAIBLE, W. Linking clauses. In: HASPELMATH, M.; KÖNIG, E.; OESTERREICHER, W.; RAIBLE, W. (eds) *Language typology and language universals – an international handbook*. Berlin, New York: De Gruyter, 2001.

SANDERS, T.J.M.; EVERS-VERMEUL, J. Discovering domains - on the acquisition of causal connectives. *Journal of Pragmatics* 43/6, 2010.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TABOADA, M. Implicit and explicit coherence relations. In: Renkema, J. (ed.) *Discourse, of course: an overview of research in discourse studies*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2009.

TENANI, L.; LONGHIN-THOMAZI, S. Oficinas de leitura, interpretação e produção textual no ensino fundamental. Uberlândia, *Revista Em Extensão*, 2014.

ANEXO

Anexo 01: Propostas de produções textuais - 5.^a série (2008)

unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

Projeto de extensão: Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual – Coordenação Luciani Tenani
E.E. Professora Zulmira da Silva Salles

Nome: _____ Série/Turma: 5a
Proposta 1 Data: _____

• Observe a tirinha e discuta com seus colegas e professor(a) como o tema amoroso é tratado.



• A partir da discussão, escreva um texto em que dê continuidade à história, contando o que aconteceu com cada uma das personagens após a cena do último quadrinho. Para escrever seu texto, assuma a visão de uma das personagens.

• Seu texto deve conter de 20 a 25 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura.

• Dê um título a seu texto.

unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

Projeto de extensão: Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual – Coordenação Luciani Tenani
E.E. Professora Zulmira da Silva Salles

Nome: _____ Série/Turma: 5a
Proposta 2 Data: _____

• O cordel abaixo conta a história do Mestre Bimba, um capoeirista. Leia-o com atenção.

Bimba espalhou capoeira nas praças do mundo inteiro

Manoel dos Reis Machado	Ganhou a vida, com tudo
Famoso na capoeira	Fez carvão, cortou madeira
É nossa árvore do bem	Foi trapicheiro e carpina
Nosso grande mestre Bimba	Estivador de primeira
Nome que até hoje vem	Mas o que fez com mais classe
Por não perder pra ninguém	Só foi jogar capoeira.
Engenho Velho de Brotas	Luis Gonzaga foi rei
Local do seu nascimento	Cantando mulher rendeira
Salvador sua cidade	Pelé foi o rei da bola
Onde alegria e tormento	Com meião e com chuteira
Lhe deram vivacidade	E mestre Bimba sem dúvida
Força, coragem e talento.	Foi o rei da capoeira.

• Como visto, o cordel é um tipo de texto em que se pode identificar tanto elementos da narração (personagens e ações) quanto elementos da poesia (rima).

• Levando em conta esses aspectos, escreva um cordel que conte um pouco de sua história.

• Você deve escrevê-lo em primeira pessoa, no espaço de quatro estrofes, abaixo delimitado.

• Dê um título a seu texto.

Projeto de extensão: Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual – Coordenação Luciani Tenani

E.E. Professora Zulmira da Silva Salles

Nome:

Proposta 3

Série/Turma: 5ª

Data:

- A tirinha abaixo foi criada por Mauricio de Sousa, um dos mais conhecidos cartunistas infanto-juvenis brasileiros. Suas principais personagens (Mônica, Cascão, Cebolinha e Magali) foram inspiradas na vida real. Observe-a com atenção e, em seguida, discuta com seus colegas as características de cada uma das personagens, tendo em vista os desejos de cada um.



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

- Imagine que agora é a sua vez de depositar uma moedinha no poço dos desejos e produza um texto contando os seus maiores sonhos: quais objetos gostaria de comprar, que lugares gostaria de conhecer, que profissão você pretende exercer, etc.
- Seu texto deve conter de 15 a 20 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escrita.

Projeto de extensão: Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual – Coordenação Luciani Tenani

E.E. Professora Zulmira da Silva Salles

Nome:

Proposta 4

Série/Turma: 5a

Data:

- Observe os quadrinhos abaixo do Chico Bento e seu primo da cidade.



- Chico Bento e seu primo fazem coisas parecidas ao longo do dia, mas cada um não sabe o que o outro faz. Suponha que você, como o Chico Bento, tenha ouvido falar sobre a possibilidade de contar sobre as coisas que faz por meio da internet.

- Escreva uma carta ao seu primo da cidade, pedindo para ele contar o que é a internet e como se faz para mandar mensagens por meio do MSN.
- Seu texto deve conter de 20 a 25 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escrita.

unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
 Campus de São José do Rio Preto

Projeto de extensão: Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual – Coordenação Luciani Tenani

E.E. Professora Zulmira da Silva Salles

Nome: _____ Série/Turma: 5a

Proposta 5 Data: _____

- Imagine que você é um astronauta que foi mandado a algum planeta do Sistema Solar. Quando você chegou lá, encontrou alguns habitantes daquele planeta estranho.
- Da mesma maneira que o extraterrestre descreveu o planeta Terra, escreva uma narrativa, em que você seja o personagem principal, contando como que era o planeta e seus habitantes.
- Seu texto deve conter de 20 a 25 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título a seu texto.

unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
 Campus de São José do Rio Preto

Projeto de extensão: Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual – Coordenação Luciani Tenani

E.E. Professora Zulmira da Silva Salles

Nome: _____ Série/Turma: 5a

Proposta 6 Data: _____



- Com a chegada das Festas do Final do Ano, acontecem várias promoções de prêmios e sorteios de viagens. Suponha que, neste ano, ocorra um sorteio de quatro pacotes turísticos para os alunos de sua escola e que você ganhe uma viagem de avião, com direito à acompanhante, por 8 dias, à Disneylândia, nos EUA, com tudo pago!
- Com base em seus conhecimentos, conte como espera que sejam esses oito dias da viagem.
- Seu texto deve conter de 20 a 25 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título ao seu texto.

Anexo 02: Propostas de produções textuais - 6.^a série (2009)



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

Projeto de extensão: Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual – Coordenação Luciani Tenani

E.E. Professora Zulmira da Silva Salles

Nome:

Série/Turma: 6a

Proposta 1

Data:

- A partir da discussão feita com seus colegas e professora em sala de aula, escreva um texto em que relate promessas que você tenha feito e não tenha cumprido. Relate quais foram as promessas, quando, por que e para quem as fez e quais as consequências de não tê-las cumprido.
- Seu texto deve conter de 20 a 25 linhas e deve ser escrito à tinta preta ou azul escuro. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escrita. Dê um título a seu texto.





UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

Projeto de extensão: Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual – Coordenação Luciani Tenani

E.E. Professora Zulmira da Silva Salles

Nome: _____

Série/Turma: 6ª _____

Proposta 2

Data: _____

- Considere o texto abaixo. Trata-se de uma música do cantor e compositor Chico Buarque. Você a ouvirá agora. Ouça prestando atenção especialmente na letra e, depois, discuta com seus colegas e com a professora a temática da música.

Ciranda da bailarina
(Chico Buarque)

Procurando bem
Todo mundo tem pereta
Marca de bexiga ou vacina
E tem piriri, tem lombriga, tem ameiba
Só a bailarina que não tem
E não tem coceira
Verruga nem frieira
Nem falta de maneira
Ela não tem

Futucando bem
Todo mundo tem piolho
Ou tem cheiro de creolina
Todo mundo tem um irmão meio zanolho
Só a bailarina que não tem
Nem unha encardida
Nem dente com comida
Nem casca de ferida
Ela não tem

Não livra ninguém
Todo mundo tem remela
Quando acorda às seis da matina
Teve escarlatina
Ou tem febre amarela

Só a bailarina que não tem
Medo de subir, gente
Medo de cair, gente
Medo de vertigem
Quem não tem

Confessando bem
Todo mundo faz pecado
Logo assim que a missa termina
Todo mundo tem um primeiro namorado
Só a bailarina que não tem
Sujo atrás da orelha
Bigode de groselha
Calcinha um pouco velha
Ela não tem

O padre também
Pode até ficar vermelho
Se o vento levanta a batina
Reparando bem, todo mundo tem pentelho
Só a bailarina que não tem
Sala sem mobília
Goteira na vasilha
Problema na família
Quem não tem

Procurando bem
Todo mundo tem...

- Como foi possível perceber, a música relata a perfeição da bailarina a partir dos defeitos e problemas que são comuns a qualquer pessoa. Portanto, já que procurando bem todo mundo tem algo que se distancia da perfeição da bailarina, você certamente também tem.
- Escreva um texto relatando um acontecimento em que você teve que enfrentar algum medo ou problema e que essas dificuldades mostram que você não foi tão perfeito quanto a bailarina da música. Relate o que levou a essa situação difícil, se você superou e como superou as dificuldades encontradas.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título a seu texto.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

Projeto de extensão: Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual – Coordenação Luciani Tenani

E.E. Professora Zulmira da Silva Salles

Nome:

Série/Turma: 6a

Proposta 3

Data:

- Leia o trecho abaixo, retirado do livro "A companheira de viagem", de Fernando Sabino.

HORA DE DORMIR

- Por que não posso ficar vendo televisão?
- Porque você tem de dormir.
- Por quê?
- Porque está na hora, ora essa.
- Hora essa?
- Além do mais, isso não é programa para menino.
- Por quê?
- Porque é assunto de gente grande, que você não entende.
- Estou entendendo tudo.
- Mas não serve para você. É impróprio.
- Vai ter mulher pelada?
- Que bobagem é essa? Anda, vá dormir que você tem colégio amanhã cedo.
- Todo dia eu tenho.
- Está bem, todo dia você tem. Agora desligue isso e vá dormir.
- Espera um pouquinho.
- Não espero não.
- Você vai ficar aí vendo e eu não vou.
- Fico vendo não, pode desligar. Tenho horror de televisão. Vamos, obedeça a seu pai.
- Os outros meninos todos dormem tarde, só eu que durmo cedo.
- Não tenho nada que ver com os outros meninos: tenho que ver com meu filho. Já para a cama.
(...)

- Assim como o garotinho do texto, certamente, você já vivenciou vários conflitos com seus pais. Relate alguma situação em que você queria algo, mas seus pais não permitiram.
- Em seu texto, você deverá relatar:
 - a) O que queria e por que queria;
 - b) Por que seus pais não deixaram; e
 - c) Como você analisa hoje a situação vivida: seus pais tinham ou não razão em negar o que você queria? Por quê?

Seu texto deve conter de 20 a 25 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título ao seu texto.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

Projeto de extensão: Desenvolvimento de Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual

E.E. Professora Zulmira da Silva Salles

Nome:

Série/Turma: 6a

Proposta 4

Data:

- Na história em quadrinhos, Magali percebeu que a Mônica sentiu ciúmes de Cebolinha. Provavelmente, você ou um(a) amigo(a) já viveram situação em que sofreram por algum motivo. Nesse momento, é bom ter alguém que ajude a lidar com a situação.
- Escreva um texto relatando como foi esse episódio. Lembre-se de relatar o(s) motivo(s) do sofrimento, se você ajudou ou foi ajudado por alguém e como enfrentou esse momento.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título a seu texto.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

Projeto de extensão: Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual – Coordenação Luciani Tenani

E.E. Professora Zulmira da Silva Salles

Nome: _____ Série/Turma: 6ª _____

Proposta 5 Data: _____

- Observe a figura abaixo, referente a uma comunidade do Orkut (site de relacionamentos).

orkut Início Perfil Página de recados Amigos Comunidades

Adolescente sofre

Início > Comunidades > Família e Lar > Adolescente sofre

descrição: Se vc eh (ou foi)um adolescente sabe q adolescente sofre:

- tem q cuidar do irmão mais novo
- tem que estudar
- tem q aguentar os pais xingando sua banda favorita
- tem q aguntar o irmão mais velho t chama d pirralho
- nunca pode voltar a hora q quer da balada
- sempre tem um irmão(a) q axa que te manda
- nunca pode ir a balada
- nunca tem razão
- nao pod i nem na eskina e tem q da um relatório pros pais
- tem coração partido
- num pode ir em cinema sozinho
- apanha(em alguns casos)
- tem sempre q obedecer
- lava a louça
- tem prova no colegio
- Tem que mostrar boletim em casa...
- eh zuado na escola
- a mãe chama de bonitinho na porta da escola
- os pais odeiam seu(a) namorado(a)
- tem espinha na caral
- tem que dar satisfação de tudo para os pais!
- eh obrigado a somente a ouvir
- e jamais responder
- não podi fica até hora que quise na net
- tem que menti a idade pra entra no orkut
- ou é gordo... ou é magro de mais..
- nunca estamos satisfeitos
- fika de castigo
- ouvir q nunk temos problemas ;]

Adolescente sofre
(7.134 membros)

- participar
- convidar amigos
- denunciar abuso
- fórum
- enquetes
- eventos
- membros

OBS: Forma escrita mantida do texto original.

- De acordo com o criador da comunidade, adolescente sofre por vários motivos. Você é um adolescente, portanto, passa por algumas daquelas situações colocadas pelo criador da comunidade.
- Escreva um texto relatando um ou mais episódios em que sofreu por ser adolescente ou, caso discorde do criador da comunidade e nunca tenha sofrido por ser adolescente, relate episódios de sua adolescência, argumentando porque adolescente não sofre.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título a seu texto.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

Projeto de extensão: Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual – Coordenação Luciani Tenani

E.E. Professora Zulmira da Silva Salles

Nome:

Série/Turma: 6ª

Proposta 6

Data:

- Cebolinha e Cascão são grandes amigos e quase sempre se divertem juntos. Eles inventam muitas brincadeiras e têm uma infância muito agitada.
- Assim como o Cebolinha, provavelmente você teve um grande amigo na infância com quem brincava muito. Escreva uma carta a esse amigo, relatando como era gostoso brincar com ele e recorde algum dia inesquecível que vocês passaram juntos. Descreva, com detalhes, a brincadeira predileta de vocês.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título a seu texto.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

Projeto de extensão: Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual – Coordenação Luciani Tenani

E.E. Professora Zulmira da Silva Salles

Nome:

Série/Turma: 6ª

Proposta 7

Data:

- Na historinha, o Cascão provoca a Mônica e ela fica chateada com ele. Depois, começa a chover e o Casão precisa de abrigo. No entanto, a casa mais próxima era a da Mônica e ele teve que pedir desculpas para poder ficar na casa dela.
- Assim como o Casão, você, provavelmente, já deve ter brigado com alguém que era seu amigo. Conte essa briga, escrevendo uma carta a ele ou a um amigo em comum. Recorde como foi esse dia, contando como foi essa briga, por que brigaram e se fizeram ou não as pazes.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura.

Anexo 03: Propostas de produções textuais - 7.^a série (2010)



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

Projeto de extensão: Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual – Coordenação Luciani Tenani

E.E. Professora Zulmira da Silva Salles

Nome: _____ Nº _____

Série/Turma: 7^a _____

Proposta 1

Data: _____

- "Você pode ser imortal". Esse é o título da reportagem de capa da revista **Superinteressante** do mês de fevereiro de 2010. A chamada da capa da revista trouxe o seguinte texto: "Em 50 anos, é possível que ninguém mais morra de velho. A ciência está preparando um arsenal de drogas e tecnologia que promete manter você vivo para sempre. E com o corpo que sempre quis".
- Selecionamos, para você ler, alguns trechos da reportagem (p. 43, 48, 49), abaixo transcritos.

Morte morrida é coisa que a *Turritopsis dohrnii* não conhece. A vida dessa espécie de água-viva só acaba se ela for ferida gravemente. Do contrário, a *Turritopsis* vai vivendo, sem prazo de validade. Suas células se mantêm em um ciclo de renovação indefinidamente, como se voltassem à infância. Podem aprender qualquer função de que o corpo precise. É uma verdadeira (e útil) mágica evolutiva. Parecida com a do *Sebastes aleutianus*, um peixe do Pacífico conhecido como rockfish, e de duas espécies de tartaruga, a *Emydoidea blandingii* e a *Chrysemys picta* (ambas da América do Norte). Esse segundo grupo tem o que a ciência chama de "envelhecimento desprezível". Suas células ficam sempre jovens, por motivos que a ciência ainda quer descobrir.

A imortalidade existe na natureza. Não tem nada de utopia. Pena que nós não desfrutemos dessa boquinha. Ao longo do tempo, nosso corpo se deteriora. Perdemos os melanócitos que dão cor aos cabelos, o colágeno da pele, a cartilagem dos ossos – ficamos grisalhos, enrugados, com dores nas juntas. Velhos. Numa sucessão de baixas, células e órgãos vão deixando de cumprir funções cruciais para o corpo. Até que tudo isso culmina numa pane geral. E nós morremos. »

1. CORPO

A imortalidade dará a você o corpinho que quiser. Nada de plástica – é que conseguiremos repor tudo o que estiver gasto no corpo. É a perda de células que faz você ter careca e cabelos brancos, por exemplo. Se as repusermos no futuro com injeções de células-tronco, sua cabeleira manterá o viço. Vai dar até para reverter sinais da idade. Nanorrobôs na corrente sanguínea eliminarão toxinas e dejetos que estejam poluindo o corpo. "As pessoas que receberem essas terapias vão se parecer exatamente com os jovens adultos de hoje", diz Aubrey de Grey, geneticista da Universidade de Cambridge.

2. TRABALHO

Acosentar-se por idade no Brasil, o que é uma realidade?

...culmina numa pane geral. E nós morremos. »

Vocabulário

Utopia: plano ou sonho irrealizável ou de realização num futuro imprevisível.

Deteriorar: danificar.

Melanócitos: cada um de vários pigmentos marrom-escuros ou pretos de estruturas animais ou vegetais.

Colágeno: é uma proteína de importância fundamental na constituição da célula.

Cartilagem: tecido flexível, branco ou cinzento, que se encontra especialmente na extremidade dos ossos.

Culminar: atingir o ponto mais elevado, culminante.

Nanorobôs: são robôs muito pequenos que conseguem manipular e interagir com objetos do tamanho de uma célula.

Toxinas: produto tóxico de elaboração vital (por bactérias, animais, plantas), capaz de provocar a formação de anticorpos.

Dejetos: as próprias matérias fecais expelidas de uma vez.

Células-tronco: células primitivas que dão origem a outras células.

Labuta: trabalho.

Neurocientista: especialista em sistema nervoso.

- Com base no que informa a reportagem, é possível que você venha a ser imortal num futuro próximo.
- Descreva como será a sua vida, levando em conta as informações dadas pela reportagem. Conte, também, o que você pretende fazer para desfrutar dos benefícios da imortalidade.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura.

2. TRABALHO

Aposentar-se por idade no Brasil significa descansar só nos últimos 10% da vida, em média. Se chegarmos aos 300 anos de idade, a labuta irá até os 270. Isso se o governo quiser pagar aposentadoria. Afinal, você continuará jovem e produtivo o suficiente para pegar no batente. Para não morrer de tédio – de tanto trabalhar na mesma coisa –, o jeito vai ser exercer profissões diferentes. "Será possível ter mais de uma carreira ou aprender vários idiomas. O homem terá uma sabedoria jamais vista", diz Anders

E.E. Professora Zulmira da Silva Salles

Nome: _____ Nº _____

Série/Turma: 7^a

Proposta 2

Data: _____

- Leia os quadrinhos abaixo, retirados da história "Surge uma estrela", da Turma da Mônica Jovem.



Parte 1



- Na história da qual os quadrinhos acima foram retirados, um famoso grupo musical composto por quatro garotas, o "Star Stars", abre um concurso para a escolha de uma quinta integrante. Magali é a escolhida e, ao entrar para o grupo, sua vida "vira de pernas para o ar".
- Imagine que, assim como Magali, você se transforme em um(a) super star. Escreva um texto descrevendo como seria a sua vida, que mudanças ocorreriam: em sua rotina, em seu dia-a-dia, em sua privacidade, em seu relacionamento com os amigos.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título a seu texto.

Projeto de extensão: Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual – Coordenação Luciani Tenani

E.E. Professora Zulmira da Silva Salles

Nome: _____

Série/Turma: 7ª _____ Nº _____

Proposta 3

Data: _____

- Leia os textos abaixo.

Texto 1:



Texto 2:

Uma moça se preparou para ir a um baile numa cidade do interior. Chegando lá, um rapaz estranho e que tinha um cheiro ruim porque suava muito pede pra dançar com ela; para não arrumar confusão, ela aceita. Mas o rapaz suava tanto que, no meio da dança, ela não estava suportando mais!

A moça foi se afastando e disse:

- Você sua, hein!

Ele a puxou e respondeu:

- Também vô sê seu, princesa!!!

Texto 3: A garrafa térmica

Uma loira entra numa loja e vê uma coisa brilhante.

- O que é isso? - pergunta ela.

- Uma garrafa térmica - responde o vendedor.

- E o que ela faz? - pergunta ela.

O vendedor explica:

- Ela mantém frias as coisas frias e quentes as coisas quentes.

A loira compra a garrafa térmica. No dia seguinte, ela a leva para o trabalho. Seu chefe, estranhando esse objeto brilhante, pergunta o que é.

- Uma garrafa térmica - responde ela.

- E o que faz? - pergunta o chefe.

- Mantém quentes as coisas quentes e frias as coisas frias - responde a loira.

O chefe pergunta:

- E o que tem dentro?

A loira, satisfeita, diz:

- Duas xícaras de café e um suco gelado...

- Nos textos apresentados, há um fator comum: em todos, há um diálogo entre as personagens e um mal entendido entre elas, o que causa algum humor. De certa forma, os sentidos esperados por uma das personagens não foram os mesmos que os da outra personagem. Isso se dá, entre outros motivos, porque as palavras, as sentenças têm mais de um sentido e as pessoas têm pensamentos, conhecimentos diferentes umas das outras e, por vezes, essas diferenças podem aparecer.
- Certamente, você já passou por alguma(s) situação(ões) parecida(s) ou conhece alguém que viveu alguma história em que havia um mal entendido. Escreva um texto relatando essa(s) história(s), quais as pessoas envolvidas e se esses mal entendidos foram resolvidos.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Se quiser, dê um título a seu texto.

- Leia os textos abaixo.

Texto 1: Turma da Mônica Jovem



Texto 2: Vampiromania

Os vampiros não só habitam o imaginário de vários grupos culturais como também sobrevivem por diversas gerações. A saga *Crepúsculo*, que há mais de um ano é febre entre os jovens, é um exemplo de resistência ao tempo. Nele, a escritora Stephenie Meyer adicionou novas características ao mito, que ficou mais romântico.

Essa atração por vampiros, no entanto, é comum entre jovens, que constroem identidades se afastando do conhecido, do comum.

Folha online 23/12/2009

Texto 3: Happy Rock

Estão saindo de cena a indumentária escura, a maquiagem pesada e as músicas lamuriantes dos "emos", aqueles adolescentes que se divertem sentindo-se tristonhos.

Há cerca de um ano, o cenário pop brasileiro vem sendo tomado por roupas de cores extravagantes e canções animadinhas sobre baladas, namoros e shopping centers. Alternativa ensolarada ao chororô de NXZero e Fresno, essa nova vertente, capitaneada por bandas como Restart e Cine, atende pelo nome singelo de happy rock. "O emo briga com a namorada e fica triste. A gente rompe o namoro e, beleza, a vida continua", diz PeLu, guitarrista do Restart. Não é só a melanolia que foi prosa: a ancestral rebeldia do rock também se foi. Os músicos de happy rock são o orgulho de papais e mamães.

Revista Veja 09/06/2010

Texto 4: A vida de Justin Bieber vai virar filme!

A gente já contou aqui que Justin Bieber vai ganhar uma biografia superdivertida com direito a várias imagens em quadrinhos. Aliás, a previsão de lançamento é para outubro desse ano nos Estados Unidos.

Mas a outra boa notícia é que, além de livro, a vida do nosso cantor favorito também vai virar filme! Sim, é isso mesmo. Se você é apaixonada por ele, vai poder ver a história, curiosidades e alguns shows nas telonas e, OMG! Em 3D!

Ainda não está claro se vai ser um documentário ou não, mas o que importa é que já se sabe que Justin Bieber estará no filme interpretando ele mesmo.

A data prevista para a estreia do longa é 11 de fevereiro, na mesma semana em que os EUA comemoram Valentine's Day (Dia dos Namorados). E então, comece a preparar os suspiros, pois vamos nos apaixonar ainda mais por Justin!

Disponível em: <http://capricho.abril.com.br/famosos/seiba-mais-filme-vida-justin-bieber-584378.shtml>

- Hoje é possível reconhecer novas tribos ou turmas. Essas tribos ou grupos de jovens se identificam com a "causa" e se encontram trocando experiências, frequentando os mesmos lugares, vestindo roupas parecidas etc. Existem várias tribos, e algumas das mais novas são a Vampiromania e a Happy Rock. Também as histórias em quadrinhos estão adequando-se aos novos movimentos, como, por exemplo, a Turma da Mônica Jovem.
- Certamente você já fez ou faz parte de alguma tribo, isto é, quando criança pode ter feito parte da turminha que curti o mesmo desenho animado e hoje, a mesma banda. Escreva um texto relatando se, atualmente, faz parte ou não de uma turma ou tribo. Se fizer parte, conte como é a sua turma ou tribo, ou seja, o que você e sua turma gostam de fazer juntos, onde costumam ir, o que gostam de vestir, que tipo de música ouvem, e dê sua opinião sobre o que acha sobre fazer parte dessa turma. Se não fizer parte de nenhuma turma, relate como são as tribos que conhece, dando sua opinião sobre o que acha sobre fazer parte de uma.

E.E. Professora Zulmira da Silva Salles

Nome: _____

Proposta 5

Série/Turma: 7ª _____ Nº _____

Data: _____

- Nos textos dados, são apresentadas visões sobre uma nova modalidade de relacionamento na cultura brasileira 'o ficar', que designa um envolvimento afetivo sem compromisso, sem fidelidade. Desse modo, o que está em jogo para alguns são a sensação de liberdade e a curtição momentânea. Tanto na entrevista quanto no depoimento há divergências sobre o que os adolescentes acham do assunto. Uns preferem ficar por ficar, outros ficam apenas com sentimentos. A maioria das pessoas acredita que, em um relacionamento afetivo, as garotas são mais sentimentais.
- O que você acha sobre o assunto? Relate uma experiência sua ou de um(a) amigo(a) sobre o tema. Pode ser uma situação que "zidou" ou foi "zuado" por algum colega por nunca ter ficado. Ou, ainda, conte como geralmente se faz para ficar com alguém, se ficou com alguém que, depois, acabou gostando, etc.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escrita. Dê um título ao seu texto.





UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

Projeto de extensão: Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual – Coordenação Luciani Tenani

E.E. Professora Zulmira da Silva Salles

Nome: _____ Série/Turma: 7^a _____

Proposta 6 Data: _____

Texto 1



Não esqueça a minha Caloi.

Olá, eu sou o seu novo amigoinho. E neste Natal, pode ganhar uma Caloi. Recorte a minha figurinha, tire quantas cópias quiser, me espalhe por todo canto: no espelho da mamãe, na cesta de tricô da vovó, na pasta do papai, onde você achar melhor. O negócio é não deixar ninguém esquecer que o que você quer mesmo é uma bicicleta Caloi. Ah! E tem mais: ganhando uma Caloi você também pode estar concorrendo a uma Motoletto. Conte isso pro seu pai, pra sua mãe, pra sua vovó. As instruções para o sorteio estão nas lojas que vendem Caloi. Boa sorte e não esqueça: a Caloi é a melhor bicicleta do Brasil.

Igual à bicicleta que você ganhou quando era criança. Mas com este presente você vai mais longe.



O que o Treo™ tem? Tudo.

- E-mail
- Internet
- Mensagens
- Fotos e vídeos
- MP3
- Organizador
- Bluetooth
- Word, Excel, PowerPoint e PDF

www.palm.com/br

palm **Treo 650**
SMARTPHONE

Natal! Data tão gostosa que lembra nascimento de Jesus, família, a legria, presentes... confusão...

E aí? O que você quer ganhar neste Natal? Escreva uma carta a seus pais tentando convencê-los de comprar o seu objeto de desejo. Nessa carta, insira a propaganda do seu presente. Lembre-se de ser criativo e convincente...

Caso você e sua família não comemorem o Natal, relate o que costumam fazer nessa época. Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título a seu texto.

Anexo 04: Propostas de produções textuais - 8.ª série (2011)



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

Projeto de extensão: Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual

E.E. Professora Zulmira da Silva Salles

Nome: _____ Série/Turma: 8ª _____ Nº _____

Proposta 1 Data: _____

- Leia os textos abaixo sobre amizade.

Bons Amigos

Machado de Assis

Abençoados os que possuem amigos, os que os têm sem pedir.
Porque amigo não se pede, não se compra, nem se vende.
Amigo a gente sente!

Benditos os que sofrem por amigos, os que falam com o olhar.
Porque amigo não se cala, não questiona, nem se rende.
Amigo a gente entende!

Benditos os que guardam amigos, os que entregam o ombro pra chorar.
Porque amigo sofre e chora.
Amigo não tem hora pra consolar!

Benditos sejam os amigos que acreditam na tua verdade ou te apontam a realidade.
Porque amigo é a direção.
Amigo é a base quando falta o chão!

Benditos sejam todos os amigos de raízes, verdadeiros.
Porque amigos são herdeiros da real sagacidade.
Ter amigos é a melhor cumplicidade!

Há pessoas que choram por saber que as rosas têm espinho,
Há outras que sorriem por saber que os espinhos têm rosas!

Como a internet está mudando a amizade

Qual é a primeira coisa que você faz quando entra na internet? Checa seu *email*, dá uma olhadinha no *Twitter*, confere as atualizações dos seus contatos no *Orkut* ou no *Facebook*? Há diversos estudos comprovando que interagir com outras pessoas, principalmente com amigos, é o que mais fazemos na internet. Só o *Facebook* já tem mais de 500 milhões de usuários, que juntos passam 700 bilhões de minutos por mês conectados ao *site* – que chegou a superar o *Google* em número de acessos diários. A internet é a ferramenta mais poderosa já inventada no que diz respeito à amizade. E está transformando nossas relações: tornou muito mais fácil manter contato com os amigos e conhecer gente nova. Mas será que as amizades *online* não fazem com que as pessoas acabem se isolando e tenham menos amigos *offline*, “de verdade”? Essa tese, geralmente citada nos debates sobre o assunto, foi criada em 1995 pelo sociólogo americano Robert Putnam. E provavelmente está errada. Uma pesquisa feita pela Universidade de Toronto constatou que a internet faz você ter mais amigos – dentro e fora da rede.

Camila Costa

Fonte: *Superinteressante*, Edição 288, Fev/2011, p. 55.

- No poema, Machado de Assis declama a alegria de se ter um grande amigo. No texto da revista *Superinteressante*, a internet é apresentada como uma ferramenta que ajuda a ter mais amizades.
- Assim como o autor do poema, provavelmente, você deve ter um grande amigo(a) com quem gosta de passear, conversar e até estudar juntos(as). Escreva um texto, **relatando como surgiu essa amizade**, se usa ou não a internet para se manter contato com seu(sua) amigo(a), e se houve algum bom momento que vocês viveram juntos(as).
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à caneta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Se quiser, dê um título a seu texto.

E.E. Professora Zulmira da Silva Salles

Nome: _____
Proposta 2

Série/Turma: 8ª _____ Nº _____
Data: ____/____/____

- Leia os textos abaixo.

Texto 1.



Texto 2

O que é uma enquete?

Enquetes são predominantemente encontradas na rede, em sites da internet, são perguntas claras e objetivas a qual se referem à análise da opinião de um público transbordado em massa, para definir qual é a forma de pensamento das pessoas sobre determinado assunto.

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20070207102805AAp>
ZstfM

Texto 3

- O que faz você feliz?

Abrir a janela, comer na panela
viajar pela rua, o mundo da lua
Correr para o abraço, que eu desembarço,
ou é andar descalço que faz você feliz?
Será que é cuidar da gente,
cuidar do planeta,
fazer diferente, fazer melhor?
Ficar na cama (só mais um pouquinho!)
Comer um bolinho, fazer um carinho,
Se espreguiçar?
É isso que faz você feliz?
Ou é... adivinhar desejo, estalinho de beijo
amar de paixão, arroz com feijão,
uma bela salada, mido de pão? (...)

Texto 4



Texto 5

TEXTOS PARA PERFIL DO ORKUT 4

então, *varred lá* quem sou eu? (coloque o óculos escuro, não na cintura)

- aquela que sabe *rir* e não tem vergonha de chorar, que descobriu a *pouco tempo* o *sufocamento* que é casar? .
Nunca morei ninguém, apenas se cuide pois você pode ser o primeiro *hehehehehehe*?

Quê saber mais, ad'oe o dedo num vai cai não :D
mais si cair também a gente cola num tem problema

asour
Pode *fluxar* a vontade, porque as melhores coisas da vida eu
faço em *OFF* :D
Beijomeliga? .?

Texto 6

facebook
Quer entender tudo sobre o Facebook?

View and edit your profile

Aqui é hora de se apresentar para os outros usuários da rede social: publicar foto, contatos, status de relacionamento, atividades, interesses, onde estuda, onde trabalha. Um recurso interessante é responder à pergunta "o que você está fazendo agora?", que aparece no canto superior direito da página. Apesar de estar tudo em inglês, não há problemas em usar o

- Enquetes: quem nunca respondeu uma? Perfil no Orkut, no Facebook: quem nunca fez o seu e/ou leu o de alguém? Mas... O que motiva um adolescente a responder uma enquete ou a divulgar seu perfil? E o que faz com que alguém lance uma pergunta desafiadora ou passe uma tarde vasculhando a página dos outros? A CURIOSIDADE... Sempre ela... Queremos e precisamos conhecer outras pessoas. Então, nada como fazer e responder questões. Afinal, **quem é você?**
- Faça o seu perfil como se estivesse iniciando sua página no Facebook. Para tanto, elabore seu texto considerando questões como: 1) Qual o seu nome? 2) Quantos anos tem? 3) Onde mora? 4) Com quem você mora? 5) O que costuma conversar com seus pais? 6) E com seus amigos? 7) O que faz você feliz? 8) O que faz você triste? 9) O que você acha do namoro na adolescência? 10) Qual é o estilo? 11) Que profissão você quer exercer? 12) Qual a importância da escola em sua vida? 13) Qual seria a melhor definição sobre você? Etc. etc.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título a seu texto, se quiser.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

Projeto de extensão: Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual – Coordenação Luciani Tenani

E.E. Professora Zulmira da Silva Salles

Nome: _____

Série/Turma: 8ª _____ Nº _____

Proposta 3

Data: _____

- A carta transcrita abaixo foi postada no fórum de um site de relacionamento. Leia-a atentamente.

Barcelona, 17 de abril de 2011.

Caro brasileiro,

Sou espanhol, moro atualmente em Barcelona, mas morei durante cinco anos em São Paulo, onde estudei e trabalhei como professor de espanhol. Durante o tempo que fiquei no Brasil, além de aperfeiçoar meu português, fiquei admirado pelo país, pela cultura popular e, em particular, pelo povo brasileiro.

Voltei a morar na Espanha há quase seis meses, mas ainda me sinto ligado ao Brasil. É pela consideração que tenho por esse país que escrevo esta carta. Vi nos noticiários internacionais a tragédia que aconteceu em uma escola da cidade do Rio de Janeiro, onde várias crianças foram assassinadas, e fiquei sensibilizado. Gostaria de ter mais informações sobre o caso: como aconteceu, quantas crianças foram mortas e qual a idade média dessas crianças.

A partir do que consegui saber, fiquei pensando sobre a gravidade de uma tragédia como essa para os envolvidos e para a população brasileira em geral. O crime atingiu, ao mesmo tempo, crianças que não tem vínculo nenhum com os problemas pessoais e mentais do assassino e uma escola, um lugar que, a princípio, deve garantir segurança para proporcionar boa qualidade de educação e situações de bom convívio social.

Além de obter informações sobre o que de fato aconteceu, gostaria de saber sua opinião sobre essa tragédia. Você acha que as crianças, mesmo as que não vivenciaram a situação mais de perto, podem desenvolver traumas e acabar tendo medo do ambiente escolar? Se sim, qual seria a melhor forma de proceder para amenizar essas consequências? Você acha que os pais devem conversar com as crianças sobre o ocorrido? E, nas escolas, seria interessante proporcionar discussões sobre esse e outros casos de violência? Em sua opinião, ações como essas surtiriam algum efeito? Se sim, quais?

Termino aqui esta carta e aguardo um retorno.

Coloco-me à disposição para ajudar naquilo que for possível mesmo estando longe.

Como retribuição a tudo o que o povo brasileiro representa para mim, compartilho a dor desse momento.

Atenciosamente,

Francisco González

Massacre de Realengo - Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre

Massacre de Realengo refere-se ao [assassinato em massa](#) ocorrido em [7 de abril de 2011](#), por volta das 8h30min da manhã (UTC-3), na Escola Municipal Tasso da Silveira, localizada no bairro de [Realengo](#), na [cidade do Rio de Janeiro](#). Wellington Menezes de Oliveira, de 23 anos, invadiu a escola armado com dois [revólveres](#) e começou a disparar contra os alunos presentes, matando doze deles, com idade entre 12 e 14 anos. Oliveira foi interceptado por policiais, cometendo [suicídio](#).

A motivação do crime figura incerta, porém a [nota de suicídio](#) de Wellington e o testemunho público de sua irmã adotiva e o de um colega próximo apontam que o atirador era reservado, sofria [bullying](#) e pesquisava muito sobre assuntos ligados a [atentados terroristas](#) e a grupos religiosos [fundamentalistas](#). O crime causou comoção no país e teve ampla repercussão em noticiários internacionais. A presidente do Brasil, [Dilma Rousseff](#), decretou [luto nacional](#) de três dias em virtude das mortes.

- Você percebeu que, em sua carta, Francisco pede mais informações sobre o ocorrido em Realengo e faz uma série de perguntas. Produza uma carta em resposta ao texto escrito por Francisco González. Para atender às expectativas de Francisco, é preciso expor algumas informações sobre a tragédia a que ele se refere e apresentar o que você acha sobre esse tema, levando em consideração as perguntas que ele faz. Tente, ao responder as perguntas, justificar a sua opinião apresentando alguns argumentos. Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escrita.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

Projeto de extensão: Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual – Coordenação Luciani Tenani

E.E. Professora Zulmira da Silva Salles

Nome: _____

Série/Turma: 8ª _____ Nº _____

Proposta 4

Data: _____

- A professora vai ler uma história cujo personagem, Pedro Rimalles, vive uma aventura em um país distante. Trata-se de um anti-herói, ou seja, de um personagem que utiliza a esperteza para obter fama ou proveito próprio.
- Depois de escutá-la, escreva uma narrativa em que você ou um amigo seja o personagem principal que se aventura em uma terra distante. Use a imaginação para propor os detalhes de sua história.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura.

Pedro Rimalles, o curandeiro

Certo dia, Pedro Rimalles chegou a um país muito distante, cansado e sem um centavo. Então decidiu fingir-se de curandeiro para ganhar alguns tostões e não morrer de fome.

"Alguns tostões? Numa dessas até fico rico e poderoso", pensou. Espalhou o boato de que era dotado de grande sabedoria, de que conhecia todas as doenças possíveis e imagináveis e de que curava com remédios misteriosos.

Mas não apareceu ninguém. Nem mesmo um simples doente com tosse.

Soube, então, que o rei desse país muito distante tinha mania de médico e que todos os doentes, querendo ou não, tinham que se tratar com ele.

"Tanto melhor", pensou Pedro Rimalles. "Se eu chegar a curar algum doente que o rei não tenha curado, até rei poderei vir a ser."

E certa manhã, justamente aconteceu que um homem desse país distante acordou com muita preguiça e sem nenhuma vontade de trabalhar.

- Estou morrendo! – gritou. E atirou-se ao chão, fazendo-se de morto.

Cada vez que alguém se aproximava para vê-lo, o homem prendia a respiração e ficava duro.

- Está morto – diziam todos.

Pedro Rimalles se pôs a observá-lo e percebeu que, quando não havia ninguém por perto, a camisa do morto subia e descia com sua respiração. Pra cima e pra baixo, pra cima e pra baixo.

- Por que não chamam o rei para curá-lo? – perguntou Pedro Rimalles.

- E pra quê? Está louco, moço? Não está vendo que o homem está morto?

Pedro Rimalles sorriu, com ar de mistério e disse:

- A morte é uma doença que também pode ser curada. Se a gente souber com quê, é claro.

Todo mundo ficou pasmo. Havia alguém capaz de curar a morte?

- Então cure o homem que acaba de morrer – disse alguém.

- Eu faria isso, mas o rei pode se zangar. Talvez até mandasse me matar.

- Mas se você pode curar o homem, é sinal de que o rei também pode – replicaram.

E foram buscar o rei. Este chegou pouco depois, numa carruagem cheia de potes de unguento, caixinhas de pós e ervas mágicas. Fez o morto cheirar saís, untou-o com pomadas e tentou fazê-lo tomar uma poção especial. Porém o preguiçoso, cansado de se fazer de morto, havia caído em sono profundo e nenhuma das misturas do rei conseguiu fazê-lo acordar. Furioso, o rei chamou Pedro Rimalles:

- Tente você, agora. Mas se não conseguir pôr o morto de pé, farei com que dêem uma surra. Assim acabará toda a sua vontade de fazer-se passar por curandeiro.

Pedro Rimalles enfiou um montão de folhas de diferentes plantas numa cuia e misturou tudo com água do rio. Acendeu um charuto e por três vezes soprou fumaça na cuia. Aproximou-se do morto com a outra mão, sem que ninguém percebesse, apagou o charuto no traseiro do homem.

Ao sentir a terrível dor da queimadura, o morto deu um berro e ficou de pé num pulo. As pessoas mal podiam acreditar no que estavam vendo. E Pedro Rimalles foi aclamado rei, recebendo sua coroa e seu manto.

Ele reinou por muitos e muitos anos naquele país tão distante, até que um dia, farto de receber embaixadores e de dançar a valsa, resolveu ir embora. Tirou a coroa e o manto e foi correr o mundo.

(ORAMAS, Rafael Ribeiro. Pedro Rimalles, o curandeiro. In: *Cantos populares para crianças da América Latina*. 2ed. Trad. e adaptado por Neide T. Maia Gonzáles. São Paulo, Ática, 1985, p.66-71)



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

Projeto de extensão: Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual – Coordenação Luciani Tenani

E.E. Professora Zulmira da Silva Salles

Nome: _____

Série/Turma: 8ª _____

Proposta 5

Data: _____

- Leia os textos abaixo:

Texto 1

Ao aumentar as manifestações em favor da internacionalização da Amazônia, o novo ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, respondeu que a aceitava – por que não? – desde que fossem internacionalizadas também Nova York e Paris. [...]

Com a idéia de internacionalizar também Paris e Nova York, Minc retomava um artigo do senador Cristovam Buarque, publicado em 2000 e de muito sucesso na internet. Cristovam Buarque conta que, questionado sobre a internacionalização, num debate nos Estados Unidos, disse que "como humanista" era a favor – assim como era a favor de internacionalizar as reservas de petróleo do mundo, libertando-as de países que arbitrariamente diminuem o capital financeiro global, sujeito a manobras dos especuladores. Era a favor igualmente da internacionalização dos museus, como o Louvre, "guardiões das mais belas peças produzidas pelo gênio humano". E também de Nova York, como sede da ONU, e de Paris, Veneza, Roma, Londres e Rio de Janeiro, patrimônios da humanidade, sem se esquecer do arsenal nuclear americano, instrumento perigoso demais para estar sob controle de um só país.

Cristovam Buarque estava, claro, dando um chega pra lá nos interlocutores estrangeiros. Mas ao mesmo tempo desenhava um idílico mundo futuro, libertado das soberanias nacionais, em que tudo é de todos. Se tudo der certo no planeta (o que é discutível), quem sabe um dia, daqui a mil ou dois mil anos, cheguemos lá. [...] A internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas. Primeira: que desapareçam os estados nacionais. Segunda: que os grupos, ou comunidades, ou sociedades que restarem, mantenham entre si relações impecavelmente equitativas. Quem sabe, um dia...

(Revista Veja, 28 de maio de 2008)

Texto 2

A velha paranóia brasileira de que a soberania nacional na Amazônia está sob ameaça de potências estrangeiras e de ONGs ambientalistas acaba de ganhar um rosto. É o do milionário sueco Johan Eliasch, conselheiro do primeiro-ministro do Reino Unido, Gordon Brown. Em outubro de 2005, Eliasch comprou 160.000 hectares de terras de florestas na região norte do país, uma área maior que a da cidade de São Paulo. Em seguida, criou a ONG *Cool Earth* (Esfrie a Terra) que tenta angariar doações para adquirir e conservar florestas na Amazônia. [...]

"O Papel do governo deve ser monitorar, fiscalizar e dirigir a ação desses grupos que querem investir, sejam brasileiros ou não", diz Danilo Igliori, professor da Universidade Cambridge, na Inglaterra. "Mas o governo não tem dinheiro para investir na área e faz sentido que o mundo pague para preservar a floresta".

(Revista Época, 02 de junho de 2008)

Texto 3

"O jornal inglês *The Independent* publicou um editorial afirmando que a Amazônia 'era importante demais para ser deixada aos brasileiros.' O *New York Times* publicou artigo em que lembrava uma antiga frase de Al Gore, ex-vice-presidente americano, hoje santo protetor do meio ambiente global: 'Ao contrário do que pensam os brasileiros, a Amazônia não é propriedade deles, e sim de todos nós.'"

(Revista Veja, 28 de maio de 2008)

- Com base em seu conhecimento sobre a atual situação da Amazônia e considerando os argumentos dos textos apresentados, escreva um **artigo de opinião** se posicionando a favor ou contra a internacionalização da floresta.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e ser escrito à **tinta**. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título a seu texto.

E.E. Professora Zulmira da Silva Salles

Nome: _____
Proposta 6

Série/Turma: 8ª _____ Nº _____
Data: _____

Texto 1

Como ganhar uma discussão sobre cigarro

(Revista Superinteressante, agosto de 2011)

Uma lei acaba de proibir o fumo em parques, praças e praias de Nova York. Pode ser o primeiro passo para banir de vez o cigarro da sociedade. O que você acha disso? Escolha seu lado – e saiba como argumentar.



Texto 2

07/05/2009 - 15h45 - de Folha Online

Nova lei limita fumo em São Paulo

A nova lei proíbe cigarro ou derivados de tabaco em ambientes de uso coletivo, públicos ou privado, total ou parcialmente fechados em qualquer um dos lados por parede ou divisória, em todo o Estado. Entre os locais de proibição estão áreas internas de bares e restaurantes, casas noturnas, ambientes de trabalho, táxis e áreas comuns fechadas de condomínios.

A lei não prevê punição ao fumante infrator, mas os estabelecimentos podem ser multados por órgãos estaduais de vigilância sanitária com base no Código de Defesa do Consumidor, podendo ser interditados. A multa também poderá ser aplicada até mesmo nos locais em que ninguém estiver fumando durante a fiscalização, segundo a Vigilância Sanitária. Serão consideradas evidências de desrespeito à nova legislação cinzeiros ou bitucas de cigarro jogadas no chão, no lixo ou em vasos sanitários, falta de placas de proibição ao fumo com menção à nova lei e até cheio de fumaça. As multas constantes na regulamentação assinada hoje vão de R\$ 782 a até R\$ 3 milhões.

Texto 3

É proibido fumar neste local



Para informar o descumprimento da lei, ligue 0800 711 3141 ou acesse www.lei antifumo.sp.gov.br. Lei 13.541/2009 de 07 de maio de 2009.

Texto 4 O mal que o fumo faz – Disponível em http://www.mingadigital.com.br/article.php?id_article=871, acesso em 09/09/2011.

O cigarro pode causar problemas de saúde nas pessoas que fumam e no fumante passivo, isto é, aquele que não fuma, mas fica no ambiente, respirando aquela fumaça. A fumaça do cigarro tem mais de 4.700 substâncias tóxicas. Entre essas substâncias venenosas estão a nicotina, o alcatrão e o monóxido de carbono. O cigarro causa dependência química. O fumo faz mal à pele, deixa as unhas e os dentes amarelados. Além disso, o fumante fica fedendo a cigarro o dia todo. O fumo causa doenças no pulmão, como bronquite crônica, enfisema e câncer. 90% dos casos de câncer no pulmão têm relação com o fumo. O fumo também causa derrame cerebral. A pessoa que sofre um derrame pode ficar paralisada de uma parte do corpo, pode entrar em coma e até morrer. A nicotina pode fazer subir a pressão arterial. Juntamente com o monóxido de carbono, a nicotina pode causar um ataque cardíaco na pessoa e também pode aumentar a acidez no estômago, causando úlceras gástricas. Não são só os fumantes que são afetados pelo cigarro. Adultos e crianças que cheiram essa fumaça constantemente também podem ter problemas: crianças podem ter bronquite, sinusite, asma e pneumonia; adultos correm mais risco de ter um câncer de pulmão ou um ataque de coração. Mães que fumam durante a gravidez podem ter filhos prematuros ou até um aborto. Bebês de fumantes podem nascer com defeitos nos pés e nos dedos e sérias dificuldades para aprender a lição da escola.

- Você leu sobre os vários malefícios que o cigarro pode causar à saúde tanto de quem fuma quanto de quem convive com os fumantes (fumante passivo). No Brasil, em especial no Estado de São Paulo, o fumo, em locais públicos fechados, já está proibido desde 2009. No texto 1, vemos que em Nova York estão proibindo o cigarro até mesmo em locais públicos abertos. Qual sua opinião sobre essas proibições? Faça um artigo de opinião se posicionando a favor ou contra a proibição do cigarro em locais públicos tanto fechados quanto abertos.
- Lembre-se de que seu texto deverá seguir a estrutura argumentativa e ser escrito em linguagem formal.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escrita. Dê um título ao seu texto.

E.E. Professora Zulmira da Silva Salles

Nome: _____
 Proposta 7

Série/Turma: 8ª _____ Nº _____
 Data: _____

Texto 1



Fonte: Revista Superinteressante, agosto de 2011.

Texto 2: "Leio e Escrevo meu Futuro" - alunos destacam importância do projeto

Disponível em <http://www.sites.de.com/hoje.asp?codigo=110>. Acesso em 12/10/2011

(Brasília, Distrito Federal, Brasil - Comuniqué-se)

"Eu vou para o Ensino Médio e já tenho que começar a pensar em mercado de trabalho. Oportunidades como estas dão a ideia de como é o dia a dia de um jornal. Dá mais possibilidade na hora de escolher profissional". Esta foi a impressão da estudante da 8ª série (9º ano) Idésia Pinheiro Medrado após conhecer as instalações do Diários Associados. Aluna do Centro Educacional 11 de Ceilândia (cidade a 28 km de Brasília), ela integrou um grupo de estudantes que fizeram a visita ao Diário, como parte do Projeto Leio e Escrevo meu Futuro.

O projeto transforma a leitura diária e o uso do jornal diário em instrumento multidisciplinar de apoio ao aprendizado, engajando regionais de ensino, escolas, educadores e alunos em um amplo esforço de preparação para participarem do concurso de produção textual que, este ano, tem como tema central "Repensar Brasília: como será a cidade daqui a 50 anos".

Texto 3: Disponível em <http://projetosrc.blogspot.com/2009/05/artigo-de-opiniao.html>. Acesso em 12/10/2011

OS ADOLESCENTES DE HOJE PREOCUPAM-SE MENOS COM O FUTURO

Os adolescentes de hoje realmente se preocupam menos com o futuro e, ao meu ver, não deveriam, pois a adolescência é o foco da vida, a fase de grandes descobertas, mas também aquela em que devemos decidir o presente para que o futuro esteja garantido.

O adolescente, muitas vezes, é bastante cobrado pela família e pela própria sociedade, uma vez que eles nem sempre têm vontade de estarem com a responsabilidade das decisões e de seus deveres em suas mãos.

A grande maioria prefere deixar a vida passar, curtindo apenas o momento e aquilo que a vida lhes oferece, sem fazer muito esforço, o momento é de diversão.

Quando acontece de jovens, uma minoria, acredito eu, se preocuparem mais com o futuro e não apenas com o momento presente, acabam sendo julgados de forma errada, pelos amigos principalmente, que não conseguem entender como esses jovens podem deixar para segundo plano a diversão e se esforçar mais em seus estudos, trabalhos, pois muitos já carregam essa responsabilidade e junto dela a sede por descobrir, conhecer e aprender com as novas experiências que os ajudarão futuramente.

Acredito que todo o esforço e sacrifício feitos hoje resultarão em um futuro promissor e digno de cada cidadão, por isso, aproveitar o presente sim, mas sempre pensando no seu futuro.

ALUNA: Renata Arantes – 3ªA

- Somos, mesmo, movidos por projetos de vida? Estamos preocupados com o futuro? Adolescente não pensa no amanhã? Adolescente é inconsequente? Essas são algumas das questões que podemos formular a partir da leitura dos textos apresentados. E você, adolescente, o que pensa sobre essas questões? Você acha que os adolescentes não pensam no futuro, não fazem planos, não se importam com o amanhã? Muitos podem dizer "sim". Outros, por sua vez, podem dizer "não." E você?
- Faça um artigo de opinião se posicionando a favor ou contra a afirmação: o adolescente se preocupa com o futuro e faz projetos de vida. Você pode se basear nos textos apresentados na coletânea e em sua experiência de vida.
- Lembre-se de que seu texto deverá seguir a estrutura argumentativa e ser escrito em linguagem formal.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escrita. Dê um título ao seu texto.

Autorizo a reprodução xerográfica para fins de pesquisa.

São Jose do Rio Preto, ____ de setembro de 2014.

Assinatura